

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA – UERR
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IFRR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

**O SIGNIFICADO DA AVALIAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO FEDERAL
DE RORAIMA/CAMPUS AMAJARI-RR**

FREDSON DA COSTA RIBEIRO

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO
BOA VISTA
2017**



**INSTITUTO FEDERAL
Roraima**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA – UERR
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IFRR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

**O SIGNIFICADO DA AVALIAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO FEDERAL
DE RORAIMA/CAMPUS AMAJARI-RR**

FREDSON DA COSTA RIBEIRO

**Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Educação da Universidade Estadual de
Roraima, como requisito para obtenção de
Mestrado em Educação.**

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Lopes.

**BOA VISTA
2017**

Copyright © 2017 by Fredson da Costa Ribeiro

Todos os direitos reservados. Está autorizada a reprodução total ou parcial deste trabalho, desde que seja informada a **fonte**.

Universidade Estadual de Roraima – UERR
Coordenação do Sistema de Bibliotecas
Multiteca Central
Rua Sete de Setembro, 231 Bloco – F Bairro Canarinho
CEP: 69.306-530 Boa Vista - RR
Telefone: (95) 2121.0946
E-mail: biblioteca@uerr.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R484s RIBEIRO, Fredson da Costa.

O significado da avaliação para professor do campo: um experiência no Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari-RR. / Fredson da Costa Ribeiro. – Boa Vista (RR) : UERR, 2017. 117f. il. Color. 30 cm.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Roraima – UERR, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Profº. Dr. Sérgio Luiz Lopes.

1. Avaliação 2. Educação do Campo 3. Práticas avaliativas
I. Lopes, Sérgio Luiz (orient.) II. Universidade Estadual de Roraima – UERR III. Título

UERR.Dis.Mes.Edu.2017.07

CDD – 370.19346 (19. ed.)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Sônia Raimunda de Freitas Gaspar – CRB-11/273



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA –
INSTITUTO FEDERAL
Roraima

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IFRR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

FREDSON DA COSTA RIBEIRO

**O SIGNIFICADO DA AVALIAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO FEDERAL
DE RORAIMA/CAMPUS AMAJARI-RR**

APROVADA EM: ____/____/____

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Educação da Universidade Estadual de
Roraima e aprovada pela Banca Examinadora.

Prof. Dr. Sérgio Luiz Lopes (Orientador)

Prof(a). Dr(a). Leila Adriana Baptaglin

Prof(a). Dr(a). Maristela Bortolon de Matos

BOA VISTA
2017
AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grato a várias pessoas e instituições que foram muito importantes para que este trabalho pudesse ser desenvolvido. Inicialmente, agradeço a Deus pela vida e pela saúde até então.

À minha família, em especial à minha mãe, Francisca Lumesia da Costa, e ao meu pai, Farias Nascimento Ribeiro, pelo incentivo ao estudo e pelo sustento. Ao meu irmão, Fagner da Costa Ribeiro, pelo seu apoio ao estudo e incentivo à realização deste sonho.

Ao meu orientador, Dr. Sérgio Luiz Lopes, pelas instruções, pelo cuidado e por me aceitar como orientando.

Ao grupo de pesquisa Formação de professores, práticas pedagógicas e epistemológicas do professor do campo/no campo – FPEC-UFRR, no qual pude conhecer e desenvolver os estudos sobre esta temática.

Agradeço, também, ao Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari, que colaborou e possibilitou, além da realização deste trabalho, uma imensa aprendizagem pessoal.

Aos professores do Mestrado em Educação com os quais tive oportunidade de ter aula. Agradeço-lhes pelas dicas, observações, paciência e incentivo, em especial ao professor Dr Evandro Ghedin pelas leituras e ponderações preciosas sobre esta pesquisa.

Agradeço aos meus colegas de curso, pela convivência e aprendizado.

A todos meu muito obrigado!

O SIGNIFICADO DA AVALIAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO FEDERAL DE RORAIMA/CAMPUS AMAJARI-RR

RESUMO

No atual momento social e político que o Brasil atravessa (2017), aflora a discussão em torno do processo educacional avaliativo nas diversas instituições de ensino. Esta pesquisa problematiza e faz uma reflexão sobre **O significado da avaliação: uma experiência no Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari-RR**. O objetivo da pesquisa é identificar como vem ocorrendo o processo avaliativo, dentro do Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari-RR, com alunos dos primeiros anos do ensino médio integrado. O debate em relação à avaliação, com professores do campo, vem crescendo nos últimos anos. Primeiramente, realizou-se uma reflexão sobre a avaliação escolar na perspectiva da educação do campo. Em seguida, a preocupação centrou-se em conhecer as experiências dos professores de ensino médio do Instituto Federal/Campus Amajari-RR, no processo de avaliação em suas atividades. Os dados coletados por meio de entrevistas gravadas compõem o nosso corpo empírico para a realização da pesquisa. As entrevistas foram analisadas e separadas por categoria: a primeira refere-se a uma reflexão sobre a importância da nota; a segunda traz uma reflexão do Ensino e Didática na perspectiva avaliativa. O trabalho é arrematado com a questão da nota e o discurso dos professores acerca disso. Verificamos, a partir das falas dos sujeitos entrevistados, que parte deles têm uma posição tradicional em relação à avaliação; outros pensam em uma avaliação mais reflexiva e contínua. Percebemos, também, que as cobranças nesse processo acabam gerando certo conflito nesse professor. Escola, governo e sociedade ainda não compreendem com clareza qual o significado da avaliação, é o que se pôde constatar na investigação.

Palavras-chaves: Avaliação. Educação do Campo. Práticas avaliativas.

THE MEANING OF EVALUATION: AN EXPERIENCE AT THE FEDERAL INSTITUTE OF RORAIMA/ AMAJARI-RR CAMPUS

ABSTRACT

In the current social and political moment that we are experiencing in Brazil (2017), there arises the discussion about the educational evaluation process in the various educational institutions. This research problematizes and makes a reflection on "The meaning of the evaluation: an experience in the Federal Institute of Roraima/Amajari-RR Campus". The objective of the research is to identify how the evaluation process has been occurring at the Federal Institute of Roraima/Amajari-RR Campus, with students from the first years of integrated secondary education. The debate over evaluation with field teachers has been growing in recent years. Firstly, a reflection was made on school evaluation from the field education perspective. Next, the focus was on knowing the experiences of the high school teachers of the Federal Institute/Amajari-RR Campus, in the evaluation process in their activities. The data collected through recorded interviews make up our empirical body for the research. The interviews were analyzed and separated by category: the first refers to a reflection on the importance of the note; the second brings a reflection of Teaching and Didactics in the evaluative perspective. The work is completed with the question of the note and the teachers' discourse about it. We verified, from the speeches of the subjects interviewed, that some of them have a traditional position in relation to the evaluation; others think in a more thoughtful and continuous evaluation. We also perceive that the charges in this process generate a certain conflict in this teacher. School, government and society still do not understand clearly what the meaning of the evaluation, this is what has been verified in the investigation.

Keywords: Evaluation. Field Education. Evaluation practices.

TABELA 1 – Ofertas de cursos no Campus Amajari – Ano 2015.....	19
TABELA 2 – Servidores – Ano 2016.....	20
TABELA 3 – Qualificação docente – Ano 2016.....	20
TABELA 4 – Área Básica - turma 122 Agropecuária - Turma 123	
Aquicultura.....	21
TABELA 5 – Área Técnica - turma 122 Agropecuária - Turma 123	
Aquicultura.....	22
TABELA 6 – Representação da média 1.....	42
TABELA 7 – Representação da média 2.....	44

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 - Localização do Instituto Federal Campus/Amajari-RR.....17**
- FIGURA 2 - Foto do Instituto Federal/Campus Amajari-RR18**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	15
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	24
2.1 O currículo com olhar para Educação do Campo.....	33
CAPÍTULO III – UMA CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO.....	37
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	54
4.1 Reflexão sobre a função da avaliação.....	54
4.2 Reflexão sobre ensino e didática na perspectiva avaliativa.....	61
4.3 A importância da nota: o que dizem os professores?.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	77
APÊNDICES.....	84

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na investigação de como vem ocorrendo o processo avaliativo dentro do Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari-RR com os alunos dos primeiros anos do ensino médio integrado, a fim de identificar as dificuldades atinentes e aprofundar os conhecimentos sobre essa temática. Para isso, buscamos compreender a visão dos professores, em sua prática pedagógica, acerca do significado da avaliação da aprendizagem escolar; investigar se fatores institucionais interferem na prática pedagógica dos professores do Instituto Federal/Campus Amajari-RR nos primeiros anos; e identificar se o processo avaliativo ajuda na construção do conhecimento desses alunos.

O interesse por esta temática nasceu de minhas experiências ao longo da minha formação. Em 2010, concluí o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Faculdade Atual da Amazônia; no ano seguinte, em 2011, fiz Pós-graduação em Língua Brasileira de Sinais, na Faculdade Internacional de Curitiba; em seguida, ingressei na carreira de magistério como professor da rede municipal de ensino de Boa Vista-RR. No ano de 2014, concluí minha segunda formação, no curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Roraima – UFRR, juntamente com a segunda pós-graduação, em Psicopedagogia, pela Faculdade Roraimense de Ensino Superior. Em todo esse percurso, procurei ampliar conhecimento e melhorar a qualidade do meu trabalho desenvolvido na educação escolar.

Atualmente, sou professor efetivo do Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari-RR. Essa experiência contribuiu definitivamente para a escolha da temática aqui em questão, já que é no ambiente da sala de aula, enquanto professor, que surgem minhas inquietações, especialmente quando não consigo responder algumas problemáticas ligadas às práticas pedagógicas de colegas de trabalho também docentes. Percebo que a construção do conhecimento do educando deve estar embasada em um processo mais amplo que envolve diferentes aspectos, tais como afirma Gardner (1994;1995;1999) e Campbell (2000): linguístico, lógico, musical, artístico, interpessoal, intrapessoal

e corporal. No entanto, o que é considerado na avaliação de um modo geral, não contempla tais aspectos, muito menos o que é específico de cada grupo.

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar como vem ocorrendo o processo avaliativo dentro do Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari-RR com alunos dos primeiros anos do ensino médio integrado. E tem como objetivos específicos: compreender a visão dos professores, em sua prática pedagógica, acerca do significado da avaliação da aprendizagem escolar; investigar se fatores institucionais interferem na prática pedagógica dos professores do Instituto Federal/Campus Amajari-RR que trabalham com alunos dos primeiros anos no ensino médio integrado; e identificar se o processo avaliativo ajuda na construção do conhecimento desses alunos.

Grande parte da literatura que examinei sobre o processo avaliativo discute questões relacionada ao processo de ensino-aprendizagem. Entre essas produções, destaco os autores: Esteban (2003;2013), Hoffman (2006), Luckesi (2008) e Vasconcellos (2005), os quais, entre outros, vêm afirmando a necessidade de refletir sobre o sentido das práticas avaliativas dos professores. Nenhum desses autores tratou especificamente do tema avaliação dentro da escola no campo. Mesmo assim, as pesquisas desenvolvidas por eles foram muito significativas para refletir sobre os objetivos do nosso objeto.

Apesar dos avanços realizados na educação nos últimos anos, o sistema educacional no Brasil ainda apresenta muitas dificuldades em promover ações eficazes para garantir a inclusão de diferentes grupos sociais sem prejuízo da qualidade da educação¹. Há um paradoxo visível àqueles que fazem e pensam a educação: apesar de haver um incentivo por parte dos órgãos gestores, no sentido de garantir uma educação que atenda melhor os alunos, a escola não consegue aprimorar o fazer educativo que tanto se traduz

¹ Educação é mais um dos temas investigados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD. A investigação deste tema capta anualmente um conjunto de características sobre a escolarização alcançada pela população e, em especial, sobre os estudantes, o que permite acompanhar ao longo do tempo a situação do analfabetismo e da escolarização no País, assim como do nível de educação da população.

No período de 2007 a 2014, foi mantida a tendência de declínio das taxas de analfabetismo e de crescimento da taxa de escolarização do grupo etário de 6 a 14 anos e do nível de educação da população. O diferencial por sexo persistiu em favor da população feminina.

O nível de instrução cresceu de 2007 para 2014, sendo que o grupo de pessoas com pelo menos 11 anos de estudo, na população de 25 anos ou mais de idade, passou de 33,6% para 42,5%. O nível de instrução feminino manteve-se mais elevado que o masculino. Em 2014, no contingente de 25 anos ou mais de idade, a parcela com pelo menos 11 anos de estudo representava 40,3%, para os homens e 44,5%, para as mulheres.

nas práticas pedagógicas, como também no processo avaliativo. Se esse paradoxo é visível nas escolas convencionais, nas escolas do campo ele se transforma num desafio muito mais complexo. Primeiro, porque essas escolas ainda buscam garantir seu espaço na educação brasileira, investindo em projetos que relacionem a cultura e os saberes locais aos conhecimentos essenciais definidos pelas diferentes áreas do conhecimento; e segundo, porque precisam aliar aos seus projetos mecanismos críticos que enfrentem a política dominante, a qual aliena a população e, por isso, esta está sempre aquém do crescimento cultural necessário (BOURDIEU; PASSERON, 1975)². Nesse sentido, refletir sobre as formas de avaliação no processo de aprendizagem dos alunos nas escolas do campo torna-se essencial ao fazer pedagógico, porque, a partir deste, o professor pode valorizar os diferentes saberes ao compreender as diferentes realidades e ao mesmo tempo ser capaz de refletir sobre o processo de avaliação. O presente trabalho é uma oportunidade para esta reflexão.

Esta dissertação divide-se em: “Capítulo I – Caminhos Metodológicos”, que trata do questionamento e da problemática desta pesquisa; “Capítulo II – Educação Escolar na perspectiva da Educação no Campo”, em que discutiremos sobre a importância da educação do campo e da sua especificidade, considerando os aspectos locais, em especial os saberes dos alunos, buscando reflexões que valorizem o desenvolvimento da comunidade; “Capítulo III – Uma concepção de Avaliação”, que traz uma reflexão sobre o processo avaliativo, ponto no qual abordaremos a importância da reorientação dos conteúdos identificados como os mais difíceis, porque são aqueles que alunos demonstram maior dificuldade de aprendizagem.

No “Capítulo IV – Análise das Entrevistas”, foram analisadas as entrevistas realizadas com professores, as quais nos ajudaram a fundamentar e aprofundar o objeto em estudo. A partir das falas, buscou-se compreender melhor a prática do professor no espaço escolar em tempos de incertezas. Por fim, apresento algumas considerações em torno desta reflexão, numa tentativa de retomar o tema, em um futuro próximo, com novas pesquisas.

² Bourdieu e Passeron (1975) colocam que este caráter dominante de determinados grupos ou classes faz com que exerçam um monopólio da violência física legítima através do Estado e o monopólio da violência simbólica que, nas sociedades contemporâneas, se estabelece através do sistema escolar ou sistema de ensino dominante

CAPÍTULO I – CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa aqui apresentada visa a analisar as práticas avaliativas dos professores do Instituto Federal/Campus Amajari. Buscou-se investigar, sobretudo, se a avaliação proposta pelo Instituto Federal/Campus Amajari contribui significativamente no processo de ensino-aprendizagem, isto é, se além da preocupação em resolver uma ou outra dificuldade, a instituição considera primordial, especificamente, a ação de refletir e identificar condições para transformar o pensamento dos entes envolvidos nessa caminhada. Assim, o presente trabalho foi construído a partir das questões abaixo relacionadas, as quais nortearam todo o processo de investigação. Tais questões foram categorizadas na etapa da análise de dados (cf. Apêndice 2).

- a) O que os professores do Instituto Federal/Campus Amajari entendem sobre avaliação?
- b) Como os professores refletem sobre Ensino e Didática na perspectiva avaliativa dentro do Instituto Federal/Campus Amajari?
- c) Qual a importância da nota para estes educadores? Como eles refletem sobre sua prática avaliativa?
- d) Existem outros fatores que colaboram ou interferem dentro do processo avaliativo do Instituto Federal/Campus Amajari?

Na busca pelas respostas a tais questões, delimitamos a pesquisa de campo a um grupo de professores que trabalha com alunos atendidos pelo Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari-RR. Esse alunado possui características peculiares, pois é composto por povos indígenas, produtores rurais, moradores da Vila Brasil e comunidade venezuelana, cujas realidades social, cultural e étnica são bastante diversificadas.

Quando nos propomos a discutir o processo avaliativo dentro do Instituto Federal/Campus Amajari-RR, não podemos ignorar dois aspectos: primeiro, os diferentes saberes oriundos de uma comunidade cultural tão

diversa; segundo, a abordagem da temática da avaliação não pode prescindir essa complexa

diversidade que caracteriza esta comunidade de ensino, nem pensar que esse estudo vai resolver os problemas enfrentados por essa comunidade.

Tendo em vista o foco da pesquisa, a saber, investigar se a avaliação proposta pelo professor é concebida como instrumento de tomada e retomada na construção do conhecimento, elaboramos um roteiro de entrevista que possibilitasse um diálogo simples, capaz de proporcionar uma relação de confiança entre os sujeitos dessa pesquisa. O roteiro de entrevista é composto por perguntas direcionadas ao objeto dessa pesquisa: as práticas avaliativas. Convém salientar que, no ato da entrevista, respeitou-se a sequência das perguntas.

A análise de dados da pesquisa realizada, cujo *locus* é o Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari-RR , enquadra-se na abordagem qualitativa, uma vez que o intuito é explorar os discursos dos professores em sua realidade, buscando compreender o sentido que o avaliar tem para eles, pois. A análise qualitativa procura evidenciar os fatores singulares do contexto sociocultural favorecendo ao pesquisador um leque de possibilidades que o aproxime dos motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que não podem ser meramente quantificados. Nesse sentido, tais aspectos necessitam de uma análise subjetiva que também contemple o contexto onde serão observados. Segundo Garbosa e Oliveira (2009, p. 02) “a abordagem qualitativa é aquela que não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados”.

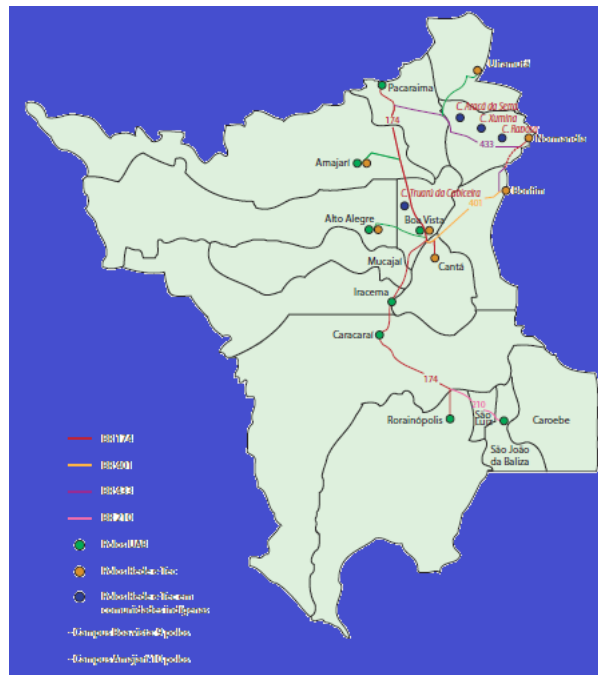
De modo geral, a abordagem qualitativa exige a realização de entrevistas, quase sempre longas e semiestruturadas. A opção escolhida para esta pesquisa foi a entrevista gravada, pois se entende que, para responder as nossas inquietações, seria a melhor forma dos entrevistados aprofundarem mais as suas respostas.

No processo de transcrição das entrevistas, zelamos por cada resposta, para não ferir o depoimento de cada sujeito envolvido na pesquisa. Assim, a possibilidade de uma interpretação errônea por parte do pesquisador é bem menor. O roteiro de entrevista gravado oferece uma série de aspectos capazes de integrar de forma mais abrangente e detalhada as angústias do

pesquisador, buscando suas respostas nas afirmações e contradições dos entrevistados.

Como já mencioamos, o *locus* da nossa investigação foi o Campus Amajari-RR, que está localizado no município de Amajari-RR em Roraima, distante 156 km da capital do estado, Boa Vista.

Figura 1 – Localização do Instituto Federal/Campus Amajari-RR .



Fonte: Brasil, Mec/SETEC

O Campus Amajari (CAM), vinculado à Universidade Federal de Roraima (UFRR) e Instituto Federal de Roraima (IFRR), foi implantado em 2009, de modo que a oferta de cursos é muito recente. O Campus ocupa uma área total de 256 hectares. Possui uma estrutura física composta por um bloco de dois andares para área administrativa; dois blocos para ensino, pesquisa e extensão, com oito salas de aula, três laboratórios e uma biblioteca; um restaurante; dois alojamentos: um feminino e outro masculino; uma casa de apoio para o coordenador de alojamento; um ginásio poliesportivo com academia; uma área de convivência em forma de tapiri; um laboratório de aquicultura e um almoxarifado.

Figura 2 – Foto do Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari



Fonte: Queiroz Ramon (2016)

A região norte do estado de Roraima apresenta uma realidade social, cultural e étnica altamente miscigenada, em especial devido à convivência entre os indígenas que habitam as áreas demarcadas, os produtores rurais de grãos e criadores de gado, e ainda, os pequenos produtores beneficiados em projetos de assentamentos rurais.

A implantação do Campus Amajari-RR na região, no ano 2009, decorreu de conversas com a comunidade e de projeto que objetivava a educação intercultural e a educação do campo como interfaces contempladas no fazer pedagógico, considerando a comunidade e o encontro social e étnico. Assim, na proposta do Campus Amajari-RR, a educação é concebida como um vetor estratégico para o desenvolvimento territorial sustentável e como uma força mobilizadora capaz de articular as inovações que se pretendem para a transformação da realidade produtiva, ambiental, política e social.

Embora o Instituto tenha sido construído e inaugurado em 2009, somente a partir de 2010 é que se iniciaram as suas atividades, ofertando-se o curso Técnico em Agricultura. No ano de 2011, foram iniciadas as turmas do curso Técnico em Agricultura, concomitante ao Ensino Médio, totalizando 41 alunos. Em 2012, iniciaram-se duas novas turmas do curso Técnico em Agricultura integrado ao Ensino Médio, totalizando 62 alunos. Hoje, o Campus

já conta com os cursos técnicos em Aquicultura e Agropecuária e Agricultura atendendo mais de 250 alunos, em várias modalidades. Em 2016, iniciou-se o primeiro curso superior em Agricultura, com 35 alunos.

TABELA 1 – Ofertas de cursos de extensão no Campus Amajari – Ano 2015

POLOS	CURSOS	ALUNOS
AMAJARI-RR	Técnico em Cooperativismo	15
	Técnico em Informática	16
UIRAMUTÃ	Técnico em Cooperativismo	19
	Técnico em Informática	47
ARAÇÁ DA SERRA	Técnico em Cooperativismo	17
	Técnico em Informática	12
XUMINA	Técnico em Cooperativismo	25
	Técnico em Informática	22
RAPOSA I	Técnico em Cooperativismo	13
	Técnico em Informática	21
TRUARÚ DA CABECEIRA	Técnico em Informática	30
CANTÁ	Técnico em Informática	37
TOTAL		274

Os cursos técnicos de extensão contam com aulas online e presencial concomitantemente; os professores deslocam-se às comunidades em determinados períodos de tempo e no período afastado realizam atividades

online acompanhando os alunos. A educação a distância é uma modalidade de ensino que vem crescendo no Brasil e tem como objetivo proporcionar uma aprendizagem ativa e autônoma, ao mesmo tempo em que facilita o acesso ao ensino, proporcionando condições às pessoas que não têm condições de participar do sistema presencial.

No exercício 2016, o quadro funcional do Campus Amajari-RR contava com 90 servidores, entre eles técnicos administrativos e docentes qualificados.

TABELA 2 – Servidores (2016)

Diretor-Geral	1
Professor Ensino Básico, Técnico e Tecnológico	40
Professor Substituto	5
Técnico com Ensino Superior	12
Técnico Fundamental	13
Técnico Médio	19
Total	90

TABELA 3 – Qualificação Docente (2016)

Especialistas	18
Mestrandos	4
Mestres	18
Doutorandos	3
Doutores	8
Total	51

Pode-se observar que, diante do universo de 51 professores, 22 são especialistas e quatro já estão em formação de mestrado; 21 são mestres e três estão em formação de doutorado e oito são doutores. A partir do quadro acima, percebe-se que os professores possuem uma ótima qualificação em relação ao que se observa na realidade brasileira. Assim, tendo em vista como a cultura escolar está definida, temos como sujeitos de investigação os professores que ministram aulas nos primeiros anos do ensino médio integrado ao Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari-RR, que totalizam 22

professores, distribuídos em Área Básica e Área Técnica. Diante dessa população, definimos nove professores para a amostra. Para preservarmos a identidade dos respondentes, identificamos os informantes com uma letra do alfabeto. Assim, foi possível explorar e refletir melhor sobre as suas angústias, vivências e experiências com o seu fazer pedagógico.

TABELA 4 – Área Básica - turma 122 Agropecuária - Turma 123 Aquicultura

Área Básica	Disciplina	Turma
Professor A	Biologia	122
Professor B	Geografia	122 -123
Professor C	Física	122 – 123
Professor D	Química	122 – 123
Professor E	Sociologia	122 – 123
Professor F	Matemática	122
Professor G	Biologia	123
Professor H	Educação Física	122 – 123
Professor I	Matemática	122 -123
Professor J	História	122 – 123
Professor K	Português	122 – 123
Professor L	Artes	122 – 123
Professor M	Português	122 – 123
Professor N	Informática Básica	122 – 123
Professor O	Projetos de intervenção	122 – 123
Professor P	Inglês	122 – 123

TABELA 5 – Área Técnica - turma 122 Agropecuária - Turma 123 Aquicultura

Área Técnica	Disciplina	Turma
Professor Q	Saúde e segurança no trabalho	122
Professor R	Princípios de Agroecologia	122
Professor S	Piscicultura ornamental – Parte 1	123
Professor T	Piscicultura Ornamental – Parte 2	123
Professor U	Introdução à Aquicultura	123
Professor V	Introdução à Agropecuária	122

O grupo selecionado para a pesquisa foi definido a partir de um sorteio e, em seguida, realizamos o convite, explicando como seria a pesquisa e quais seriam os procedimentos adotados para a coleta de dados. O procedimento realizado, como já havíamos colocado, foi a entrevista gravada, cujo objetivo foi verificar como vem realizando o processo avaliativo, isto é, conhecer, entender e refletir sobre o modo como cada um avalia seus alunos, sua prática pedagógica e também os seus procedimentos metodológicos no processo de

ensino. Após a realização do sorteio entre todos os participantes, verificou-se se o professor sorteado aceitaria ou não ser entrevistado. Esse processo aconteceu até alcançar o número suficiente de entrevistados para responder as questões de nossa pesquisa.

Em uma pesquisa de abordagem qualitativa, o número de sujeitos que compõem a entrevista dificilmente pode ser definido de início, tudo depende da qualidade das informações obtidas por cada entrevista realizada. Após a seleção, discutimos como iríamos intervir dentro do Instituto Federal/Campus Amajari-RR. Selecionados os sujeitos, privilegiamos os que possuem mais disciplinas dentro das turmas de primeiro ano, por entendermos que estes atenderiam melhor ao nosso objeto de estudo.

As entrevistas foram aplicadas em salas do próprio Instituto Federal/Campus Amajari-RR . Ocorreram algumas dificuldades para agendar horários com alguns professores, pois muitos não dispunham de tempo. Em alguns momentos, realizaram-se entrevistas fora do campus, devido ao planejamento de alguns professores serem diferenciados, uns na segunda e metade da terça e outros na metade da quinta e na sexta.

Para utilizar as entrevistas realizadas com objetivo de análise de dados, solicitamos autorização dos participantes por meio de documento assinado, resguardando a idoneidade da fala de cada participante.

Cada participante acrescentou elementos construtivos para refletir nosso objetivo de pesquisa. Essa forma de pesquisa, através de entrevistas gravadas, proporcionou a obtenção de informações inesperadas, as quais beneficiaram nossa análise.

Após a gravação das entrevistas, procedeu-se à transcrição das mesmas em forma digital, o que facilitou a organização do material coletado para a análise dos dados. Para analisar as respostas distribuimos as mesmas nos seguintes tópicos: reflexão sobre a avaliação; reflexão sobre o ensino e a didática na perspectiva avaliativa; a importância da nota e outros.

Para nos aprofundar no nosso objeto, utilizamos a análise de conteúdo, que é uma técnica refinada utilizada pelo pesquisador no processo de organização das categorias e na interpretação de dados. Esse tipo de técnica ajuda a desvelar com mais clareza opiniões, crenças e depoimentos complexos

ao longo da pesquisa. Assim, conforme afirma Bardin (1977), a análise de conteúdo se constitui de várias técnicas onde se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos. Ou seja, tal técnica é capaz de apresentar novas interpretações, sejam elas quantitativas ou qualitativas permitindo a inferência de conhecimentos.

CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Neste capítulo, discutiremos sobre a importância da educação do campo à luz de alguns autores, tais como: Arroyo (2004), Ghedin (2012, 2015) e Molina (2004), que nos ajudarão a refletir e aprofundar a temática proposta.

O que move o texto a seguir é a reflexão sobre os desafios da educação do campo na atual conjuntura, sobretudo considerando a ampla diversidade sociocultural dos sujeitos envolvidos. Não se pode esquecer de dizer que a educação do campo é resultado de lutas historicamente travadas tanto no plano nacional, como no plano local, envolvendo camponeses, ribeirinhos e demais trabalhadores do campo e dos povos da Amazônia. Acrescentam-se a isso as questões políticas e os movimentos institucionalizados que foram construídos no Brasil, em especial nas últimas duas décadas. Isto se deve ao fato de, historicamente, o país ter vivenciado, de forma visível, uma divisão injusta do capital financeiro pelo poder econômico governamental, que concentrou as riquezas nos centros urbanos, deixando de lado as comunidades que residem no campo, conforme atesta os estudos de Freire (1996; 2001).

Em consequência disso, ao longo de um processo histórico, os sujeitos do campo não tiveram os seus direitos respeitados, tanto no que se refere à terra quanto à educação escolar, conforme registra Nelson Werneck, em *A questão agrária no Brasil* (2011), e Gilberto Freyre, em *Casa-grande e Senzala* (2006). É sabido que as terras sempre serviram ao grande latifúndio, o que acabou criando muitas dificuldades para as populações camponesas, como é o caso do acesso à escola, aos direitos sociais e à cultura do mundo contemporâneo.

Para que essas comunidades possam compartilhar do conhecimento disponível e, com isso, criar novas possibilidades de desenvolvimento, faz-se necessário repensar não somente as políticas educacionais voltadas aos sujeitos do campo, como também lançar um olhar diferente sobre o que se entende por campo no atual contexto. Para atender aos interesses do capitalismo, o Estado não teve como propósito atender as demandas do campo de forma mais justa, pois concentrou grande parte dos investimentos nos

centros urbanos das cidades enquanto relegou às áreas campestres deste país a um relativo abandono.

Seria adequado oferecer os serviços necessários a toda a população, criando condições de vida e sobrevivência no campo para que não houvesse a necessidade de migração para os grandes centros. Isso poderia acontecer apenas se fossem oferecidos, com qualidade, dois tipos de serviços do Estado de direito de todos os cidadãos: atendimento adequado à saúde e a educação em todos os níveis de escolaridade para ampliar significativamente o nível cultural e científico das populações do campo. Tal formação, especialmente em nível superior, deveria ser proporcionada por área de conhecimento, segundo as potencialidades econômicas de cada microrregião, atendendo à perspectiva que a população local já criou para si como resposta aos desafios de suas condições e limites. Mas isso não é suficiente, é preciso criar condições de produção e desenvolvimento. Não basta dar formação técnico-científica; é necessário criar, implantar, desenvolver e consolidar uma cadeia produtiva em cada região para lhe oferecer condições de produzir sua autonomia. (GHEDIN, 2012, p.14).

Percebem-se a ausência de políticas adequadas no Estado Brasileiro que fortaleça a existência e a permanência dos sujeitos do campo em suas comunidades, conforme os estudos de Ghedin (2012). A ausência de tais políticas para o povo do campo geram consequências que afetam a saúde e a educação dessas comunidades; isso sem falar no forte processo migratório do campo para a cidade em busca do atendimento a essas necessidades básicas, já que ao homem do campo esses serviços foram negados pelo estado.

Aqueles que conhecem a educação do campo, como os pesquisadores e os envolvidos em trabalhos desenvolvidos pelas universidades, entendem que a presença de políticas públicas para o fortalecimento da escola do campo é a melhor saída para amenizar os problemas de uma realidade injusta, que recebe o mínimo de incentivo do governo, e para contribuir de alguma forma com melhorias significativas destas comunidades.

Diante do exposto, nasce uma discussão em torno de consciência crítica que pode ajudar a escola.

A consciência de que a cultura também morre deveria nos mobilizar constantemente em torno do modo como pensamos e agimos sobre nosso tempo de transição entre um mundo ainda por se fazer e um mundo já concluído em um tempo que não se completa, que não se encerra em si mesmo. O que constrói uma civilização é a visão de futuro que ela possui enraizada em um passado que vive a permanente tensão entre a tradição e a transgressão. Uma visão empobrecida de nossa maneira de compreender o presente aumenta as possibilidades que apressam o fim das civilizações. (GHEDIN, 2012, p.17).

Destarte, além de uma escola com os seus princípios educativos, faz-se necessário dialogar com os professores e alunos a todo instante para que exista um fazer pedagógico dialógico, como propõe Freire (1996) em seus estudos. Afinal, somente construindo um olhar crítico sobre a realidade é possível dar sentido às reais expressões e vivências dos sujeitos do campo em suas dimensões sociais, políticas e culturais. Cada professor tem as suas experiências, que proporcionam diversas possibilidades para as pessoas que estão inseridas nesse contexto.

Mesmo com algumas mudanças ocorridas nos últimos tempos no espaço escolar, as escolas do campo encontram dificuldades em transformar o cidadão em um crítico participativo, através de novos conhecimentos científicos ou até mesmo do conhecimento tradicional existente. Isso ocorre porque não se apropriaram dos conhecimentos produzidos pela ciência, nem da tecnologia, em razão da ausência de políticas que contemplem essas comunidades.

Para se ter uma escola crítica é preciso que a mesma seja percebida a partir de dois eixos. O primeiro eixo diz respeito a uma escola mais aberta ao diálogo, como propõe Arroyo (2004) e o segundo eixo diz respeito a uma escola que apresente com clareza uma proposta de novas práticas pedagógicas reflexivas, com elementos para formar jovens não apenas para o mercado de trabalho, mas sim, mais humanizados e atentos a compreender a sua realidade. Nesse sentido, ela estará propiciando fundamentos para atender efetivamente aos homens do campo.

Podemos arriscarnos a dizer que a escola, nesse processo de novos olhares e entendimentos, deve romper com a escola unilateralizada que conhecemos historicamente, e adotar diferentes modos de entendimentos sobre contextos variados e também sobre como os jovens constroem seus próprios conhecimentos, levando-se em consideração que existem diferentes maneiras de se construí-los.

Ainda sobre a questão da crítica reflexiva no espaço escolar:

Refletir criticamente significa colocar-se no contexto de uma ação, na história da situação, participar em uma atividade social e assumir uma postura ante os problemas. A reflexão crítica constitui-se em uma ação, na história da situação, participar em uma atividade social e assumir uma postura ante os problemas. A reflexão crítica constitui-se em uma atividade pública e, portanto, política. (GHEDIN, 2012, p.36).

Ou seja, para refletir criticamente acerca do crescimento envolvendo todos, faz-se necessário que os envolvidos estejam dispostos a compartilhar novos saberes. A partir da realidade, o conhecimento é construído de modo a transformar os alunos em seres críticos e participativos na sociedade em que vivem.

Não podemos começar uma discussão sobre educação do campo sem ter como foco o entendimento da importância do trabalho e das relações socioculturais entre as pessoas envolvidas nesse cotidiano. Com essa reflexão, podemos compreender que o ser humano socializa através do trabalho, resignificando seu modo de vida e seu pensamento em relação à sociedade no qual está inserido.

O ser humano age produzindo e transformando seu ambiente e, para tal fato, ele pensa, planeja sua ação e depois executa. Dessa forma, cria espaço social como sujeito da própria existência, estruturando o grupo social e sua prática expressa em sua subjetividade e em sua consciência. (GHEDIN, 2012, p.80).

O que procuramos com essa reflexão é destacar as lutas e conquistas das pessoas que vivem no campo e, com isso, fazer uma análise tanto dos aspectos sociais, culturais e políticos, buscando entender o significado de campo na atual conjuntura.

É importante salientar que as nossas reflexões propiciam aos sujeitos do campo entendimentos diversos sobre como se organizarem, muitas vezes com o objetivo de se beneficiar, individualmente, no primeiro momento, não tendo em vista o trabalho voltado para o bem comum a todos. Esse percurso deixa evidente essas contradições presentes em todo percurso do trabalho humano, desde as formas de se organizarem, formando uma base através da definição de valores do que é certo ou errado para determinada organização social.

Um ponto fundamental para o desenvolvimento da sociedade é o trabalho humano, por ser uma atividade na qual o ser humano utiliza sua energia física e psíquica para satisfazer suas necessidades, para atingir determinado fim. O trabalho humano modifica o meio ambiente alterando a cultura, acrescentando um novo mundo. Portanto, ele é essencialmente ligado a uma relação dialética entre o ser humano e a natureza, entre o saber e o fazer, ente a teoria e a prática. (GHEDIN, 2012, p.80).

Com as mudanças socioculturais realizadas pelo próprio ser humano, a sociedade se organiza criando e dividindo atividades que facilitam o convívio social. Essa organização social facilita a sobrevivência e garante proteção aos integrantes dessa sociedade. Dentro desse contexto de lutas e dificuldades no espaço escolar, pode-se ressaltar que os movimentos sociais junto às escolas têm realizado um trabalho coletivo em busca de melhorias. Tal trabalho tem relevante contribuição, uma vez que reivindica novas políticas públicas com o propósito de beneficiar a sociedade, em especial os povos do campo.

A luta é constante para a construção de uma escola reflexiva. Conforme atesta Althusser (1992), a educação aparece como um dos instrumentos da classe dominante para legitimar diversas formas de dominação e alienação da sociedade capitalista. Mas, entende-se que é através da educação que se pode construir a crítica e romper com o atual modelo de escola, estático e sem clareza em seus propósitos. Nesse sentido, a educação do campo ainda não se consolidou definitivamente, não tem uma base sólida.

Diante de tal contexto, o professor da escola do campo comprometido com a mudança deve atentar, como já vimos frisando, para as características culturais, sociais e históricas dos sujeitos aprendizes no seu aspecto racional. É papel do professor do campo avaliar o que o aluno adquiriu não apenas em termos de aprendizado da técnica, mas também de entendimento de que a apropriação desse conhecimento capacita-lhe a intervir na sociedade. Esse compromisso com a sociedade pode se concretizar quando o professor tiver a clareza de seu papel como sujeito que constrói não somente conhecimento, mas também favorece uma formação reflexiva de todos os envolvidos neste processo de autonomia.

Diante do exposto, as escolas do campo, dentre os seus desafios, têm buscado a partir de uma proposta de educação popular construir uma escola pública capaz de assumir especificidades dos sujeitos do campo, tais como: entendimento da história dos sujeitos, construção de conhecimentos úteis para compreensão da realidade e uma visão crítica de homem.

O conhecimento sistematizado e a experiência educativa são matrizes educacionais que fundamentam aprendizagens construídas a partir da experiência da comunidade e não uma imposição. É

importante que a construção de uma proposta de uma política de educação do campo leve em consideração a multiculturalidade que forma a cultura e a educação na Amazônia, expressando as diferenças, as contradições, a forma de viver, respeitando a cultura das mulheres, dos homens, dos jovens, das crianças e dos idosos nos mais diversos ambientes. (GHEDIN, 2012, p.115).

Com objetivo de conquistar uma educação significativa e reflexiva, professores trabalham uma educação com novas estruturas pedagógicas, tendo como destaque as experiências vivenciadas pela comunidade local. Dessa forma, a educação do campo, constrói a partir de diversos olhares críticos e reflexivos possibilidades de construir novas perspectivas para que de fato o cidadão torne-se um colaborador em sua comunidade.

A construção da cidadania é um objetivo da educação e a escola encontra-se diante de alguns desafios. Entre eles, destacamos a luta na construção de uma base cultural para todos e o respeito às diferenças individuais, culturais e sociais. (GHEDIN, 2012, p.120).

Refletir sobre uma educação voltada para os cidadãos das camadas populares do campo é pensar sobre uma educação popular, como destacou Freire (1996), em sua *Pedagogia da Autonomia*. Freire leva em consideração um fazer que envolve o sujeito em pelo menos três dimensões: a política, a social e a emancipatória. Nestas dimensões, destacam-se os fatores sociais no percurso educacional a partir da realidade do aluno e das suas vivências, de modo a construir caminhos para melhorar a qualidade de vida dos envolvidos no processo. Por isso, Freire (2001, p.85-91) defende a ideia de que deveria a escola enfatizar a participação, a ingerência e o diálogo; com atividades plurais, ela deveria ser uma comunidade do trabalho e do estudo, privilegiando o trabalho em grupo envolvendo todos. Deveria fazer o aluno “aprender a aprender” ao enfrentar as dificuldades, resolver questões, desenvolver hábitos de solidariedade, de participação, de investigação e, ainda, criar oportunidades de participação no próprio comando da escola.

Diante do exposto, é possível constatar que a educação do campo segue os fundamentos da educação popular defendida por Freire (1996). Esta aproximação possibilita uma melhor reflexão sobre as pessoas que moram e trabalham no campo, pois leva em consideração a biografia e história de vida de todos os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Dessa forma, é

possível para o professor tanto compreender como esses sujeitos se organizam em busca de condições que facilitem seus objetivos dentro da comunidade, como organizar estratégias de ensino para que sejam cada vez mais bem-sucedidos.

O professor que procura, em sua rotina, fortalecer as reflexões sobre sua realidade sociocultural estará voltado para a construção de novos saberes e possibilidades, transformando as pessoas em sujeitos críticos e participativos, atuantes dentro das comunidades nas quais estão inseridos. Dessa forma, poderão contribuir para a construção da comunidade, que busca uma aprendizagem pautada na realidade, sendo essa realidade seu foco de reflexões, colaborando assim para a valorização e o respeito à diversidade sociocultural de toda comunidade.

Ao refletir sobre a capacidade que o processo educacional exerce no crescimento sociocultural, procuramos desenvolver experiências que contribuam para a construção de novos saberes, pois podem proporcionar momentos enriquecedores de avaliações e retomada de vivências significativas, dependendo do que se percebe dentro da caminhada.

Na busca de parâmetros para a formação dos professores do campo não devemos pensar em um profissional que conheça apenas as teorias vinculadas ao ensino universitário. O ensino promovido pela universidade é muito importante, contudo a orientação deve levar em conta o estabelecimento de vínculos com a realidade em que se encontra a comunidade que será atendida pelo educador. Ghedin (2012, p.130) afirma que, quando o professor reside no local, sendo integrante da comunidade “aumentam-se as possibilidades de ele se tornar um agente da própria história, valorizando os conhecimentos historicamente construídos pelos trabalhadores do campo”.

Nessa mesma linha de pensamento, a proposta da educação do campo deve procurar estar atenta à realidade da vida, das condições de trabalho e das relações sociais estabelecidas pelos sujeitos do campo, pois é seu objetivo proteger a identidade e os valores socioculturais dessas comunidades. Entende-se que o campo é um lugar de relações socioculturais, pois existem trabalhos que, em sua maioria, envolvem muitas pessoas da

comunidade, e é esta realidade que favorece uma melhor organização tanto na educação quanto na saúde. Nesse sentido,

[...] a educação, seja ela formal, seja informal, significa uma ação entre os seres humanos, que orienta a aprendizagem dos sujeitos para determinada sociedade desejada. Diante disso, podemos então concluir que a educação é um ato político, por estar vinculada à organização da sociedade, interferindo no comportamento das pessoas; ou seja, educação é relação de poder, principalmente na sociedade de classes. (GHEDIN, 2012, p.209).

O campo, no decorrer da história, tem sua realidade igualada a um campo de batalha, e para que essa realidade seja alterada, cabe ao professor perceber e refletir sobre esta realidade sociocultural, desenvolvendo um trabalho pedagógico capaz de criar possibilidades de desenvolvimento da comunidade. Com essa ação, as pessoas envolvidas no processo transformam-se em pessoas que lutam por seus direitos, tendo maior possibilidade de conquistas.

A educação do campo, quando propõe uma reflexão sobre a realidade, abre uma possibilidade do sujeito ter outra visão desta, de modo a perceber a partir dela sua verdadeira identidade. Seja para o agricultor, o pescador, o ribeirinho, o indígena ou qualquer outra pessoa envolvida que tenha suas vivências no campo, a compreensão da sua identidade, a partir das experiências dos sujeitos envolvidos nessa realidade, constrói uma base sólida na luta por um futuro justo para estas comunidades. A importância da ação docente nesse trabalho é destacada quando,

[...] o trabalho docente ou pedagógico dos trabalhadores do campo apresenta um desafio aos sujeitos educativos, o desafio de ser reconhecer e de se questionar como sujeitos da história, produtores de conhecimento, de valores e ações, enfim, da cultura. Daí a necessidade de uma formação e metodologia específica, pensando a partir da perspectiva da Educação do campo (e não da Educação rural), e que leve em consideração as especificidades de que esta modalidade de ensino necessita. (GHEDIN, 2012, p.257).

Assim, a educação do campo deve ser entendida como instrumento de preparação para a compreensão da realidade pela comunidade, desde os aspectos ideológicos às práticas cotidianas, buscando-se meios para construção de novos saberes que fortaleçam o crescimento desta realidade atendida. Uma dessas possibilidades é a realização de debates sobre a

construção de projetos político pedagógico das escolas. A construção desse tipo de documento deve retratar a realidade e as necessidades da comunidade do campo, uma vez que é fundamental para o desenvolvimento dessas pessoas terem contemplados seus valores e crenças, assim como conhecimentos essenciais que lhes garantam a sua inserção na cultura geral. Nesses projetos, a escola deve ser vista como um ambiente que constrói conhecimento, tendo a função de formar cidadãos críticos e participativos. A escola atua de modo político, pois seu objetivo maior está na superação das dificuldades da comunidade em relação à construção de novos saberes e na sua reorganização da comunidade com vista à luta que deve ser empreendida contra uma sociedade de modelo hegemonicamente capitalista.

Diante dessa percepção, a educação do campo busca valorizar suas pesquisas através de suas práticas, pois

A educação do campo não cabe em uma escola, mas a luta pela escola tem sido um dos traços principais: porque a negação do direito à escola é um exemplo emblemático do tipo de projeto de educação que se tenta impor aos sujeitos do campo; porque o tipo de escola que está ou nem está no campo tem sido um dos componentes do processo de dominação e de degradação das condições de vida dos sujeitos do campo; porque a escola tem uma tarefa educativa fundamental, especialmente na formação das novas gerações; e porque a escola pode ser um espaço efetivo de fazer acontecer à educação do campo. (CALDART, 2002, p.24).

É possível dizer que, na última década, a educação do campo aparece com mais clareza nos debates e discussões que têm como propósito pensar novas possibilidades para os camponeses, homens do campo e os povos da Amazônia, conforme os estudos de Molina (2004), Caldart (2002), Freire (1996) refletem sobre o protagonismo do sujeito do campo, historicamente esquecidos³. Historicamente, a educação do campo sempre esteve aquém de uma educação de qualidade, incapaz de inserir o aluno dentro de uma reflexão sobre sua realidade, de modo a compreendê-la nas suas mais diversas dimensões, e de modo a (re)construir seu conhecimento. Por isso, a mudança deve acontecer não apenas a partir do pensar em novos instrumentos

³ Ao longo da história da educação brasileira, o homem do campo não recebeu a atenção necessária do Estado. Não havia políticas claras voltadas para o homem no campo. Sobre isso Molina (2007, p.2) diz que é recente *em nossa história a inserção da temática do rural nas políticas educacionais, pensada desde os direitos dos sujeitos do campo e de seu protagonismo na cena política nacional.*

pedagógicos para a educação do campo, e sim também a partir da mudança de concepções educativas,. Esses olhares envolvem tanto o acompanhamento contínuo aos alunos, quanto as próprias situações de investigação realizadas pelo professor, sobre sua prática, sobre o contexto social dos alunos e sobre a validade de determinados conteúdos e metodologias. Estas ações requerem compromisso e dedicação, por isso a formação docente está sempre em construção. Em relação a essa questão norteadora,

[...]ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É nesse sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele. (FREIRE, 1996, p.119).

Nesse sentido, não tem importância se a comunidade vive no campo ou na cidade, ela necessita das mesmas condições básicas para sobreviver e desenvolver-se com dignidade. No entanto, o que deveria ser um processo agradável é, em sua maioria, desagradável para os alunos e um desafio constante para os educadores. Garantir que o educando construa seu conhecimento com maior facilidade e que tenha grande prazer em aprender é parte primordial de uma educação de qualidade.

2.1 O currículo com olhar para a Educação do Campo

Junto aos desafios das escolas do campo, afirma-se que, ao longo da história da educação, o debate sobre currículo deve aparecer como central para se repensar o significado das escolas na atual realidade, tendo em vista que “[...] o currículo é o mecanismo através do qual o conhecimento é distribuído socialmente [...] é uma opção historicamente configurada, que se sedimentou dentro de uma determinada trama cultural, política, social e escolar” (SACRISTAN, 2000, p.17 e 19). É importante ressaltar que o currículo da educação do campo deve estar vinculado ao conhecimento empírico dos alunos, inclusive respeitando as suas experiências escolar e cotidiana. Afinal, os estudantes precisam estar no centro das discussões sobre a transformação da escola: é para eles que a escola deve ser pensada.

Por isso, entende-se que educar é uma tarefa complexa e exige envolvimento não apenas do governo, mas também da comunidade escolar que pode proporcionar numerosos instrumentos para a construção do conhecimento. Assim,

[...] os sujeitos representados nos discursos e nas ações continuam sendo categorias sociais e atores emergentes subalternos: camponeses, dirigentes e integrantes de grupos de base, mulheres, indígenas, professores, adultos, jovens e crianças de setores populares; nas experiências ligadas à incidência em políticas públicas ou em projetos de participação local também se trabalha com atores institucionais, como, por exemplo, tomadores de decisões políticas e funcionários públicos. (ESTEBAN, 2013, p.22).

Há anos que a educação do campo tem sido alvo de reflexão entre professores e outros especialistas. Porém, perceber seu valor educacional é o foco desta análise.

Dentro da tradição histórica da educação popular, coexistem dois âmbitos do político. Um, que relaciona sua razão de ser e sua atuação com a institucionalidade política na escala macro: assim como a educação institucionalizada reproduz as relações de dominação política [...]. Outra maneira de assumir o político é no nível micro: toda prática educacional específica (escolar ou não escolar) é política porque estabelece relações de poder e de contra-poder. (ESTEBAN, 2013, p.24).

No momento atual, é possível considerar alguns avanços no sistema educacional brasileiro, quando se trata do currículo para a educação do campo. No entanto, a luta segue em busca de políticas claras comprometidas com as comunidades do campo e com programas que estimulem a relação entre educando e sociedade, ou seja, políticas que, sobretudo, incentivem a participação ativa do aluno. Esse protagonismo só é possível por meio das trocas de experiências, da convivência com outras formas de saberes e ampliação dos horizontes exigida por estas interações.

É importante que os governantes mantenham e ampliem políticas públicas priorizando a educação do campo, pois só assim perceberemos efetivas melhoras educacionais neste segmento.

Com tais investimentos, a escola pode pensar novas práticas educativas inserindo os sujeitos dentro de um renovar na aprendizagem. Compreendemos, assim, que a educação do campo tem como foco a melhoria

na medida em que houver um melhor compromisso de todos envolvidos nesse trabalho. O acompanhamento contínuo de todos os governantes, por meio de seus órgãos e gestores, deve ser permanente para a concretização clara de mudanças nas escolas.

Existe também uma série de dificuldades que impossibilitam a realização de uma prática atuante da educação do campo, tais que: falta de estrutura física da escola, falta de material didático, falta de apoio do governo, falta de apoio da escola, falta de apoio da comunidade e poucos planejamentos envolvendo toda a comunidade escolar. O planejamento é essencial para a maturação das atividades didático-pedagógicas desenvolvidas pelo grupo de professores e equipe de forma geral. Pois,

[...] planejar é atividade intrínseca à educação por suas características básicas de evitar o imprevisto, prever o futuro, de estabelecer caminhos que podem nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, especialmente quando garantida a socialização do ato de planejar, que deve prever o acompanhamento e a avaliação da própria ação. (PADILHA, 2002, p. 45).

É fundamental que o professor desenvolva um planejamento que contenha criatividade na elaboração de recursos didáticos, mas, acima de tudo, boa vontade para desenvolver um trabalho agradável e significativo. Porém, somente recursos didáticos não são suficientes para que o aluno se desenvolva bem. O principal ponto aqui é a importância de uma educação do campo com foco na construção do conhecimento do aluno, pois este segmento educacional bem trabalhado requer do professor tempo, observação, dedicação e reflexão. Esse professor é também pesquisador, uma vez que ele também constrói conhecimento e é construído pelo conhecimento num processo contínuo. Nesse sentido,

[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Fala-se hoje, com insistência no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente a de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é de que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. Esses que-fazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo.

Pesquisa para conhecer aquilo que não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 29).

O planejamento é componente muito importante, pois deve conter situações para serem vivenciadas no cotidiano do professor, num processo contínuo de ação e de reflexão sobre sua própria prática. Pois,

[...] a palavra “reflexão”, vem do verbo latino, “reflectire” que significa “voltar atrás”. É, pois um repensar, ou seja, um pensamento em segundo grau. [...] refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar, numa busca constante de significados. Examinar detidamente, prestar atenção analisar com cuidado. E é isso o filosofar. (SAVIANI, 1987, p.23).

A reflexão sobre educação do campo é importante para quem está ligado direto ou indiretamente com este segmento educacional. Não devemos apenas pensar que a educação do campo tem caráter diferenciado, mas perceber que, com o decorrer da história, a educação do campo foi sendo colocada como algo que atrasa o desenvolvimento do país. Nesta perspectiva devemos compreender que a educação do campo não teve políticas justas no decorrer de sua história.

CAPÍTULO III – UMA CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO

Neste capítulo, desenvolveremos uma discussão sobre o processo avaliativo. Aqui, trataremos da importância da reorientação dos conteúdos identificados como os mais difíceis porque são aqueles em que alunos demonstram maior dificuldade de aprendizagem. Entendemos, pois, que a avaliação tem efeito contundente sobre a construção do conhecimento do aluno. Este capítulo visa a compreender o que é avaliação a partir de diferentes concepções de avaliação. Destacam-se as seguintes afirmações relacionadas a conceitos de avaliação:

A avaliação diagnóstica pressupõe que os dados coletados por meios dos instrumentos sejam lidos com rigor científico tendo por objetivo não a aprovação ou reprovação dos alunos, mas uma compreensão adequada do processo do aluno, de tal forma que ele possa avançar no seu processo de crescimento. (LUCKESI, 2008, p.84).

Ao que se refere a avaliação formativa, temos:

A avaliação formativa, como qualquer modalidade de avaliação pedagógica, tem limites e virtudes. Relativamente a estas últimas, os professores sabem que é a avaliação formativa que lhes possibilita acompanhar a par e passo as aprendizagens dos alunos, que permite ajudá-los no seu percurso escolar cotidiano e que é talvez a única modalidade de avaliação fundamentada no diálogo e congruente com um reajustamento contínuo do processo de ensino, para que todos cheguem a alcançar com sucesso os objetivos definidos e a revelar as suas potencialidades criativas. (ESTEBAN, 2003, p.92).

Seguindo o mesmo parâmetro,

A ideia de avaliação formativa sistematiza esse funcionamento, levando o professor a observar mais metodicamente os alunos, a compreender melhor seus funcionamentos, de modo a ajustar de maneira mais sistemática e individualizada suas intervenções pedagógicas e as situações didáticas que propõe, tudo isso na expectativa de otimizar as aprendizagens. (mudar) O professor tem um papel importantíssimo no que se refere aos procedimentos utilizados para avaliar, já que estes procedimentos são mediadores do processo de ensino-aprendizagem. (PERRENOUD, 1999, p.89)

Nesse mesmo sentido,

A elaboração e o uso de instrumentos e procedimentos de avaliação podem estar contribuindo para que alguns sujeitos sejam potencializados e incluídos na dinâmica pedagógica, enquanto outros vão sendo desvalorizados, isolados e excluídos. Os processos avaliativos, configurados na perspectiva homogeneidade (expressa pela busca da igualdade de resultados), portam valores conectados ao movimento de inclusão/exclusão.(ESTEBAN,2003, p. 84).

O conceito de avaliação escolar ao longo da história da educação sempre foi sinônimo de aprovação ou reprovação. Essa concepção preocupa-se com a classificação dos alunos e, gradativamente, com a sua exclusão, que aparece sempre no último instante do processo de ensino. Contrariamente, uma concepção de avaliação em seu sentido transformador de conhecimento deveria ser utilizada como instrumento que possibilita a construção do conhecimento, como parte de todo esse percurso educacional.

O processo avaliativo como parte das práticas comuns do sistema educacional sempre foi um tema complexo. Em décadas anteriores, professores e professoras limitavam este processo à aplicação de provas e testes, buscando com isso medir a capacidade de aprendizagem dos alunos.

O ser humano sempre avalia, julga a realidade, seguindo critérios. Dependendo do tipo de julgamento, aparecem os critérios a serem utilizados (HOFFMANN, 2006b, p. 7). Na escola atual, a avaliação aparece como um mero sistema de ensino confirmador, legitimador das desigualdades sociais, sempre favorecendo o mundo capitalista. Alguns professores têm dificuldades em relatar os acontecimentos que envolvem os alunos em situação que também são de aprendizagem. Não criam situações em que os alunos possam expressar suas críticas, pouco debatem sobre temas diversos, razão pela qual a avaliação acaba adquirindo uma característica mais classificatória, autoritária, uma avaliação compreendida como simples atribuição de nota.

Percebemos que a inclusão no sistema de ensino começou a ser uma realidade, mas ainda há práticas excludentes, já que as escolas não foram pensadas e nem elaboradas para atender às necessidades de todos. O que percebemos hoje dentro das escolas públicas são alunos que correm atrás de uma simples nota para passar de ano. Assim, verifica-se um grande número de pessoas felizes, pois as mesmas passaram a ter direito ao processo de escolarização, mas ao mesmo tempo encontramos as mesmas pessoas sendo

vítimas da exclusão pela não aprendizagem de conteúdos fundamentais. Essa dificuldade apresentada pelos alunos dificulta seu crescimento pessoal e resulta numa formação fragmentada. A avaliação deve contribuir para a construção do conhecimento do aluno e não apenas pontuar algumas competências específicas, somente para aprová-lo. O aluno precisa de oportunidades diferentes e, por isso, o professor tem que planejar diferentes avaliações, para, no mínimo, respeitar o processo de aquisição do conhecimento.

A avaliação é essencial para a educação quando propõe ao avaliador – o professor – uma reflexão sobre sua própria ação e a dos alunos e quando essa reflexão transformam as próximas ações. Chamamos a essa concepção de avaliação diagnóstica. Quando, ao contrário, a avaliação é classificatória, tida como simples verificação de nota, ocorre na maioria das vezes uma descontinuidade na hora da construção do conhecimento. Logo, após essa verificação de nota, o assunto é finalizado, não dando ao aluno oportunidade de questionar o que aconteceu de errado ou até mesmo por que deu certo. Segundo Hoffmann, “[...] São necessárias as tomadas de consciência e a reflexão a respeito desta compreensão equivocada de avaliação como julgamento de resultados, porque ela veio se transformando numa perigosa prática educativa” (2006b, p.15).

No mesmo sentido, o verdadeiro propósito da avaliação é, como já mencionamos, contribuir para a construção do conhecimento dos alunos, transformando-os em sujeitos críticos, reflexivos. Isto é, a avaliação deve contribuir no trabalho docente trazendo a possibilidade de repensar a própria postura e reconstruir constantemente seu fazer pedagógico, quebrando desafios e promovendo mudanças no campo educacional.

O professor deve conhecer a real situação do aluno dando ênfase à forma como o avalia, com o objetivo de proporcionar condições que lhes assegurem o desenvolvimento dos mais diferentes aspectos como: conhecimento, raciocínio, atitudes e habilidades, proporcionando, assim, a melhoria na qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Essa é também uma atitude de pesquisador, pois exige um aprofundamento em fundamentos teóricos que possibilitem estabelecer reflexões sobre sua maneira de avaliar,

para que possa perceber até onde o aluno construiu conhecimento, para então dar continuidade no processo ensino-aprendizagem. Assim, a avaliação não seria o fim do processo, mas o recomeço, a retomada da construção do conhecimento, considerando o aluno globalmente durante todo o seu percurso de construção de seu conhecimento, possibilitando ao professor, a partir dos dados coletados, criar possibilidades de ensino adequadas para qualificar cada vez mais o processo de ensino-aprendizagem.

É primordial que o professor tenha um envolvimento crítico e reflexivo, buscando confirmar sua postura político-pedagógica sempre pensando no coletivo. Só assim poderá encontrar maneiras que possibilitem resolver diversas situações encontradas em seu cotidiano. Quando o professor foge dessa perspectiva, ele não está desenvolvendo sua função social, que é de transformar seus alunos em cidadãos críticos e reflexivos dentro de sua comunidade. Nesse sentido é que a concepção de avaliação deve seguir uma proposta que contemple a construção do conhecimento, não uma avaliação classificatória que serve apenas para dar nota, aprovar ou reprovar o aluno, mas uma avaliação que perceba o que o aluno tenha compreendido de fato. Desse modo, a

[...] inclusão pode representar exclusão sempre que a avaliação for para classificar e não para promover, sempre que as decisões levarem em conta parâmetros comparativos, e não as condições próprias de cada aluno e o princípio de favorecer-lhe oportunidade máxima de aprendizagem, de inserção na sociedade, em igualdade de condições educativas. (HOFFMANN, 2006a, p.34).

Nesse tipo de avaliação só há exclusão, e isso é algo que deve ser eliminado. Para isso, é importante que o professor mude suas práticas educativas, quebrando o paradigma de avaliar para aprovar ou reprovar.

No ambiente escolar, saber se o aluno foi aprovado ou reprovado não é exatamente a questão à qual se deva dar a maior atenção, mas sim o que importa de fato é verificar se ocorreu realmente construção do conhecimento a partir das situações de estudo realizadas. Isto é que podemos chamar de práticas avaliativas, porque superam o modelo tradicional, que só existe para aprovar ou reprovar; as práticas avaliativas se dão quando se propõe um outro olhar para o processo da aprendizagem, em diferentes momentos.

A avaliação do aluno é um processo contínuo e não momentâneo, pois acompanha o desenvolvimento das habilidades do aluno e de sua capacidade cognitiva, possibilitando enfim o aprendizado. Esse percurso considera suas experiências vivenciadas dentro do espaço escolar. Portanto, o professor não deve restringir as possibilidades de um aluno desenvolver sua autonomia e criatividade individualmente. No entanto, muitos professores não deixam as crianças desenvolverem seus trabalhos, na necessidade de exercer controle para garantir que certo resultado seja alcançado no término de uma atividade. O desafio, pois, é ampliar todo um olhar sobre avaliação, para mudarmos a concepção de avaliação que vem sendo utilizada como um ato de resultados.

A mudança das práticas avaliativas não é algo simples de acontecer. Isso porque não são apenas as práticas avaliativas que devem ser modificadas, mas também a reflexão sobre a avaliação, uma vez que envolvem o planejamento de ensino-aprendizagem. Tal planejamento deve conter metas e objetivos que estimulem as habilidades e competências que envolvam a criatividade do aluno e os seus diferentes saberes. São as capacidades definidas pela escola que nortearão o planejamento. Diferentes formas de avaliação acabam contemplando os conhecimentos do cotidiano escolar do aluno. A escola deve sim pensar em avaliar essas diferentes aprendizagens, o que certamente pode alterar a qualidade do ensino, mas não apenas isto, pode melhorar a qualidade de vida da comunidade atendida.

Segundo Vasconcellos, “Há uma relação fundamental, porém rompida, entre avaliação e (re)planejamento. Deve ser resgatada, pois é isto que dá o sentido transformador da avaliação [...]” (2005, p.142). Professores confundem o conceito de avaliação com o “*dar nota*” ou “*fazer prova*”, porque o pensamento destes é que avaliação é sinônimo de testar e medir algumas capacidades do aluno. É muito difícil para alguns professores pensarem em avaliação sem quebrar o vínculo com o teste e a medição, porque muitos deles seguem as exigências burocráticas das instituições onde ensinam, reduzindo suas possibilidades de observações à verificação de nota. Nesse sentido,

Para que se utilize corretamente a avaliação no processo ensino-aprendizagem no contexto escolar, importa estabelecer um padrão mínimo de conhecimento, habilidades e hábitos que o educando deverá adquirir, e não uma média mínima de notas, como ocorre hoje

na prática escolar. A média mínima de notas é enganosa do ponto de vista de ter ciência daquilo que o educando adquiriu. Ela opera no que diz respeito ao aproveitamento escolar, com pequena quantidade de elementos – dois, três ou quatro resultados; e a média, em número reduzido de casos, cria, como sabemos, uma forte distorção na expressão da realidade (LUCKESI, 2008, p.96).

Estabelecendo um padrão mínimo de conhecimento, o professor deixa de se preocupar tanto com a média mínima para o aluno ser aprovado, ou seja, a nota, pois a mesma, na maioria das vezes, é enganosa e avalia mais de um conteúdo. A ação avaliativa não é um simples resultado final, mas um levantamento de questões, hipóteses, troca de ideias e indagações. A ideia que defendemos neste trabalho é uma prática de avaliação construtivista, onde o padrão mínimo de conhecimento para todos os conteúdos ocorreria da seguinte forma. Exemplo: Um aluno na disciplina de matemática, com índice de aprovação 6, conforme a seguir:

TABELA 6 – Representação da média 1:

$$\text{Média : } \frac{10 + 10 + 4 + 0}{4} :$$

Atividades	1° atividade	2° atividade	3° atividade	4° atividade
Matéria	Adição	Subtração	Multiplicação	Divisão
Nota	10	10	4	0

$$\text{Média :.....} \frac{10 + 10 + 4 + 0}{4} = 6;$$

Com a nota 6 o educando foi aprovado. No entanto, verifica-se que ele não obteve um bom aproveitamento em multiplicação nem em divisão. Um outro exemplo que às vezes passa despercebido é: O aluno(x) e o aluno(y) obtiveram média 6 no semestre em matemática; porém, enquanto o aluno(x) tirou 3, 4, 8 e 9 o aluno(y) tirou 9, 8, 3 e 4. Para muitos professores, a nota 6 representa que os dois alunos estão se desenvolvendo igualmente. Considerando a perspectiva, o professor teria condições de identificar as dificuldades dos alunos que são totalmente diferentes.

Os professores que utilizam a verificação de nota, resumindo sua preocupação em saber se o aluno será aprovado ou reprovado, deixam para último plano o processo ensino-aprendizagem. Quando questionados, os professores sempre colocam a culpa no sistema, não percebendo que fazer isso significa reduzir o processo avaliativo, deixando de lado o acompanhamento e a reflexão.

No processo de ensino e aprendizagem diversos aspectos podem ser avaliados. Tanto os aspectos conceituais quanto os atitudinais e procedimentais devem ser avaliados, a partir de um diagnóstico do entendimento da realidade do aluno e das experiências vividas em seu cotidiano, possibilitando a construção de conhecimentos e informações estando dentro e fora do espaço escola. Assim o professor estaria criando estratégias eficazes de ensino para estabelecer um critério avaliativo que leve em conta a realidade e os conhecimentos que são relevantes para o aluno., Esta ação não é óbvia porque todo professor deve estar atento ao que foi definido como capacidade a ser aprendida e as formas de avaliar o processo de aquisição. Entende-se que quando o professor procura saber o que realmente está sendo avaliado e qual a forma mais adequada de avaliar, ele vai desenvolvendo e aperfeiçoando sua prática educativa. Nessa afirmativa,

[...] para que se utilize corretamente a avaliação no processo ensino-aprendizagem no contexto escolar, importante estabelecer um padrão mínimo de conhecimento, habilidades, e hábitos do educando [...], e não uma média mínima de notas, como ocorre hoje na prática escolar; a média mínima de notas é enganosa do ponto de vista de ter ciência daquilo que o educando adquiriu. Ela opera no que diz respeito ao aproveitamento escolar, com pequena quantidade de elementos – dois, três ou quatro resultados; e a média, em número reduzido de casos, cria, como sabemos, uma forte distorção na expressão da realidade. (LUCKESI, 2008, p.96).

Um exemplo fictício de uma escola que estabeleceu a nota mínima necessária ≥ 6 . Vejamos o desempenho de um aluno aprovado: no semestre, o aluno obteve nota 8,5 em matemática, onde: em adição, 7; subtração, 8; multiplicação, 9 e em divisão, 6. Para muitos professores a nota 8,5 representa uma nota comum, no entanto, trabalhando numa perspectiva diagnóstica, percebe-se que esse aluno construiu o conhecimento em todos os conteúdos da disciplina. Exemplificando: Nota mínima necessária ≥ 6 .

TABELA 7 – Representação da média 2:

Atividades	1° atividade	2° atividade	3° atividade	4° atividade
Matéria	Adição	Subtração	Multiplicação	Divisão
Nota	7	8	9	10

$$\text{Média:.....} \quad \frac{7+8+9+10}{4} = 8,5$$

Observa-se que, com isso, o aluno também teria dificuldade em algumas matérias e facilidades em outras, mas o educando aprenderia o mínimo do ponto de vista da aprendizagem. Assim,

[...] a aprovação ou a reprovação do educando deveria dar-se pela afetiva aprendizagem dos conhecimentos mínimos necessários, com o conseqüente desenvolvimento de habilidades, hábitos e convicções. Entretanto, diante da intensa utilização de notas e conceitos na que determina o uso da forma de registro dos resultados da aprendizagem, não há como, de imediato, eliminar notas e conceitos da vida escolar. Em função disso, é passível pedagogicamente (não administrativamente) sanar estas dificuldades pelos estabelecimentos de conhecimentos, habilidades e hábitos mínimos a serem praticados na vida escolar e da própria legislação educacional adquiridos pelos educandos e pelo encaminhamento do ensino a partir dessa definição. (LUCKESI, 2008, p.96 - 97).

Durante o processo avaliativo o professor busca perceber as dúvidas dos alunos, explicando e relacionando os conteúdos com ações, atitudes do cotidiano dos alunos, para facilitar o entendimento não só de conteúdo, mas também de palavras novas que aparecem no vocabulário. Assim, trabalhando para garantir que todos atinjam pelo menos o que foi estabelecido como conhecimento mínimo, o professor deixa claro os conteúdos e os alunos descobrirão novos significados para construir mais conhecimentos. É muito importante ressaltar que quando se define o mínimo necessário, não significa que o conteúdo se encerra quando se alcança esta meta. O mínimo necessário é uma média que deve ser alcançada por todos, já que, segundo Luckesi, “o que não podemos admitir é que muitos alunos fiquem aquém do mínimo necessário de conhecimento, habilidades e hábitos que delineiem as possibilidades do seu desenvolvimento” (2008, p. 98).

O professor tem um papel no que tange às formas de avaliar, já que estas estão reencaminhando a construção do conhecimento, pois a

[...] elaboração e o uso de instrumentos e procedimentos de avaliação podem estar contribuindo para que alguns sujeitos sejam potencializados e incluídos na dinâmica pedagógica, enquanto outros vão sendo desvalorizados, isolados e excluídos. Os processos avaliativos, configurados na perspectiva homogeneidade (expressa pela busca da igualdade de resultados), portam valores conectados ao movimento de inclusão/exclusão. (ESTEBAN, 2003, p.84).

Nessa perspectiva, a maneira que os professores planejam sua dinâmica e seus instrumentos avaliativos não vêm levando em conta as diferenças que existem entre os alunos, posto que as turmas são compostas de diferentes alunos com realidades diversificadas. Diante do exposto, cabe ao professor utilizar diferentes maneiras de avaliar os alunos, planejando diversas situações que proporcione este objetivo. Verifica-se, ainda, que o processo avaliativo está vinculado a um fazer pedagógico autoritário, que reprime, exclui e classifica os alunos, de modo que

[...] silencia as pessoas, suas culturas e seus processos de construção de conhecimentos; desvalorizando saberes fortalece a hierarquia que está posta, contribuindo para que diversos saberes sejam apagados, percam sua existência e se confirmem como a ausência de conhecimento. (ESTEBAN, 2003, p.15 e16).

Observa-se que o processo avaliativo está relacionado tanto à inclusão quanto à exclusão social. Quando a escola promove o silêncio, desvalorizando os saberes, utiliza tais ações com o objetivo de excluir. É necessário que a existência dessas práticas excludentes seja divulgada, assim como se deve tornar público que a avaliação é uma prática educativa; a proposta avaliativa que adota a classificação é autoritária e promove a exclusão social. É preciso que ocorra uma quebra do modelo tradicional que utiliza verificação de nota para avaliar, uma vez que são os alunos os maiores prejudicados, porque acabam sendo excluídos e classificados pelo sistema educacional. Assim a avaliação não deve ter sentido de nota e sim buscar formas de contribuir com a construção do conhecimento dos alunos.

A avaliação é essencial à docência no sentido de inquietação e de investigação, o que implica um processo de integração entre professor e aluno, sob uma perspectiva libertadora de avaliação em seu sentido dinâmico e

interdisciplinar. Trata-se de uma proposta de avaliação coletiva e cooperativa entre os professores no levantamento e discussão de questões avaliativas no sentido de trocar ideias, levantar problemas, pois construir em conjunto medidas que envolvam avaliação, pode levar os sujeitos a assumirem responsabilidades e a tomar consciência da sua prática. Assim, o planejamento coletivo é essencial para o desenvolvimento desse trabalho, de forma que a avaliação se torne uma ferramenta que possa mensurar o grau de conhecimento que o aluno atingiu. Com isso, ao fim de todo ano a turma sairia com pelo menos o mínimo de conhecimento estabelecido, garantido assim a aprendizagem de todos em todos os conteúdos propostos pela escola. E

[...] para que esta média possa ocorrer, o professor terá de planejar o que é o mínimo necessário e trabalhar com seus alunos para que todos atinjam este mínimo. A avaliação, no caso, seria um mecanismo subsidiário pelo qual o professor iria detectando os níveis de aprendizagem atingidos pelos alunos e trabalhando para que atinjam a qualidade ideal mínima necessária. Só passaria para um conteúdo novo, quando os alunos tivessem atingido este patamar mínimo. [...] todavia [...] alguns alunos, devido às diferenças individuais, culturais e sociais, ultrapassarão, facilmente ou com certa dose de trabalho, o mínimo necessário; outros, porém, pelo menos, chegarão ao mínimo. Isso garantiria uma equalização entre os alunos, ao menos nas condições mínimas de aprendizagem dos conteúdos escolares. Esse seria um caminho para garantir a socialização do saber, no contexto da escola, pois todos adquirem o mínimo necessário, e a avaliação estaria a serviço desse significativo processo social e político. (LUCKESI, 2008, p.98).

A reconstrução ou redefinição da prática da avaliação não acontecerá por experiências isoladas ou fragmentadas, mas por uma ação continuada onde todos colaborem – professor, educando e corpo docente da escola – e que ultrapasse os muros das instituições para buscar conhecer a real situação do aluno, sua realidade. Dessa forma, a ação avaliativa na educação deve ser encarada como um processo que deve acontecer diariamente, com menos tensões do que as que ocorrem hoje.

A importância deste capítulo não está somente em abordar novas formas de avaliar, mas em propiciar novas aproximações e articulações no sentido de contribuir no desenvolvimento de medidas que possam vir a ser utilizadas para avaliar o avanço do aluno no interior da sala de aula, sem precisar ameaçá-lo ou inibi-lo com a aplicação de “prova”. Esta, por sua vez,

pode ter seus benefícios, mas acreditamos que o conhecimento construído coletivamente possibilita uma relação mais harmoniosa entre os alunos.

Precisamos questionar a centralidade que a nota vem tendo na discussão sobre avaliação atualmente, em detrimento de aspectos relevantes como a construção do conhecimento. Partindo desse pressuposto, acredita-se que ao iniciar o ano letivo, deveria se partir de um relatório do desempenho de cada aluno, elaborado por sua respectiva instituição de ensino. Com esse diagnóstico certamente seria mais prático acompanhar e trabalhar em cima das necessidades, das dificuldades e dos limites apresentados pelos alunos. Assim, o professor contribuiria mais fortemente para que essa mudança educacional viesse interferir de forma mais positiva e satisfatória no aprendizado desse aluno e, por outro lado, ajudaria a perceber problemas no curso da aprendizagem. Daí a importância de trocar a nota (verificação), por um relatório onde sejam registrados os avanços, progressos e até mesmo as dificuldades do aluno dentro do contexto escolar.

É importante salientar que a avaliação deve ser aplicada como instrumento necessário à atividade educativa para conhecer o aluno no processo ensino-aprendizagem e não como uma forma de punição aplicada pelo professor para ter controle do comportamento de sua turma. Daí ser importante o professor conhecer todo o corpo docente da instituição. Não devemos nos equivocar com estes pressupostos, temos que encarar a realidade e trabalharmos forte nessas perspectivas, tomando-as como desafio com o objetivo de desconstruir o equívoco da prática avaliativa focada na reprovação e inovar para uma avaliação mais justa e competente, superando as formas estabelecidas.

Quando a avaliação escolar é utilizada de maneira a fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, ela ocorre durante todo o percurso da construção do conhecimento dos alunos. Tem por isso o propósito de perceber seus avanços, dificuldades e futuras necessidades e ainda fornecer ao professor informações sobre como vem executando a função docente e o que precisa fazer para continuar.

O processo avaliativo acontece de maneira contínua, onde todos participam rotineiramente. Neste sentido, devemos compreender que todas as

atitudes docentes estão entrelaçadas com o processo avaliativo, uma vez que é realizando tal redirecionamento que o professor poderá criar situações de aprendizagem que tanto favoreça o aluno, como lhe crie condições para refletir sobre suas práticas educativas.

Percebendo esses questionamentos é que o professor vai melhorar suas práticas, desenvolvendo maneiras que possibilitem o aluno perceber-se como parte do processo, fazendo com que o mesmo participe ativamente de todo o percurso. Assim, entendendo e refletindo dessa maneira, o professor perceberá que o processo avaliativo ultrapassa a mediocridade de mera verificação de nota, e terá uma grande reflexão sobre as possibilidades de reconstruir o percurso de construção de conhecimento, na proporção em que ele faz um levantamento das dificuldades e compreensões de cada participante do processo, retomando de forma contínua o percurso.

Em busca de uma melhor compreensão sobre o processo avaliativo é necessário refletir sobre o percurso histórico que sempre esteve relacionado à nota, classificação e exclusão dos alunos, em especial aos alunos do campo, que sempre estiveram distantes de uma educação igualitária, pelo simples fato do governo não desenvolver ações que favoreçam esta igualdade.

O professor também deve compreender que a instituição escolar tem um leve discurso sobre a realização de uma prática avaliativa formadora de reflexões, mas que, ao mesmo tempo, adota a prática tradicional da verificação de nota e classificação de alunos, não aproveitando estes dados e observações para (re)planejar suas ações, pois a

[...] prática da avaliação no cotidiano escolar pouco tem a ver com o verdadeiro sentido da avaliação. Usamos a denominação avaliação, mas nos valem de provas e testes, por serem mais compatíveis com o contexto da sociedade e mais fácil de serem executadas. (FERREIRA, 2002, p.41).

Nesse entendimento, confirma-se o que estamos refletindo sobre o processo avaliativo, no sentido de que as mudanças, em sua maioria, existem nas falas dos professores, mas em suas ações (muitas vezes) o que se percebe é a continuação de um processo avaliativo através da verificação de nota e da classificação dos alunos.

O processo avaliativo é uma ação contínua que acontece dentro das instituições escolares estando entrelaçadas ao processo ensino-aprendizagem. Apenas com o processo avaliativo que podemos perceber os avanços e as dificuldades dos alunos. O processo avaliativo não deve ser realizado sem estar relacionado ao processo reflexivo e, ao mesmo tempo, deve propor em seus objetivos os conteúdos a serem construídos e as necessidades de cada aluno, posto que cada aluno tem suas limitações e é em relação a esta individualidade que o professor deve considerar grande parte do processo avaliativo.

Nesta perspectiva refletir que o processo avaliativo é uma ferramenta de inclusão na construção do conhecimento, pois o verdadeiro processo avaliativo não percebe os alunos da mesma forma; ao contrário, deve respeitar as individualidades de cada aluno valorizar qualquer progresso e identificar as necessidades para novas aprendizagens.

O que se deve perceber é que o processo avaliativo não serve apenas para classificar o aluno, mais sim para diagnosticar todos os participantes do processo: alunos e professores. Neste sentido, é necessário que o processo avaliativo ocorra de forma contínua, ou seja, a todo momento, buscando perceber os avanços e dificuldade de aprendizagem, pois se o professor perceber que os alunos não estão construindo conhecimento de maneira proveitosa, o mesmo pode refletir sua prática para tirar melhor proveito do processo de aprendizagem.

O processo de avaliação em um sentido de continuidade abre um leque de oportunidades que é utilizado para identificar o percurso de todas as partes do processo. Algumas ferramentas se destacam para esta percepção: o portfólio dos alunos e professores, o registro diário das ações, as atividades realizadas, o diário de classe e diversos outros instrumentos. Deve-se compreender que as provas também servem como ferramenta desta percepção, desde que se perceber como objeto de análise das dificuldades e avanços de cada aluno, tirando aquele procedimento metódico de classificação dos alunos. Neste sentido, avaliar continuamente é um processo realizado durante todo o percurso de construção do conhecimento, no qual há que se

definir e redefinir as ferramentas e instrumentos de ensino, facilitando a caminhada do professor e principalmente do aluno.

A avaliação, de acordo com as pesquisas desenvolvidas por Luckesi (2008), é compreendida como um diagnóstico em que professores e alunos são diagnosticados, proporcionando aos professores uma reflexão sobre sua prática de ensino e com isso definir as ferramentas para suas ações e sobre o respeitar às individualidades de aprendizagem de cada aluno. Assim o professor através dessa ação realiza e propõe momentos de aprendizagens significativas.

Compreendendo que a fase do diagnóstico é parte do processo avaliativo entende-se um processo pautado e preocupado com a aprendizagem dos alunos, não dando importância à classificações e verificações de nota, mas sim, a um processo de análise contínuo do percurso da construção do conhecimento. Esta caminhada começa no primeiro dia de aula e termina no último dia letivo. Durante esse tempo, o professor precisa avaliar se o planejamento está tendo o resultado esperado ou se deve ser (re)planejado em função dos objetivos da aprendizagem traçados. O professor crítico reflexivo planeja e repensa o seu fazer pedagógico a todo momento no decorrer do processo de ensino, uma vez que a avaliação contínua ocorre a todo momento, visando-se à construção do conhecimento dos alunos, a reflexão sobre a prática e as novas estratégias adotadas sempre no sentido de criar situações em que o aluno se mantenha ativo, porque a avaliação

[...] caracteriza-se por um processo interpretação – intervenção sobre o desenvolvimento do ensino-aprendizagem com a finalidade de garanti-lo, de aprimorá-lo, redirecioná-lo, enfim, de dar condições efetivas para que o ensino e aprendizagem ocorram com sucesso. (SILVA, 2003, p.39).

De acordo com a avaliação que constrói conhecimento, repensar a prática está na importância de redirecionar os alunos que não estão conseguindo compreender os conteúdos com determinadas formas metodológicas. Diante disso, o processo avaliativo precisa ser compreendido e entendido em todo o percurso educacional, isso pode servir para especialmente auxiliar o aluno. Havendo uma avaliação diagnóstica é importante que se tenham definidas as ações pedagógicas que alterarão o

quadro de aprendizagens e instrumentos que possibilitem um acompanhamento dos passos realizados pelos alunos dentro desse processo de ensino-aprendizagem. Tanto a definição de ações como os instrumentos de acompanhamento devem ajudar o aluno a avançar.

Percebe-se que o processo avaliativo é bastante invertido em relação à sua verdadeira função. Isso se deve ao fato de que, historicamente, criou-se uma base errônea em relação ao que se deveria avaliar. Na atual conjuntura, é fundamental compreender como a avaliação pode contribuir para uma melhor qualidade de ensino avaliação. Neste sentido, refletir acerca da avaliação tende a contribuir com a construção de uma nova base a respeito da real função do processo avaliativo, na tentativa de superar a prática de classificação por nota dentro da caminhada educacional.

Dentro do percurso educacional a avaliação tradicional teve uma grande influência negativa em relação à verdadeira função da escola. Este tipo de ação faz com que os alunos percam a vontade em construir conhecimento, no sentido de que sua real preocupação está em conseguir nota para passar de ano. A função da avaliação está em abrir espaços que contribuam com a construção do conhecimento e possibilitando momentos que o professor repense seu planejamento de acordo com o desenvolvimento do aluno.

Um ponto a ser destacado, que não existia na avaliação está na avaliação que busca um trabalho de parceria entre professores e alunos, este tipo de ação da oportunidade de educando também tornar-se crítico e reflexivo de suas ações dentro do processo ensino-aprendizagem, pois traz contribuições para o professor pensar estas ações e escolher novos caminhos ou seguir em frente, pois não há que,

[...] não é possível repensar a avaliação de forma isolada, pois ela reflete uma concepção de educação, de escola e de sociedade, sendo dela um reflexo. Entretanto repensar a avaliação é caminho possível para trilhar em busca do redirecionamento da totalidade do processo pedagógico. (SOUSA, 1991, p.106).

A avaliação como ação de repensar o percurso educacional tem significativos resultados dentro do processo ensino-aprendizagem, desde que seja realizada em função de contribuir com o processo, trazendo oportunidades para o professor criar novas ferramentas que possibilitem o aluno construir seu

conhecimento retomando de onde o aluno não conseguiu compreender o conteúdo.

O processo de autoavaliação realizado pelo professor com os seus alunos é outro aspecto importante a considerar nesse processo. Essa prática pode possibilitar um olhar reflexivo sobre a realidade a partir da mobilização de novos saberes e de competências que estão se consolidando, tornando-o cada vez mais autônomo, uma vez que o aluno passa a ter responsabilidade do processo. No mesmo sentido, o professor deve estar consciente que oferece condições adequadas para a construção do conhecimento do aluno, tendo segurança e confiança em que seu aluno está participando da caminhada.

A finalidade, o sentido da avaliação está em contribuir com o desenvolvimento do aluno, ou seja, o processo avaliativo dentro da instituição escolar acompanha e percebe os conhecimentos construídos pelos alunos, na tentativa de melhorar os avanços de todos os envolvidos na caminhada, professor e aluno. Nesta perspectiva, a avaliação torna-se um desafio, pois chega determinado momento dentro da instituição escolar que o professor é pressionado a classificar os alunos por nota e acaba aplicando provas ou testes para obter um resultado, que não mostra o verdadeiro conhecimento construído pelos alunos.

A avaliação tem como propósito o diagnóstico dos conhecimentos construídos pelos alunos, pois busca identificar as causas do progresso e do não progresso. A avaliação diagnóstica sobretudo favorece o professor a buscar novas ferramentas para utilizar na sala de aula para ensinar e o aluno aprender. Nesse momento, o professor reflete sua prática pode ou não redirecionar suas ações.

O processo de avaliação como ato reflexivo incentiva o desejo de mudar a forma de construir conhecimento. Esta nova maneira de pensar o processo avaliativo deve estar vinculada à realidade da comunidade, onde se desenvolve o processo. Neste sentido, o professor deve sempre repensar suas práticas através de formações continuada, percebendo sua aula não apenas como um trabalho, mas como um local de construção de conhecimento, tendo compreensão do percurso para refletir sobre a metodologia que está utilizando.

Em um sentido mais abrangente, dentro da escola, os professores devem compartilhar suas experiências avaliativas uns com os outros, na tentativa de propor novas formas de repensar as práticas avaliativa adotadas na escola. Assim, a não classificação do aluno através de nota, mais sim a observação do seu desempenho em todo processo é o que se deve buscar, pois o verdadeiro processo avaliativo é reflexivo e por isso é realizado em todo o percurso educacional. Tanto professor quanto alunos participam do processo de reflexão: o professor enquanto “emissor” do processo e os alunos enquanto “receptores” interpretaram a mensagem que foi elaborada e inserida em sua vivência; assim, os alunos decodificam as informações e as utilizam na construção de seu conhecimento.

Desse modo, o professor está praticando uma avaliação como ferramenta que possibilita a reflexão, não dando ênfase à classificação e evitando aquele processo desgastante da busca por nota. Reitere-se que o significado da avaliação está em incluir o aluno no processo da aprendizagem, despertando vontade e maneiras que possibilitem seu aprendizado. Para que isso ocorra, a avaliação deve ser realizada ao longo do processo e não apenas no final, priorizando nesse trajeto refletir e identificar os obstáculos de toda a caminhada. |

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo, serão analisadas as falas dos professores respondentes que nos ajuda a fundamentar e aprofundar o objeto de estudo. Estas falas foram coletadas dentro da entrevista de campo, que se dividiu em quatro categorias: Sobre Avaliação; Ensino e Didática na perspectiva avaliativa; A importância da nota e Outros (todas as quatro categorias encontram-se no apêndice 2). A partir das falas, buscou-se refletir suas respostas (todas as respostas encontram-se no apêndice 3), na tentativa de compreender melhor a prática do professor no espaço escolar em tempos de incertezas.

Fazer análise, mesmo muito simples, significa a todo o momento reter certas informações e silenciar outras, evocar umas antes das outras, deixar a pena fluir ao correr das palavras ou, pelo contrário, organizar o texto segundo uma ordem planejada e hierarquizada etc. A seguir apresentaremos um conjunto de análises sobre o resultado de nossas investigações do corpo empírico de nosso objeto, utilizando as seguintes questões como base:

- a) O que os professores do Instituto Federal/Campus Amajari entendem sobre avaliação?
- b) Como os professores refletem sobre Ensino e Didática na perspectiva avaliativa dentro do Instituto Federal/Campus Amajari?
- c) Qual a importância da nota para estes educadores? Como eles refletem sobre sua prática avaliativa?
- d) Existem outros fatores que colaboram ou interferem dentro do processo avaliativo do Instituto Federal/Campus Amajari?

4.1 Reflexão sobre a função da avaliação

Entender a essência do que é avaliar é um desafio para o professor que deseja realizar um trabalho com boa qualidade. Os dados, conjuntamente com as “falas”, serão usados como argumentos. O objetivo aqui é analisar, através das respostas dos entrevistados, o que dizem e/ou entendem sobre

essa questão. Também, buscou-se conhecer elementos que ajudam entender suas

práticas no momento de avaliar, por meio de contradições em suas falas. Dos 20 entrevistados selecionados, nove contribuíram, de alguma forma, para esta reflexão⁴.

Verificou-se que os docentes não tinham um conceito definido do que é avaliar. Observou-se que o conceito está vinculado a seus poucos estudos na formação e às experiências diárias no seu tempo de docência. É bem interessante observar, nas afirmações dos entrevistados, as diferenças que existem no que diz respeito ao que é avaliar.

A diversidade conceitual e metodológica das falas acontece pelo fato tanto da formação por áreas do conhecimento e também pelo fato de a Instituição não ter uma norma mais específica quando se trata de procedimentos avaliativos, de modo que se possa pensar em uma ação pedagógica também coesa.

Buscando refletir e analisar estas questões, serão usadas as ponderações e estudos dos seguintes autores: Luckesi (2008), Esteban (2003,2013) e Hoffmann (2006a, 2006b); autores que tratam de nosso objeto.

O texto procura refletir tanto as convergências quanto as contradições a partir das entrevistas gravadas. Busca-se uma reflexão, ação-reflexão sobre o que é avaliação, pois devido a uma série de mudanças de comportamentos na sociedade, compete à escola buscar a todo instante se reinventar para adequar-se aos novos sujeitos. Essas dificuldades se refletem na compreensão conceitual que os professores têm sobre o que é avaliar. Quando perguntados sobre Avaliação, os professores B e D assinalam:

Bom entendo avaliação como um processo que você vai estar trabalhando em cima de um nível de aprendizado do aluno, de fato você vai medir o desempenho ao longo da disciplina no decorrer do bimestre este é meu entendimento sobre avaliação. (Professor B).

Avaliar é ver o desempenho do aluno após o ensino de um conteúdo você avaliar o rendimento dele, após o conteúdo ministrado com uma determinada carga horaria. (Professor D).

Para o professor B, o processo avaliativo está ligado intrinsecamente a elementos complexos. Por exemplo: “[...] de fato você vai medir o desempenho

⁴ Todas as categorias de análise então em apêndice.

ao longo da disciplina[...]” (Professor B). O que será realmente que esse professor compreende ao afirmar isso? O papel do professor não estaria além de medir? Ou seja, o educador percebe a avaliação como momento essencial ao longo de toda disciplina. Contudo, o que estaria além de medir conteúdo? O que seria a verdadeira função da avaliação dentro de um processo de construção de conhecimento?

Para o professor D, o processo avaliativo também está ligado intrinsecamente a elementos complexos. Por exemplo: “[...] ver o desempenho do aluno após o ensino de um conteúdo, avaliar o rendimento dele após o conteúdo ministrado[...]” (Professor D). Fica novamente uma dúvida nesta nova afirmação. O papel do educador não estaria além de observar rendimento? O professor não deveria ter consciência de que nem sempre sua forma de avaliar serve para todos os entes envolvidos no processo?

De um modo geral, avaliar é uma atividade permanente, que ocorre nas escolas e está atrelada ao processo ensino-aprendizagem. Através da avaliação é que se consegue verificar os avanços e as dificuldades encontradas pelos alunos. Dessa forma, o processo de avaliação não deve ser feito isoladamente do processo de ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo, têm que ser claro e objetivo, levando em consideração os conteúdos estudados, os objetivos pretendidos, os avanços possíveis e necessários da turma, bem como os avanços e dificuldades individuais.

Dentro de reflexões sobre o processo de avaliação, no contexto do que é avaliar, percebeu-se, ainda, que o processo avaliativo está relacionado a uma postura pedagógica autoritária, que domina, exclui e classifica os educandos de acordo com cada prática desenvolvida no espaço escolar.

É importante lembrar que a

[...] avaliação escolar, nesta perspectiva excludente, silencia as pessoas, suas culturas e seus processos de construção de conhecimentos; desvalorizando saberes fortalece a hierarquia que está posta, contribuindo para que diversos saberes sejam apagados, percam sua existência e se confirmem como a ausência de conhecimento. (ESTEBAN, 2003, p.15).

Nesse sentido, a avaliação encontra-se interligada ao processo de inclusão e exclusão social, pois constatamos que o processo de avaliação

sempre está passando por mudanças. E nessa perspectiva, é preciso que haja uma discussão acerca das consequências sociais da reprovação, visto que na prática educativa a avaliação da aprendizagem é vista como classificatória e autoritária contribuindo para a fragmentação do conhecimento.

Diante disso, é preciso que haja um rompimento desse modelo tradicional de avaliação, uma vez que são os educandos que são classificados e excluídos. Portanto, a avaliação da aprendizagem não deve ser somente com a intenção de atribuir nota ao aluno, mas, ao contrário, deve contribuir para o desenvolvimento dos mesmos. Assim, avaliação é uma ação que está em um longo processo de negociação. O que se observa nas falas (bastante semelhantes em alguns momentos) é que estamos em um momento longe de alcançar as necessárias estratégias para uma educação em que o aluno esteja inserido em um processo crítico reflexivo.

Em estudos realizados dentro da disciplina de Educação do Campo, tratamos de vários temas, um deles foi o que é conhecimento. Segundo nossos diálogos, colocamos que se trata de algo engendrado, que pode ou não ser utilizado pelo sujeito, este conhecimento fica parado, ou seja, não transmitido, mas o sujeito pode utilizar a qualquer momento. Partindo deste princípio, o professor, detentor do conhecimento, é capaz de transmiti-lo de alguma forma, de modo que o aluno, por sua vez, também constrói conhecimento, aprendendo de maneira semelhante, porém com algumas particularidades ao mesmo tempo, pois o aluno acrescenta ainda sua vivência e experiência dentro deste contexto.

Em função do exposto, seguiremos com a análise sobre a função da avaliação na atual conjuntura escolar. Visando a entender com mais propriedade a função da avaliação para os professores, observem as falas seguintes:

Na atualidade a avaliação serve somente para a nota, para o aluno ser aprovado, mais não quer dizer que o conhecimento todo do aluno vai ser mostrado dentro desta avaliação. (Professor I).

Basicamente, formar notas, hoje em nosso sistema de educação brasileira a avaliação serve para obtenção de nota. Acho que a grandeza dos professores pedagogos é tentar supera essa fase da avaliação, para que tenha seu real significado. (Professor G).

É possível afirmar que as citações acima relacionadas sobre a função da avaliação apresentam semelhanças de entendimentos. A primeira citação aborda o seguinte trecho: “[...]serve somente para a nota, para o aluno ser aprovado[...]”. O segundo, seguindo o mesmo caminho, afirma que: “[...]Basicamente, formar notas, hoje em nosso sistema de educação brasileira a avaliação serve para obtenção de nota[...]”.

Os Professores I e G usam discursos semelhantes, porém ditos de maneira diferente, ou seja, para o professor I, cabe ao professor perceber que o conhecimento do aluno não vai ser mostrado em sua totalidade somente com a avaliação. O professor G transmite a responsabilidade de encontrar o real significado a avaliação aos professores pedagogos.

A função da avaliação continua sendo construída em um percurso conflituoso. Ao mesmo tempo em que o professor I afirma que a função está ligada à experiências vivenciadas pelo aluno gerando novos processos de aprendizagens, o professor G transmite sua responsabilidade a outro educador, tornando o ensino controlado e vigiado passo a passo. Portanto, mesmo que de maneira obscura, os mecanismos de monitoramento e cobranças aparecem enraizados dentro das escolas brasileiras.

A pesquisa mostra a existência de uma distância na compreensão entre os professores sobre a função da avaliação; a essência do discurso é praticamente a mesma; as diferenças aparecem nas ações de cada docente, seguir uma linha de educar, ou ficar acomodado dentro do sistema. Assim, a função da avaliação apresenta-se como uma ação do professor sobre o aluno. Percebe-se que grande parte dos professores tem buscado melhorar dentro deste processo, com a motivação de melhorar sua prática de sala de aula.

A função da avaliação está relacionada ao momento que o aluno participa e se relaciona com o processo de ensino e aprendizagem no espaço escolar. E nesse contexto, o professor D tem as seguintes afirmações quando é questionado se ao longo do ano letivo é desenvolvido algum trabalho com alunos/professor, professor/aluno com o propósito de discutir ensino e aprendizagem no espaço escolar.

Em termos de gestão a gente tem encontros pedagógicos, e reuniões, que a essa discussão, e quando possível na sala de aula a momentos

de conversar com alunos, bater um papo, trocar uma ideia, para melhorar ainda mais o ambiente de sala de aula. (Professor D).

Esse professor descobre, rotineiramente, como ocorre a construção do conhecimento dos alunos, uma vez que os acompanha, como afirma anteriormente: “[...]a momentos de conversar com alunos, bater um papo, trocar uma ideia, para melhorar ainda mais o ambiente de sala de aula[...]”. Nesse sentido, a avaliação parece quebrar com os modelos mais tradicionais do percurso escolar.

Continuando com o pensamento de que a função da avaliação é envolver o aluno no processo escolar, incluí-lo nos diálogos dentro da escola ainda é quebrar paradigmas, é preciso compreender que essas relações devem ser construídas pelo sujeito no decorrer de toda sua jornada escolar. Esse processo só terá sentido quando o aluno conseguir interagir com os outros educandos, com seus professores e, ao mesmo tempo, apropriar-se dos saberes que estão sendo construídos dentro da escola. Quando o professor perceber essa ação, poderá encontrar sentido para a verdadeira função da avaliação dentro do processo escolar.

Em algumas afirmações sobre a função da avaliação chamam a atenção as preocupações das instituições e dos professores com o resultado da avaliação em nota:

Bom! Para toda instituição ela quer ver resultados quer ver metas e é isso que vai dar fomentos para essa instituição ver a qualidade de ensino. Então para a instituição é importante sim! Por questão de medida, mais isso nem sempre quer dizer que o aluno está tendo um bom rendimento, para a instituição ela serve para questão de quesitos, para questão de elitizar, não só essa instituição como qualquer outra instituição, mais é o que vai constar a aprovação ou reprovação de um aluno.(Professor A).

Na atualidade a avaliação serve somente para a nota, para o aluno ser aprovado, mais não quer dizer que o conhecimento todo do aluno vai ser mostrado dentro desta avaliação. (Professor I).

Os professores A e I se apropriam de uma cobrança muito comum dentro das instituições, a cobrança do resultado em números. O Professor A deixa bem claro: “[...] instituição ela quer ver resultados[...]”. O Professor I

evidencia que a nota não deixa clara a real situação do aluno, porém a utiliza para tal fim.

Estas afirmações apresentadas pelas entrevistas merecem atenção especial, elas podem mostrar atitudes dos professores contemplando se são ou não agentes responsáveis pela implementação de uma função avaliativa que contribui na construção do conhecimento dos alunos. Este tipo de afirmação, em que se nota a intenção de classificar os alunos em sala de aula, prejudica seriamente o aprendizado dos alunos. Ora, sabemos que o aluno terá maior chance de construir conhecimento quando os conteúdos apresentados estiverem relacionados com sua realidade e desejo em aprender. Percebeu-se que, embora os entrevistados tenham vontade de romper com o modelo de ensino tradicional, não enxergam, em sua realidade, outra maneira de avaliar os alunos se não com o modelo classificatório legitimado pela escola.

A função da avaliação apresentada, nas entrevistas analisadas, apresenta-se como uma ferramenta, que objetiva verificar se o aluno alcançou os objetivos propostos dentro do processo de ensino-aprendizagem. De maneira rudimentar, os professores entendem a função da avaliação como algo que controla o conhecimento, aquele processo que serve de termômetro, que analisa como está o aluno, uma maneira bem rupestre de classificá-lo. A função da avaliação adiciona uma grande quantidade de dados, muito superior à dados de avaliações escritas.

Percebeu-se que a função da avaliação para os professores do Instituto Federal é repleto de contradições, uma vez que ela ora é tida como um fim para se verificar se o aluno está capacitado dentro de determinado conteúdo, ora é entendida como forma de preparar o aluno para sua realidade, seja o que busque um vestibular ou um emprego.

Os professores relacionam a função da avaliação, levando em consideração sua formação acadêmica e familiar, colocando essas experiências dentro da escola, não tendo como referência pesquisadores sobre essa temática. Mesmo assim, conseguem colocar-se no lugar do aluno ao trabalhar uma situação de ensino, pois suas experiências vivenciadas também fazem parte da construção de seu conhecimento, entretanto ter uma base

teórica proporciona reflexões para um crescimento dentro de uma linha crítica participativa.

4.2 Reflexão sobre ensino e didática na perspectiva avaliativa

Partindo do pensamento de que a avaliação é também uma exigência de nossas instituições escolares e está presente em quase todos os momentos do nosso fazer pedagógico, entende-se que a mesma deve conter um aspecto inclusivo. O professor, ao planejar suas aulas, precisa estar sensível ao fato de que todos os momentos têm sua importância: seja em um diálogo, em uma apresentação ou em um comentário que seja, o aluno está construindo conhecimento. Esse pensamento se reflete na compreensão conceitual que os professores têm sobre sua forma de avaliar.

Bom! A minha avaliação é feita de forma construtiva, participação em sala de aula, desenvolvendo a responsabilidade do aluno, acho que, o que deveria contar mais em todos os tipos de avaliações, que é você saber se realmente o aluno é um aluno responsável, ela é dividida em trabalho e participação, que são as atividades realizadas em sala de aula, os trabalhos são feitos em grupos ou individuais e por provas. (Professor A).

As minhas avaliações considero bastante o contexto do aluno, tento inserir dentro do meu processo de avaliação, que meu processo de avaliação é contínuo, não é sistêmico de avaliações escritas então eu tento é analisar as dificuldades do aluno, inserir ele dentro do contexto local por exemplo, na disciplina de biologia, gosto de inserir coisas que está no dia a dia do aluno, não adianta falar sobre por exemplo célula, se o aluno não entender que o corpo dele é constituído de célula Então acho que temos de trabalhar mais dessa forma Global, mas de maneira local inserir o aluno dentro da própria realidade, que às vezes está numa realidade e se ver fora dela, então acho que as minhas avaliações tende a envolver os alunos, a gente tem uma linguagem bem acessível aos alunos, falar escutar os alunos, acho que no processo de avaliação a gente tem que aprender escutar não só falar. (Professor H).

As afirmações acima de dois professores que pensam de maneira semelhante quanto à sua forma de avaliar. O primeiro afirma que: “[...] A minha avaliação é feita de forma construtiva, participação em sala de aula, desenvolvendo a responsabilidade do aluno[...]”. O segundo, seguindo o mesmo caminho afirma:

[...] As minhas avaliações considero bastante o contexto do aluno, tento inserir dentro do meu processo de avaliação, que meu processo de avaliação é contínuo, não é sistêmico de avaliações escritas então eu tento é analisar as dificuldades do aluno, inserir ele dentro do contexto local[...].

Nesse contexto, a avaliação aparece como um processo de inclusão. A inclusão no sistema educacional brasileiro começou a ser uma realidade, entretanto seus avanços foram poucos e a escola ainda não é pensada para atender a classe trabalhadora, de modo que o que acontece hoje nas escolas públicas, muitas vezes, são sujeitos que buscam apenas um diploma para tentar competir no mercado de trabalho. Assim, se de um lado, mais pessoas passaram a ter acesso à educação escolar, por outro, muitas ainda acabam sendo vítimas da exclusão pela não aprendizagem significativas dos conteúdos fundamentais à formação integral humana, não possibilitando a todos o sucesso escolar.

Nesse contexto, a escola não está realizando sua função social que é de formar alunos críticos, reflexivos e participativos dentro da sociedade. Diante dessa realidade é que a avaliação de qualidade deve se impor, seguindo sua caminhada como uma avaliação democrática, não uma avaliação isolada, que seja somente para aprovar ou reprovar o aluno. Pois

A inclusão pode representar exclusão sempre que a avaliação for para classificar e não para promover, sempre que as decisões levarem em conta parâmetros comparativos, e não as condições próprias de cada aluno e o princípio de favorecer-lhe oportunidade máxima de aprendizagem, de inserção na sociedade, em igualdade de condições educativas. (HOFFMANN, 2006 p.34).

Constatou-se que os professores costumam usar termos para classificar os alunos, que são: capazes; incapazes; fortes; fracos; bons; maus; entre outros. Isso para classificar a aprovação ou reprovação que se reflete como uma dinâmica de inclusão/exclusão tanto na escola como também no meio social, já que estes alunos são classificados como os que “não aprendem” os que não sabem. Assim, quando o professor B afirma que percebe

[...] a avaliação dentro de duas formas tanto na visão qualitativa quanto na visão quantitativa, claro que do ponto de vista dos alunos o que importa é o quantitativo para passar de ano, que é o que a escola

cobra, a escola hoje cobra o que? É nota! Ela cobra aquele nível que tem que ser de nota alcançado pelo aluno. Em nenhum momento pensando pelo qualitativo se de fato ele aprendeu ou não aprendeu (Professor B).

Fica bem explícita a angústia do aluno e da escola pela nota, deixando o professor isolado em relação ao processo ensino-aprendizagem. Estão nítidas as dificuldades do professor. Para que esse contexto acabe é preciso repensar e mudar a concepção do governo e da sociedade, já que estes seguem o caminho da aprovação ou reprovação, ou seja da nota, deixando de lado a construção do conhecimento.

Percebe-se que, para quebrar esse paradigma, os professores devem ter momentos de reflexão na busca de soluções que auxiliem para sanar essas dificuldades. A fim de compreender melhor como funciona esses momentos foi feito o seguinte questionamento: Existem trocas de experiências sobre o processo de avaliação da aprendizagem que envolve os professores?

Existem sim! Principalmente na sala dos professores a gente acaba trocando muitas experiências sobre o que cada um faz em determinado momento, você acaba assimilando pedras preciosas para seu trabalho. Quando o professor faz uma avaliação é percebe que o desempenho do aluno foi muito ruim explica que a avaliação dele foi de uma forma, daí podemos perceber se foi o aluno, ou se foi a avaliação que foi um pouco difícil, ou a avaliação foi difícil de compreender, então a gente acaba avaliando ali, uma conversa mesmo com um colega sobre uma avaliação que aplico em uma determinada turma. (Professor D).

Sim! Já foi tema até de grupo de estudo aqui, os professores discutiram essas questões, também organizado pela coordenação pedagógica. (Professor G).

A afirmação do Professor D sobre suas trocas de experiências não é vaga, pois evoca sua realidade, de como trocar experiência. Já o professor G afirma que participou de grupos de estudos organizados pela coordenação pedagógica, e, nesse sentido, percebemos duas realidades diferentes, que trabalham no mesmo ambiente. Compreender o que de fato acontece dentro da instituição, depende de entender a cada professor, pois cada um tem sua maneira de trabalhar e trocar experiências. Partindo desse princípio, também foi questionado como o professor constrói sua base teórica para elaborar seu planejamento avaliativo.

Piaget e Vygotsky, uso os dois. O aluno tem condições de aprender sozinho o professor vai ser o intermediador. É isso que faço nas simulações virtuais, tiro uma dúvida aqui ali é ele vai desenvolvendo sozinho. (professor F).

Foço minha base teórica na resolução de problemas, sigo Alzenberd, ensino-aprendizagem, onde você parte do geral para o particular e do particular para o geral. (professor I).

Geralmente eu sigo as orientações dos pedagogos na Instituição, dos colegas também que já tem mais tempo de docência. (professor G).

Em uma análise sobre a base teórica utilizada pelos entrevistados, revela-se com frequência a ideia de que dentro do paradigma tradicional, confeccionado em sua trajetória docente, é possível pensar em formas de compreender qual o sentido de se ter uma base teórica para trilhar caminhos que facilitem sua ação docente. Os professores F e I acabam, meio que sem jeito, citando nomes de autores, tentando deixar claro que utilizam alguma base teórica. Certamente eles têm alguma razão; porém aí aparecem contradições, quando citam nomes de teóricos sem ter segurança em sua fala, lembrando teorias que ouviram há tempos, e isso fica nítido dentro de seus discursos ao longo da entrevista, pois ao mesmo tempo que o professor tenta construir o aluno com uma visão crítica, preocupa-se em ministrar várias horas de aula para cumprir com as obrigações institucionais. Já o professor G deixa bem clara sua realidade quando afirma: “[...] Geralmente eu sigo as orientações dos pedagogos na Instituição, dos colegas também que já tem mais tempo de docência[...]”. Nesse sentido, será possível o professor entender a avaliação de forma diferente do que a instituição propõe? Será possível quebrar com essa base tradicional, no momento em que o seu trabalho está ligado a várias obrigações cobradas pela instituição? Parece que não, pois, ao mesmo tempo que os professores buscam saídas, acabam se contradizendo dizendo que o sistema cobra e que precisam cumprir as obrigações.

Levando em consideração essa reflexão, questionou-se sobre a sua autonomia no seu fazer pedagógico ao longo do processo avaliativo:

Aqui existe! o professor tem, o que é proposto é o mínimo de notas de quesitos de avaliações que você tem que cumprir, mais aqui dentro o

professor tem total liberdade de executar o seu tipo de avaliação, dentro de provas trabalhos pesquisas notas qualitativas que dizem respeito a produções individuais existe toda essa liberdade. (Professor B).

Autonomia do professor agora podem ter diversas explicações. Autonomia eu acredito que sim, o professor tem autonomia para avaliar o aluno, não 100% mais acredito que tem sim autonomia. (Professor C).

Observa-se que a autonomia neutralizada historicamente pelo sistema, tem explicações diferenciadas, conforme destaca a investigação. Entende-se, aí, a necessidade de respeito mútuo entre instituição e professores, para a produção de ações ao longo do percurso avaliativo. Sem essa interação, os envolvidos caem em armadilhas que concretizam o ensino tradicional. É importante, portanto, o desenvolvimento das habilidades e competências (ESTEBAN, 2013) propostas pelos sistemas de ensino para auxiliar o trabalho docente.

Contudo, a avaliação praticada dentro de várias instituições acaba funcionando como forte instrumento de controle educacional, conforme percebe-se na fala do professor B: “Bom, a base teórica que utilizo é em cima do método tradicional de fato é elaboração de prova e avaliação do conhecimento”. Esse entrevistado não tem vontade em tentar romper com o modelo de ensino considerado tradicional, ele não enxerga outra saída para avaliar seus alunos que não seja a prova escrita.

Com o propósito de refletir sobre ensino e aprendizagem, uma das questões entrelaçadas com o processo avaliativo dentro da pesquisa, tentou-se analisar o que os professores disseram acerca deste assunto:

Bom, ensino está relacionado a vários meios, não só dentro de uma instituição escolar mais também, na comunidade em que o cidadão está inserido, então aprender viver e respeitar acho que cada cultura, então se o cidadão é criança ou adolescente está vivendo numa comunidade pode ser ela comunidade urbana ou comunidade rural, ele está aprendendo, já dentro das instituições de ensino, por exemplo aqui no instituto federal, o ensino ele serve para formar o cidadão, o objetivo é ele ser um cidadão crítico reflexivo, para dar suas opiniões, e também de certa forma o ensino serve para inserir esse cidadão no mercado de trabalho.(Professor A).

É uma pergunta complexa, ensino é bem complexo, ensino é tudo que, desde quando você entra em sala de aula até sair você está

ensinando, até mesmo quando não está ensinando um conteúdo da disciplina você está passando algum conhecimento para o aluno, então ensino é muito complexo, é um processo, onde o aluno vai assimilar um conteúdo que pode ser tanto em sala de aula como em um debate, um assunto que está dentro da sociedade, então é algo muito complexo difícil de definir realmente. (Professor D).

Levando em consideração a afirmação do professor A: "... Ensino está relacionado a vários meios, não só dentro de uma instituição escolar mais também, na comunidade em que o cidadão está inserido...", entendemos que que essa deve ser a atitude do verdadeiro educador que constrói conhecimento não apenas dentro da escola, mas também fora dela. Pois,

[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Fala-se hoje, com insistência no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente a de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é de que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer aquilo que não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 29).

O Professor D relata que "[...] ensino é tudo que, desde quando você entra em sala de aula até sair você está ensinando, até mesmo quando não está ensinando um conteúdo da disciplina você está passando algum conhecimento para o aluno[...]". Ao analisarmos o que os professores afirmaram sobre o que é ensino, foram ditas coisas interessantes, que condizem com os reflexos das análises de Freire (1996). Assim é preciso que o professor tenha um envolvimento crítico e reflexivo e ainda pensar de forma autônoma a sua postura político-pedagógica. Dessa forma poderá encontrar subsídios que o ajudem a resolver diversas situações encontradas em sala de aula.

Quando se perguntou aos professores o que entendiam sobre o conceito de aprendizado, as respostas dadas revelam suas experiências adquiridas em sala de aula:

E a aprendizagem em meu conceito ela está dentro do ensino porem em meu conceito eu penso que aprendizagem é mais especifico para uma instituição escolar, é onde ele vai aprender o que se deve ou

não, então o ensino ele pode ser mais amplo, ele pode estar voltado no meio social, e aprender quando se fala de aprendizagem é basicamente compreender o que se está se transmitido para ele. (Professor A).

A aprendizagem já é um processo de resultado do que você está aplicando é uma consequência após o ensino nós temos a aprendizagem então estão ligados uma com a outra não existe aprendizagem sem ensino nem ensino sem aprendizagem. (Professor D).

Partindo desta reflexão que busca construir conhecimento acerca do processo avaliativo, percebe-se que o ensino e a aprendizagem fazem parte das ações dos professores. Em meio a esse processo, a função da avaliação é formar sujeitos críticos participativos, ao mesmo tempo em que o professor, comprometido com esse processo, buscarefletir a postura e reavaliar constantemente sua ação profissional. Assim, a avaliação torna-se importante quando é feita em parceria, professor e aluno, pois dessa forma são criadas condições para obter a aprendizagem de todos envolvidos no percurso educacional.

Relata o professor G: “[...] nessa instituição tem vários eventos ao longo do ano, ocorre essas discursões, amostra pedagógica, fórum de pesquisas, semana do meio ambiente, então isso sempre acaba integrando[...]”. O que se observa é que alguns professores procuram inovar em suas ações no processo avaliativo, tentando novos caminhos para realizar sua prática, a fim de facilitar sua tomada de decisão e melhorar a construção do conhecimento do educando. Contudo, os professores, em decorrência das exigências da própria instituição, acabam inserindo um tipo de avaliação tradicional inovadora, tentando com pequenas ações romper o modelo tradicional. Nesse sentido, os educadores comentam novas formas de avaliar:

Eu costumo fazer a partir de cada conteúdo aplicado, então eu faço exercícios avaliativos, termino o conteúdo eu já faço exercícios avaliativos que valem pontos, e faço aulas práticas com os alunos que é outra avaliação, é por fim, faço uma prova escrita individual com a turma. (Professor D).

Então geralmente , gosto de observa vários pontos, gosto de fazer uma observação geral do aluno, tipo fatores como , participação dentro de sala, frequências, assiduidade, respeito aos colegas, a questão de conhecimento em si, geralmente uma avaliação escrita, e

dependendo da disciplina também, é importante, as vezes é fundamental, tem que fazer as aulas práticas ou visitas técnicas ao estabelecimento, então basicamente seria dividido nesse modelo, por hora as vezes eu faço também seminários mais isso também é muito relativos, mais geralmente a avaliação constante do aluno e uma avaliação escrita. (Professor G).

O que observamos a partir das falas dos professores D e G é que os mesmos pensam em outras formas de avaliar, que perceptivelmente fogem do modelo tradicional. Entretanto algumas afirmações deixam clara a existência do modelo classificatório, como é o caso do professor D: “[...]é por fim, faço uma prova escrita individual[...]” e do professor G: “[...]geralmente a avaliação constante do aluno e uma avaliação escrita[...]”. O que se observa é um paradoxo, pois ao mesmo tempo que os professores querem inovar o sistema reprende com suas leis e obrigações a serem cumpridas.

O discurso de cada educador depende muito de sua formação intelectual, que está diretamente ligada às suas experiências e vivências no decorrer de sua trajetória. As afirmações dos professores a respeito dessa questão são muito variadas. Veja-se o que diz o professor B:

Bom minha avaliação é feita claro com os conteúdos que foram ministrados dentro de sala de aula sempre buscando mais uma temática que envolva mais o dia a dia deles algo que está presente em seu cotidiano, sempre costumo trazer algo dentro da vivencia deles para facilitar esse processo de ensino-aprendizagem. Além disso pelo contexto e pelas exigências do ensino médio trabalho também com questões adaptadas de vestibular que são trabalhadas também dentro de sala de aula. (Professor B).

Percebe-se que o professor B está preocupado com o processo de ensino-aprendizado dos seus alunos, mas, ao mesmo tempo, deixa de lado essa preocupação inicial para voltar sua atenção às exigências da escola quanto ao ENEM (vestibular, na fala do professor), inserindo, com isso, atividades adaptadas a esse exame no contexto em sala de aula. De alguma forma, ele tem seus motivos, e mais uma vez percebemos a grande contradição do professor que tem de formar um aluno crítico e participativo no mesmo período em que treina esse mesmo aluno para um exame nacional.

De uma maneira geral, o relato acima é verdadeiro, pois reflete a realidade do professor. Mas é uma ação tradicional, que está imposta dentro em uma sociedade, a qual ainda busca o caminho para construir cidadãos

críticos e participativos. O intrigante é perceber que o tradicional de hoje é bem diferente do que acontecia décadas atrás, uma vez que o maior acesso a informações lhe permite ter uma visão mais ampla do que acontece ao seu redor.

O professor B insiste em dizer que se apropria de uma série de conteúdos próprios do dia a dia dos alunos, a fim de avaliar melhor, no entanto, ainda assim, pontua que a preparação para o vestibular (ENEM) tem importância diferenciada para o aluno. O que pensar dessa preocupação dos alunos com sua realidade, pois passar nesse exame torna-se mais importante do que o processo de ensino-aprendizagem. Gera-se uma contradição quando o professor afirma que acompanha o aluno levando em consideração a realidade, sendo o ENEM a busca principal do aluno.

O discurso é preciso e objetivo ao expressar que, diante de várias buscas em construir conhecimento, a que servirá para um futuro promissor é a aprovação no ENEM. Assim, é possível descobrir, sem dificuldade alguma, a ação pedagógica desse professor, deixando claro que ela apresenta conhecimento de suas práticas e ações dentro da instituição.

A partir de algumas afirmações dos professores, percebeu-se que estes sujeitos, constroem sua didática levando em consideração suas vivências, realidade e cobranças dentro da instituição. O que se percebe é que os professores precisam buscar por mais formação continuada, o que lhes possibilitará um melhor entendimento do mundo ao seu redor e, conseqüentemente, lhes trará reflexões sobre a real função da avaliação.

É importante dizer que, apesar de um frágil entendimento daquilo que de fato chamamos de didática, não se pode esquecer da riqueza dos elementos do processo de ensino e aprendizagem apresentado pelos professores ao longo da entrevista, pois afirmam seus anseios e preocupações com seus alunos, o seu conhecimento, a sua realidade, e até mesmo seu conhecimento teórico e metodológico de sua formação intelectual. Essa realidade, afirmada pelos professores deveria auxiliá-los na realização de suas práticas de ensino. A entrevista revela que é necessário refletir conceitos e dinamizar a prática baseada em teorias que contemplem as diferenças, que

ajude o sujeito a interagir com seu meio social (FREIRE, 1996; LUCKESI, 2008).

Em um contexto geral, este diálogo proporciona uma reflexão que pode ajudar a repensar a prática didática exercida por estes professores em sala, uma vez que os mesmos revelam um fazer pedagógico a partir de suas vivências e experiências ao longo de sua profissão.

4.3 A importância da nota: o que dizem os professores?

Nesta seção, serão analisadas as falas dos professores entrevistados, os quais responderam perguntas acerca da importância (ou não) da nota/pontuação no ato avaliativo.

No cotidiano da sala de aula, sabemos que a nota é um instrumento bastante cobrado pelo Estado, pela escola e pela família. Na tentativa de sair do modelo de avaliação tradicional, muitos professores demonstram ficar um tanto confusos. Isso sinaliza que o professor está envolvido em um conflito na realização de seu processo avaliativo: de um lado, a aprendizagem dos alunos e, do outro, as cobranças pela nota feitas pela instituição de ensino.

De uma forma geral, os professores apresentam dificuldade em responder qual, de fato, seria a função da avaliação. Em alguns momentos, mostram-se preocupados em não parecerem tradicionais, afirmando, a todo instante, que praticam a avaliação contínua e respeitam a realidade dos alunos.

O que parece ser a função da avaliação para alguns nem sempre corresponde às falas dos outros envolvidos na pesquisa. Nos excertos abaixo das falas dos entrevistados, podemos notar posturas diferenciadas. Na segunda fala, especificamente, é possível observar a imposição tanto das instituições de ensino quanto dos pais em relação à questão a nota:

A nota não quer dizer nada, mais como é um instrumento que o governo usa, tem que ser feito, tenho excelentes alunos que na hora da prova tem dificuldades por falta de atenção, não quer dizer que na hora da avaliação pioraram, foi falta de atenção descuido, então avaliação não é um critério muito rigoroso.(Professor I).

A nota mesmo é só pra questão de avaliar e pro aluno saber onde ele ficou dentro daquele semestre; então a nota é importante para o aluno porque acaba valorizando o desenvolvimento dele durante toda

disciplina e para os pais também porque a partir da nota eles percebem se eles tiveram mesmo uma assimilação do conteúdo se foram muito bem na disciplina é importante ter a nota mesmo. (Professor D).

O importante para a escola nem sempre é saber se o aluno aprendeu ou não, mas sim se o conteúdo programado foi ministrado e o aluno obteve nota para ser aprovado. Nesse contexto, o professor é posto diante do desafio para superar as práticas avaliativas baseadas no modelo que se preocupa apenas em aprovação ou reprovação. Como afirma o professor I: “[...] A nota não quer dizer nada, mas como é um instrumento que o governo usa, tem que ser feito[...]”. Mudar essa prática avaliativa não é algo fácil, já que, não são somente as práticas avaliativas que devem ser mudadas, mas também o pensar sobre a avaliação que está incorporada no espaço escolar (ESTEBAN, 2003) e nos sujeitos, como afirma o professor D: “[...] a nota é importante para o aluno porque acaba valorizando o desenvolvimento dele durante toda disciplina e para os pais também, porque a partir da nota eles percebem se eles tiveram mesmo uma assimilação do conteúdo[...]”.

Nesse sentido, percebe-se que a nota em si pode esconder a real situação do aluno, pois a mesma não significa aprendizado e isso pode causar muitos problemas para o futuro desse aluno. O professor assume um papel de juiz, pois pode analisar essa nota de várias maneiras e com diversos entendimentos. Nesse arranjo, o julgamento é posto como crucial.

No decorrer do processo escolar fatores externos das vivências dos alunos refletem em suas ações ao longo da aprendizagem, uma vez que cada aluno tem as suas especificidades no processo de aprender; ou seja, um aluno ideal, como afirma os professores:

É aquele que não falta, é aquele que questiona mais um questionamento de tentar aprender, é aquele que traz perguntas, dúvidas sobre o conteúdo, é aquele que tem o bom comportamento, que respeita o professor, que respeita os colegas dentro de sala de aula, é aquele vem com vontade de sair com maior conhecimento do que entro. (Professor D).

O aluno ideal é o aluno que busca conhecimento que tem interesse em conhecimento aquele aluno que não se atém apenas ao que se é ministrado nas aulas que busca quando não está dentro da escola ele busca em casa nas mídias busca nos livros sempre indagando os professores nos conteúdos que foram repassados, esse para mim é o

aluno ideal o aluno que está na busca constante por conhecimento.
(Professor B).

Percebe-se um ponto em comum nas falas acima: o Professor D afirma que aluno ideal “[...] é aquele que questiona, mais um questionamento de tentar aprender, é aquele que traz perguntas, dúvidas sobre o conteúdo[...]”; o Professor B acredita que aluno ideal é aquele que não se limita aos conteúdos ministrados em sala de aula. Aqui, convém salientar a dimensão da individualidade a ser levada em consideração, pois não é possível estabelecer um padrão de alunos a serem formados, dando o mesmo tratamento a todos.

Existem, também, os alunos considerados não ideais, conforme se percebe na fala do Professor B: “O objetivo é a gente trabalhar para que ele se torne ideal, é através de conselhos, é parar um pouquinho, é conversar, é tentar despertar ele tirar ele de um caminho ruim para um caminho bom”. A fim de formar o aluno ideal, esse mesmo professor procura:

[...] tornar o conteúdo mais atrativo, mais interessante, principalmente motivar ele aos estudos, principalmente a partir do momento que o conhecimento se torna válido ele vai começar entender que esse conhecimento ele é aplicável então, portanto fica um conhecimento interessante. (professor B).

É tarefa complicada entender a importância de uma nota para o professor, pois ela está relacionada a uma série de valores engendrados em sua realidade profissional. A respeito das cobranças do sistema escolar, alguns professores julgam-nas como a maior causa do insucesso da avaliação escolar, e gostariam até mesmo que essa forma de se avaliar fosse abolida. Outros simplesmente acham importante rever essa questão, porém não fica claro que mecanismos seriam capazes de modificar o sistema avaliativo tradicional legitimado em nossas instituições.

O discurso sobre a importância da nota é explicado de acordo com o contexto de cada professor. As visões dos professores a respeito dessa questão em alguns momentos se distanciam umas das outras. Veja o que afirma o professor G:

Então geralmente, gosto de observar vários pontos; gosto de fazer uma observação geral do aluno, tipo fatores como , participação dentro de sala, frequências, assiduidade, respeito aos colegas, a

questão de conhecimento em si, geralmente uma avaliação escrita, e dependendo da disciplina, também é importante, às vezes é fundamental, tem que fazer as aulas práticas ou visitas técnicas ao estabelecimento, então basicamente seria dividido nesse modelo, por hora, às vezes eu faço também seminários, mas isso também é muito relativo, mas geralmente a avaliação constante do aluno e uma avaliação escrita. (Professor G).

Quando o professor G afirma por duas vezes “uma avaliação escrita”, percebe-se que ele atribui muita importância ao mecanismo que a escola cobra a nota. Percebe-se uma importância para a nota e com a realização dessa avaliação escrita, visando a verificar o rendimento do aluno. Com isso, busca-se classificá-lo, deixando de lado a construção do conhecimento. Tentando construir-se fora da realidade tradicional, o professor G expressa estar atento a comportamentos dos alunos, tais quais “participação dentro de sala, frequências, assiduidade, respeito aos colegas”, todavia recai na opção usual: a prova escrita

Aqui surgem dois questionamentos: a avaliação escrita é importante mesmo? Se sim, como o professor observa as demais atividades realizadas no dia a dia? Existe relação entre a avaliação escrita e essas atividades?

Verifica-se que o professor, nesse momento, é primordialmente classificador. A avaliação escrita aparece como indispensável na avaliação dos alunos, para se determinar seu progresso com nota. Fica obscuro como o professor avalia tantas outras atividades. Assim, subentende-se que a prova escrita continua sendo o elemento que decide a construção do conhecimento dos alunos na atual conjuntura.

Do ponto de vista de nossa realidade, o relato do professor G é bem coerente, logicamente reflete sua realidade dentro da entrevista. O interessante é verificar que o tradicionalismo está disfarçado dentro das afirmações. Observe-se a fala do professor A:

Bom! A minha avaliação é feita de forma construtiva, participação em sala de aula, desenvolvendo, a responsabilidade do aluno acho que é o que deveria contar mais em todos os tipos de avaliações, que é você saber se realmente o aluno é um aluno responsável, ela é dividida em trabalho e participação que são as atividades realizadas em sala de aula, os trabalhos são feitos em grupos ou individuais e por provas. (Professor A).

Um tanto contraditória a fala do professor A. Parece que seu discurso está relacionado ao mesmo conflito interno que já afirmam anteriormente: um mecanismo injetado pela escola que causa esse conflito no professor, ensinar ou classificar. O professor afirma usar diversas formas para avaliar, reconhece a realidade dos alunos, pois utiliza trabalhos e participações como avaliação, todavia, diante da cobrança da escola, coloca maior peso na avaliação escrita, ou seja, a prova.

O professor G, pontua a avaliação escrita duas vezes em seu discurso, embotatambém afirme que se preocupa com outros caminhos. , No entanto, o que se percebe é que a avaliação escrita ainda representa a parte principal na construção do conhecimento. Fica evidente a contradição dos professores A e G ao dizerem que observam participações, respeito, responsabilidade e frequência, e, por outro lado, mantêm a avaliação escrita como o elemento mais forte para avaliar?

No mesmo sentido, observe a fala do professor B: “Além disso pelo contexto e pelas exigências do ensino médio trabalho também com questões adaptadas de vestibular[...]”. Interessante pensar assim, contudo o vestibular (ENEM) é uma forma classificatória imposta pelo governo, que não é capaz de atender a toda sua população; trata-se de um modelo de avaliação no qual o aluno responde “certo” ou “errado”.Contraditoriamente, professores falam de uma escola como espaço de reflexão e democracia, contudo, na prática a avaliação tradicional está camuflada em suas falas.

Veja o que comenta o professor H:

[...] considero bastante o contexto do aluno, tento inserir dentro do meu processo de avaliação, que meu processo de avaliação é contínuo, não é sistêmico de avaliações escritas então, tento é analisar as dificuldades do aluno, inserir ele dentro do contexto local. (Professor H).

Percebe-se que esse professor teve boas reflexões sobre a função da avaliação, talvez ele participe de formações continuadas que possibilitaram compreender as ferramentas do processo pedagógico. Apesar dos problemas que os professes brasileiros enfrentam, o professor H procura relacionar teoria e prática, levando em consideração a realidade do aluno.

Dando continuidade à análise de falas que evidenciam a nota como ferramenta para classificar o aluno, possivelmente pelo fato desses professores estarem inseridos em um modelo de ensino tradicional e em uma sociedade que, por ser competitiva, cobra notas, provas escritas, observemos a seguinte afirmação:

Eu costumo fazer a partir de cada conteúdo aplicado, então eu faço exercícios avaliativos, termino o conteúdo, eu já faço exercícios avaliativos que valem pontos, e faço aulas práticas com os alunos que é outra avaliação, e, por fim, faço uma prova escrita individual com a turma.

Analisando as falas dos sujeitos desta pesquisa, percebeu-se como eles executam sua prática: quase sempre como uma espécie de juízes, que possuem o poder de aprovar ou reprovar os alunos. Se a prova é uma realidade, o que existe entre o início do conteúdo até o momento da avaliação?

Verifica-se que, quando os professores começam a romper com os modelos de ensino tradicional, buscando novas formas de avaliar, seus olhares em relação à importância da nota se modificam.

Percebe-se que muitos professores desejam estar inseridos em reflexões sobre a importância da nota. Porém, os entraves do sistema educacional a que está submetido acabam travando o professor, dificultando sua ação, que está além de ministrar uma aula, exige-se dele a interação com outras competências, outras ações e outros saberes.

Nota-se que o professor pensa em usar novas metodologias, visando a dar um olhar diferenciado sobre o sentido da nota. Todavia, convém reiterar, o dificulta esse processo são as cobranças que a sociedade e a escola impõem.

Os professores afirmam usar diversas maneiras para avaliar, como a observação de: participações, assiduidade, respeito, responsabilidade, etc. Alguns afirmam que apresentam aos alunos como serão as suas aulas e a maneira de avaliar. Entretanto, num segundo momento, esses professores sempre recaem no modo tradicional de avaliação, dadas as exigências institucionais e governamentais.

Diante atual conjuntura, o professor consegue perceber a necessidade de observar, refletir e identificar qual é o verdadeiro sentido da nota? Entendemos que o papel do professor é viver constantemente empenhado no

processo de ensino-aprendizagem, tentando quebrar barreiras históricas entranhadas na escola e criando propostas e ações que ajudem realizar essa luta. Enfim, os discursos ouvidos, carregados de experiências, angústias, percepções etc, contribuem para enfrentarmos os problemas da educação na contemporaneidade, conforme já mencionava Paulo Freire em suas reflexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário refletir sobre a visão excludente que as formas de avaliação adotadas pela escola imprimiram nas práticas escolares ao longo das últimas décadas. Somente através da educação de boa qualidade e do envolvimento daquele aluno que se encontra à margem do processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar é possível minimizar a educação autoritária, onde o professor é o detentor de todo o saber. Em seu lugar, deve-se priorizar uma educação dialogal, que permita e estimule os alunos a se expressarem e a aprenderem.

Nesta pesquisa, verificou-se que os professores apresentam variados conceitos para a função da avaliação. Um relato que aparece em vários momentos dentro das entrevistas refere-se à palavra mudança. Os professores afirmam que, para se construir um novo olhar ao processo avaliativo, é importante mudar, ou seja, que se faz necessário dispor de mudanças dentro de todo contexto educacional brasileiro, deixando-se de lado a cobrança pela verificação.

Nesse sentido, se não começarmos a mudar e a planejar o agora, não teremos condições de construir um futuro que proporcione boa qualidade de ensino e, conseqüentemente, de vida para a comunidade em questão. O crescimento cultural tem uma base mais sólida quando acontece em cima de um planejar sociocultural, pois a identidade escolar se forma com o tempo. Assim, essa mudança começa à medida que se compreende a função da avaliação dentro da instituição. De acordo com as falas de alguns entrevistados, a função da avaliação é verificar a aprendizagem dos alunos em determinado tempo, saber como os alunos chegaram a determinadas conclusões, saber se o aluno aprendeu ou não aprendeu, avaliar o rendimento de cada aluno, mostrar o resultado; também, a função da avaliação pode se restringir apenas à atribuição da nota, de acordo com o que temos observado em alguns casos.

A concepção de avaliação que leva o professor a se relacionar com os alunos de forma reflexiva é aquela em que se busca o efetivo aprendizado, o qual depende desse diálogo entre ambos. E nessa visão, a educação de qualidade na escola tem um papel fundamental, pois ela tem um leque de

oportunidades e espaços para que todos os alunos e professores se unam buscando junto melhorar a realidade social.

Em vários momentos da pesquisa, foi possível notar que os professores pensam deter todo controle dentro da sala de aula e que podem trabalhar com aluno à sua maneira, esperando que o mesmo realize todas as atividades propostas, que não apresente dificuldades e que a turma seja homogênea. Mas a realidade é diferente, quando entram em cena alunos com diferentes realidades, e por conseguinte, diferentes formas de agir e pensar.

É importante que a escola insira o processo de avaliação diagnóstica em seu currículo. No IFRR, a coordenação pedagógica trabalha com afinco inserindo esse conteúdo em momentos de estudos coletivos e individuais, buscando promover o essencial, que é a visão globalizada na solução de problemas, possibilitando o desenvolvimento do imaginar, onde um mesmo problema pode ser visto de ângulos diferentes, na busca da melhor solução. Como se viu no decorrer desta pesquisa, os professores fazem um esforço para se desprender do modelo tradicional. Nesse caminho, enfrentam uma série de dificuldades (falta de material escolar, realidade social, dificuldade financeira etc.) e, por isso, acabam transformando o processo avaliativo em uma prática tradicional classificatória. Assim, canalizam a importância da nota somente para aprovação ou reprovação. Os professores até tentam inserir outro modelo, mas parecem receosos.

Cabe ao professor avaliar de forma reflexiva seus alunos e compreender que não é o único detentor do saber, compreender que o aluno ao entrar na escola já traz seus conhecimentos prévios e suas experiências. Nesse sentido, é imprescindível que todos se conscientizem de que a educação é meio para expressar sentimentos, estimular o aprendizado, e, por isso, deve ir além dos muros escolares. Deve-se entender que a prática do professor é como estar dentro de um labirinto: há sempre surpresas, idas e vindas, novos caminhos. Certamente, em razão das cobranças da sociedade e da própria escola, ele não percebe que continua reafirmando o modelo tradicional, contudo observa-se que existem educadores que manifestam uma atitude mais inovadora.

É importante ressaltar que cabe ao professor diagnosticar o conhecimento do aluno continuamente, levando-o rumo a um caminho que não se resume apenas em garantir seu espaço físico, mas também social, levando-o a usufruir de todos os patrimônios acumulados pela sociedade e transformar esses patrimônios na construção de um mundo melhor, ou seja, cabe ao professor estar com o aluno no caminho, e não apenas indicar o caminho. Nessa visão, cada professor deve enfrentar com afinco o processo avaliativo, entendendo que a educação na escola servirá como ferramenta na valorização do aluno como sujeito participativo.

O que se percebeu a partir das entrevistas foi que os professores trabalham pensando estar em um caminho de avaliação contínua, afirmando interagir com o aluno, buscando a todo momento construir conhecimento, percebendo sua responsabilidade, assiduidade e participação. Mas, na análise das entrevistas, percebe-se que a avaliação tradicional ainda faz parte dessa rotina, pois as cobranças que ocorrem nesse processo deixam esse professor em conflito. A escola, governo e sociedade ainda não compreendem qual a verdadeira função da avaliação, perpetuando uma visão classificatória, que vem de uma lógica social, historicamente construída, a qual seleciona uma parte da sociedade.

O que se observa hoje na sociedade é que a visão transmitida na escola geralmente é basicamente determinada pela classe dominante, detentora do poder, sem, contudo, levar em conta o que as pessoas trazem de sua cultura. É necessário recuperar, no interior da escola, as expressões pessoais. E isso somente é possível através da educação de boa qualidade, buscando a humanização dos indivíduos e o comprometimento no relacionamento entre professores e alunos tornando-os cúmplices de um fazer transformador.

A prática desenvolvida pelo professor deve estar vinculada à realidade do aluno, percebendo-se isso diariamente através do processo de avaliação contínua, que é parte essencial desse processo. Essa prática tende a despertar no indivíduo maior atenção em sua própria visão de mundo, pois a educação de boa qualidade estimula-os a pensar e imaginar o que está além dos muros da escola, tornando-os mais reflexivos. O que se percebeu dentro desta análise,

foi uma tentativa de sair do modelo de avaliação tradicional, pois os professores pareciam confusos em suas afirmações, em uma tentativa de se autoafirmarem construtivistas. Isso levou a compreender que eles mantêm uma busca contínua de um modelo que substitua o tradicional.

Observa-se que os alunos adentram no ambiente escolar com toda sua experiência pessoal, e ali são postos para conhecer teorias, fórmulas, algo desconexo de sua realidade, de modo que não é dada a ênfase necessária a uma aprendizagem significativa. Nessa concepção, o conhecimento não pode advir de um ato de “doação” que o professor faz ao educando, mas sim, um processo que se realiza no contato do homem com o mundo vivenciado, o qual não é estático/bancário (FREIRE, 1996), mas dinâmico e em transformação contínua.

Durante o processo de avaliação contínua, percebem-se várias teorias, vários conceitos e várias informações de como funciona a realidade escolar. Mas a oportunidade de conhecer essa realidade acontece mesmo na prática, entretanto, as teorias e pesquisas encontradas na universidade têm por objetivo auxiliar o caminho do professor, concretizando assim a união da teoria com a prática no ensino escolar. O professor tem que buscar compreender que seu papel primordial é educar, criando condições que proporcionem um bom processo de ensino-aprendizagem, com desenvolvimento coletivo, e não o de classificar cada aluno centrando a sua avaliação na nota, conforme foi possível verificar a partir de falas de alguns respondentes.

Para finalizar, trazemos à tona a importância de uma reflexão sobre a educação do campo, levando em consideração aspectos que dizem respeito à construção de cidadãos mais éticos e conscientes, tendo em vista que os sujeitos do campo não tiveram os seus direitos respeitados tanto no que se refere ao direito à terra quanto ao direito à educação escolar. Nesse sentido, refletiu-se sobre a importância de repensar o ensino para os sujeitos do campo, facilitando a construção do conhecimento do educando, pensando em uma educação como lugar de transformação do sujeito. Porém somente haverá transformação se existir ação. A transformação será sempre positiva quando liberta o homem do negativismo e da reprodução.

É necessário, portanto, reconhecer que é preciso mudar a visão excludente permeada no espaço escolar de muitas escolas do campo. Para isso, precisamos da ajuda do governo e de profissionais competentes, com planejamentos capazes de construir uma sociedade mais justa. É importante ressaltar que cabe ao educador orientar o aluno a um caminho que não se restrinja apenas a garantir seu espaço na sociedade, mas compreender melhor o mundo em que vivemos, aprendendo usufruir melhor o patrimônio acumulado pela sociedade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 6 ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 1992.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: Elementos para uma teoria do ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975.

CALDART, Roseli. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. IN: KOLLING, Edgar, CERIOLI, Paulo Ricardo, CALDART, Roseli (Orgs.). 2002. **Educação do Campo**: Identidade e Políticas Públicas. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo. Coleção Por uma Educação do Campo, n.º 4, 2002, p.25-36.

CAMPBELL, Linda. **Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas**. 2. ed. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 2000.

CORREA; NUNES. **Pesquisa Ação**. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

ESTEBAN, Maria Teresa (org). **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____; STRECK, Danilo R. **Educação popular**: lugar de construção social coletiva. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FERREIRA, Lucinete Maria Sousa. **Retratos da avaliação**: conflitos, desvirtuamentos e caminhos para a superação. Porto Alegre: Mediação, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. revista. São Paulo: Global, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GARBOSA, Luciana; OLIVEIRA, Marilda, Oliveira de. Material sobre pesquisa em educação. Material da disciplina **A construção do conhecimento em Artes** – PPGE/UFSM, 2009.

GARDNER, Howard. **Inteligência: Um conceito reformulado**. São Paulo, Objetiva, 1999.

_____. **A criança pré-escolar: Como pensa e como a escola pode ensiná-la**. Tradução de Carlos Alberto Soares. Porto Alegre: Artes Medicas, 1994.

_____. **Inteligências Múltiplas: A teoria na prática**. Tradução de Maria Adriana Verissimo Veronese. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995.

GHEDIN, Evandro; **Educação do campo: Epistemologia e prática**. São Paulo: Cortez, 2012.

_____; OLIVEIRA, Elisângela S. de; ALMEIDA, Whasgthon A. de. **Estágio com pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2015.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: mediação, 2006a.

_____. **Avaliação: Mito & Desafio uma perspectiva construtivista**. Alegre: Mediação, 2006b.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e estatística <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao.html>, acesso em 20 de fevereiro de 2017.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2008.

MOLINA, Mônica Castagna. 2007. **Desigualdades e direitos: desafios para a qualidade da Educação Básica do campo**. In: ANPAE: XXIII Simpósio Nacional.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de (Orgs.). **Por uma Educação do Campo: contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília, DF: BRASIL, 2004.

_____. 2007. **Desigualdades e direitos: desafios para a qualidade da Educação Básica do campo**. In: ANPAE: XXIII Simpósio Nacional. Disponível em: http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/343.pdf, acesso em: 07 de mai. 2015.

SILVA, Jansen Felipe da; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria Teresa da. (org). **Práticas Avaliativas e Aprendizagens Significativas: em diferentes áreas do currículo**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico-como construir o Projeto Político Pedagógico da escola**. São Paulo. Cortez, Instituto Paulo Freire, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência á regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SACRISTAN, J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3 ed. Porto Alegre, 2000.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, ed. Cortez, 1987.

SODRÉ, Nelson Werneck. Formação Histórica do Brasil – 1962. IN: STEDILE, João Pedro (Org.). **A questão agrária no Brasil**: O Debate tradicional (1500-1960). 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico. São Paulo: Libertad, 2005.

– APÊNDICES –

APÊNDICE 1: Roteiro de Entrevista

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA - UERR
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IFRR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Questionário de Pesquisa de Campo

Profº Pesquisador: Fredson da Costa Ribeiro

Estamos realizando uma pesquisa no contexto do Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari, cujo título é: O significado da avaliação: Uma experiência no Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari, com o propósito de compreender como vem ocorrendo o processo avaliativo dentro do Instituto Federal de Roraima/Campus Amajari com professores dos primeiros anos do ensino médio integrado. Para efetivação do estudo, gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo a este questionário. Dessa maneira, solicitamos a sua colaboração para participar desta pesquisa, como também sua autorização para publicar os resultados deste estudo em trabalhos acadêmicos, eventos e revistas científicas. Será mantida em sigilo a identidade dos respondentes.

Para o questionário, utilizaremos as seguintes perguntas:

1. Em seu entendimento, o que é avaliar? Pode conceituar?
2. Sabe-se que a avaliação é uma exigência de nossas instituições escolares. Ela está presente em quase todos os momentos do fazer pedagógico do professor. No seu entendimento, qual a função da avaliação na atual conjuntura escolar?
3. Como costuma fazer a sua avaliação? Pode descrever?
4. Ao longo do processo avaliativo, qual a importância da nota?
Justifique.
5. Pode me dizer se utiliza alguma base teórica para elaborar seu planejamento avaliativo? Explique sua resposta.
6. Em algum momento de sua aula se faz discussão do processo avaliativo que envolva aluno/professor - professor/aluno?

7. Em seu entendimento, existe autonomia do fazer pedagógico do professor ao longo do processo avaliativo? Explique sua resposta.

8. Existe algum acompanhamento por parte da coordenação pedagógica em relação ao processo de ensino, em especial ao processo avaliativo desenvolvido por cada docente?

9. Existem trocas de experiências sobre o processo de avaliação da aprendizagem que envolve os professores?

10. No seu entendimento, o que seria o aluno ideal ou bom aluno?

11. O que significa aprovação e reprovação para você?

12. Ao longo do ano letivo é desenvolvido algum trabalho com alunos/professor, professor/aluno com o propósito de discutir ensino e aprendizagem no espaço escolar?

13. Sabe-se que, ao longo do processo de ensino, a escola usou com muita frequência um modelo de ensinar e de avaliação conhecido como tradicional. Pode me dizer se tivemos mudanças nesse modelo de ensino e de avaliação da aprendizagem nos últimos tempos? Sim ou não? Explique a sua resposta.

14. Qual a importância da avaliação na formação do aluno? Explique.

15. O processo avaliativo desenvolvido pelo corpo docente atende a uma proposta pedagógica ou cada um tem autonomia para desenvolver a seu modo? Se existe autonomia, que mecanismos usam para diminuir a subjetividade no processo da avaliação da aprendizagem?

16. Ao longo do processo de avaliação, como enxerga o erro nas respostas dos alunos?

17. Em relação as novas tecnologias, você utiliza algum recursos como: celular, tablete, vídeos, material da internet etc., para reforçar sua prática pedagógica? Explique.

18. Pode acrescentar algo que não perguntei e que queira dizer? Comente.

APÊNDICE 2: Perguntas em seus eixos temáticos.

Unidade de Análise	Roteiro de Entrevista
Sobre a avaliação	<p>Em seu entendimento, o que é avaliar? Pode conceituar?</p> <p>Pode me dizer se utiliza alguma base teórica para elaborar seu planejamento avaliativo? Explique sua resposta.</p> <p>Sabe-se que a avaliação é uma exigência de nossas instituições escolares. Ela está presente em quase todos os momentos do fazer pedagógico do professor. No seu entendimento, qual a função da avaliação na atual conjuntura escolar?</p> <p>Existem trocas de experiências sobre o processo de avaliação da aprendizagem que envolve os professores?</p> <p>Ao longo do ano letivo é desenvolvido algum trabalho com alunos/professor, professor/aluno com o propósito de discutir ensino e aprendizagem no espaço escolar?</p>
Ensino e Didática na perspectiva avaliativa	<p>Como costuma fazer a sua avaliação? Pode descrever?</p> <p>Em algum momento de sua aula se faz discussão do processo avaliativo que envolva aluno/professor - Professor/aluno?</p> <p>Em seu entendimento existe autonomia do fazer pedagógico do professor ao longo do processo avaliativo? Explique sua resposta.</p> <p>Existe algum acompanhamento por parte da coordenação pedagógica em relação ao processo de ensino, em especial ao processo avaliativo desenvolvido por cada docente?</p> <p>O processo avaliativo desenvolvido pelo corpo docente atende a uma proposta pedagógica ou cada um tem autonomia para desenvolver a seu modo? Se existe</p>

	<p>autonomia, que mecanismos usam para diminuir a subjetividade no processo da avaliação da aprendizagem?</p> <p>Diante de tudo que conversamos, pode me dizer o que entende por ensino? E aprendizagem, pode me dizer?</p>
<p>A importância da nota</p>	<p>Sabe-se que a nota é um instrumento bastante cobrado na atualidade pelo estado, pela escola e pela família. Ao longo do processo de ensino, qual a importância da nota para você? Justifique.</p> <p>No seu entendimento, o que seria o aluno ideal? E o não ideal, que faz por ele?</p> <p>O que significa aprovação e reprovação para você?</p> <p>Qual a importância da avaliação na formação do aluno? Explique.</p> <p>Ao longo do processo de avaliação, como enxerga o erro nas respostas dos alunos? Pode comentar?</p>
<p>Outros</p>	<p>Sabe-se que ao longo do processo de ensino a escola usou com muita frequência um modelo de ensinar e de avaliação conhecido como tradicional. Pode me dizer se tivemos mudanças nesse modelo de ensino e de avaliação da aprendizagem nos últimos tempos? Sim ou não? Explique a sua resposta.</p> <p>Em relação as novas tecnologias, você utiliza algum recurso como: celular, tablete, vídeos, material da internet etc., para reforçar sua prática pedagógica? Explique.</p>
<p>... Tem algo a acrescentar que não foi possível ao longo do diálogo?</p> <p>Por fim, agradecemos a sua colaboração com a nossa pesquisa de mestrado.</p>	

APÊNDICE 3: Resposta dos entrevistados:

Sobre avaliação
Pergunta 1: Em seu entendimento, o que é avaliar? Pode conceituar?
Resposta Professor B: Bom, entendo avaliação como um processo que você vai estar trabalhando em cima de um nível de aprendizado do aluno, de fato você vai medir o desempenho ao longo da disciplina no decorrer do bimestre este é meu entendimento sobre avaliação.
Resposta Professor D: Avaliar é ver o desempenho do aluno após o ensino de um conteúdo você avaliar o rendimento dele, após o conteúdo ministrado com uma determinada carga horaria.
Resposta Professor A: Avaliar, basicamente nós não podemos criar o conceito fixo, como o que é avaliar um aluno? O que vai ser avaliado? Nós podemos de certa forma conhecer os valores aprendidos pelo aluno, então não existe uma medida, do que é avaliar. Será que podemos medir o conhecimento de um aluno? Ele pode saber conteúdos que nós não sabemos, e que nós estamos tentando impor para ele, então existe um contexto do que de certa forma o que é avaliar. Então avaliar pra mim é tentar ver se o aluno consegue transmitir, é a transmissão de um conhecimento, então não de medidas, mais sim de transmissão.
Resposta Professor C: Avaliar para mim é uma forma de eu identificar se meu aluno está, adquirindo o conhecimento onde vou tentando construir junto com ele no dia a dia da sala de aula tenho diversas formas de avaliar esse aluno, então avaliar seria isso essa verificação da aprendizagem.
Resposta Professor I: Avaliar é submeter o aluno a ver aquele termo de aprendizagem conhecimento prévio que ele teve. Avaliar é uma forma de ver como é que foi a retenção do conteúdo para o aluno.
Resposta Professor F: Avaliar é verificar a aprendizagem do aluno.
Resposta Professor G: Avaliar? É obter resposta sobre algo lecionado, ministrado, tipo um diagnóstico para ver se o objetivo foi alcançando, daquele que a gente propôs a ensinar, a transmitir, né.
Resposta Professor H: Avaliar para mim é um dos pré-requisitos, né, para diagnosticar se o aluno entendeu de uma forma ampla que o professor propõe dentro da sala de aula para a gente poder averiguar se os resultados foram obtidos seu processo ensino-aprendizagem ele foi feito de maneira adequada.
Resposta Professor J: Avaliar é tentar colocar em valores quantitativo e qualitativo o desempenho do aluno em determinado período, seja quanto que ele cresceu naquela área específica ou naquela disciplina em atividades que foram propostas

para ele.

Sobre avaliação

Pergunta 2: Pode me dizer se utiliza alguma base teórica para elaborar seu planejamento avaliativo? Explique sua resposta.

Resposta Professor B: Bom, a base teórica que utilizo em cima do método tradicional de fato é elaboração de prova e avaliação do conhecimento.

Resposta Professor D: Uso sim uma base teórica, acabo buscando conteúdos seja em livros, na internet alguns textos até de colegas próximos e experientes eu acabo usando aí aplico.

Resposta Professor A: Bom, existem metodologias que geralmente todo docente carrega na aprendizagem universitária e é a partir dessa que uso e também de acordo com cada turma eu uso um planejamento, mas ele não é um planejamento fixo, o planejamento ele tem que ser maleável de acordo com os alunos que você está atendendo.

Resposta Professor C: Sinceramente, a gente lê na graduação diversos teóricos, então para fazer a avaliação em si eu não utilizo nem um autor especificamente não, eu junto a aprendizagem total de acordo com a vivência que eu tenho de sala de aula, dos alunos e pensando nisso é que elaboro meu instrumento avaliativo.

Resposta Professor I: Foço minha base teórica na resolução de problemas, sigo Alzenberd, ensino-aprendizagem, onde você parte do geral para o particular e do particular para o geral.

Resposta Professor F: Piaget Vigotisk eu uso os dois. O aluno tem condições de aprender sozinho o professor vai ser o intermediador. É isso que faço nas simulações virtuais, tiro uma dúvida aqui ali é ele vai desenvolvendo sozinho.

Resposta Professor G: Geralmente eu sigo as orientações pedagogos na Instituição, dos colegas também que já tem mais tempo de docência.

Resposta Professor H : Eu quando eu comecei a estudar um pouco sobre Paulo Freire, eu comecei, é durante o meu processo práticas do dia a dia eu acho que a gente só vai aprendendo a trabalhar uma avaliação diferente até êxito conforme a gente vai, conforme que a gente vai passando pelo processo de erro na sala de aula, ver que aquilo não dá certo, então assim eu trabalho com uma proposta de Miguel Arroyo, que Miguel Arroyo é uma das referências para a gente trabalhar com educação mais humanizada para entender que o aluno é um ser que ele é integral não sei que tá lhe meramente para ser avaliado só no contexto de mera formalização, eu acho que a gente tem que aprender mais entender a realidade do nosso aluno para a gente poder compreender o que realmente é uma avaliação, né, nesse sentido.

Resposta Professor J: Na verdade, temos formação, então fazemos muitas leituras, a gente já estudou, sabe que não é uma única prova para avaliar, eu não sei te dizer agora um autor específico, digamos assim, mas na minha formação sei que li, estudei e utilizei para avaliar como faço hoje.

Sobre avaliação

Pergunta 3: Sabe-se que a avaliação é uma exigência de nossas instituições escolares. Ela está presente em quase todos os momentos do fazer pedagógico do professor. No seu entendimento, qual a função da avaliação na atual conjuntura escolar?

Resposta Professor B: Bom, vejo a avaliação dentro de duas formas tanto na visão qualitativa quanto na visão quantitativa, claro que do ponto de vista dos alunos o que importa é o quantitativo para passar de ano, que é o que a escola cobra, a escola hoje cobra o que? É nota! Ela cobra aquele nível que tem que ser de nota alcançado pelo aluno. Em nenhum momento pesando pelo qualitativo se de fato ele aprendeu ou não aprendeu.

Resposta Professor D: A função para mim é avaliar mesmo o rendimento de cada aluno, se não tem avaliação o aluno acaba ficando despreocupado, desinteressado, a avaliação ela tem que fazer parte se não tiver não só na escola mais também no trabalho nos somos avaliados em tudo a uma avaliação por que se não acabam se desleixando.

Resposta Professor A: Bom, para toda instituição ela quer ver resultados, quer ver metas e é isso que vai dar fomentos para essa instituição ver a qualidade do ensino. Então para a instituição é importante sim! Por questão de medida, mas isso nem sempre quer dizer que o aluno está tendo um bom rendimento, para a instituição ela serve para questão de quesitos, para questão de elitizar, não só essa instituição como qualquer outra instituição, mas é o que vai constar a aprovação ou reprovação de um aluno.

Resposta Professor C: Sinceramente, muitas vezes acredito que o processo de ter que avaliar o aluno e geralmente muitas vezes durante o período acredito que faz é atrapalhar de certa forma, então a gente fica tão preocupado na questão de ter que avaliar, que os próprios alunos esquecem, desprendem da questão de estudar mais para aprender, pensando em passar apenas na avaliação, questão apenas de nota.

Resposta Professor I: Na atualidade a avaliação serve somente para a nota, para o aluno ser aprovado, mais não quer dizer que o conhecimento todo do aluno vai ser mostrado dentro desta avaliação.

Resposta Professor F: Complexa essa pergunta! Existem diversos fatores, depende da instituição, tem instituição que coloca a avaliação para detonar o indivíduo. Hoje trabalhamos em outra realidade onde preservamos a aprendizagem dos alunos. Verificação da aprendizagem dele através de instrumentos diversos de avaliação. E em outras instituições que já passei a avaliação do professor era para prejudicar as pessoas, não para verificar a aprendizagem, mas sim reprovar mesmo o indivíduo, como forma de punição as vezes uma avaliação fora do nível que se foi trabalhado.

Resposta Professor G: Basicamente, formar notas, hoje em nosso sistema de educação brasileira a avaliação serve para obtenção de nota. Acho que a grandeza dos professores pedagogos é tentar supera essa fase da avaliação, para que tenha seu real significado.

Resposta Professor H: Eu acho assim que uma das, principais dificuldades do docente é avaliar, que avaliar é muito amplo, você pode avaliar a questão cognitiva a questão meramente só de conteúdo na sala de aula, mas é quando a gente está em sala de aula tem que entender que o processo de ensino-aprendizagem ele envolve um leque de situações que a gente tem que entender que o aluno ele não é meramente um espectador, o aluno ele é alguém que pensa que tem sentimento então quando a gente vai diagnosticar se o aluno realmente ele entendeu, né, qual a finalidade de aprender a gente tem que é considerar alguns pré-requisitos, né, não só questão conteudista, mas a questão de valor à questão de dificuldade, qual local que o aluno tá inserido, eu acho que a grande maioria dos educadores tem essa dificuldade no sentido de diagnosticar esse processo, né, até porque na universidade a gente entende que os processos de avaliar é feito de maneira muito sistêmica. Hoje já tem uma visão muito diferente, antigamente a maioria das universidades ela trabalha dessa forma Então acho que a gente tem que discutir mais sobre o processo de avaliação, entender que o aluno é um ser que pensa um ser que tem sentimento. Então, eu acho que tudo isso interfere no processo de entender o real sentido do que é ensinar e o que aprender.

Resposta Professor J: É fundamental é preciso que a gente desenvolva mecanismo para poder avaliar a maneira mais precisa possível, pois isso também não inclui só valores quantitativos, e sim também qualitativas.

Sobre avaliação

Pergunta 4: Existem trocas de experiências sobre o processo de avaliação da aprendizagem que envolve os professores?

Resposta Professor B: Olha, pelo tempo que estou aqui, existe poucas conversas entre os professores para perceber qual a melhor avaliação que se adapta ao desempenho da turma ao nível em que a turma está, de fato sempre existe uma conversa sobre esta questão.

Resposta Professor D: Existem sim! Principalmente na sala dos professores a gente acaba trocando muitas experiências sobre o que cada um faz em determinado momento, você acaba assimilando pedras preciosas para seu trabalho. Quando o professor faz uma avaliação é percebe que o desempenho do aluno foi muito ruim explica que a avaliação dele foi de uma forma, daí podemos perceber se foi o aluno, ou se foi a avaliação que foi um pouco difícil, ou a avaliação foi difícil de compreender, então a gente acaba avaliando ali, uma conversa mesmo com um colega sobre uma avaliação que aplico em uma determinada turma.

Resposta Professor A: Bom, de certa forma pode existir sim! Como estou chegando agora no instituto não sei como acontece aqui mais, já tive experiência de trabalhar dessa maneira e funciona você trabalhar a interdisciplinaridade de algumas disciplinas que os conteúdos estão caminhando junto então pode-se fazer uma junção sim!

Resposta Professor C: Em nossa instituição sobre o instrumento de avaliação acredito que não.

Resposta Professor I: Acho isso muito restrito ainda, os professores não debatem sobre avaliação, ainda percebo uma certa resistência dos professores.

Resposta Professor F: Bom, prova escrita é o mínimo que uso, simulações virtuais onde preparo um roteiro de simulação, e baseado nas atividades que desenvolvem encima do roteiro de simulação, que é levado para o laboratório de informática, e nesse roteiro, a um passo a passo, que eles vão responder a simulação vão responder perguntas, fazer cálculo voltado a essa atividade, e isso é uma forma de verificar a aprendizagem deles se estão compreendendo. Trabalho para a casa de resolução de problemas, não passo, porque vai gerar cola, internet é só o que tem, trabalho com questões para responder em sala, também se perde muito tempo, apresentação oral e de grupo deve ser mais explorado para o aluno ter melhor apresentação diante de público, porém em sua maioria só acontecem leituras, não estudam, perde-se tempo. Tem que se priorizar na avaliação aquilo que é viável e que realmente pode trazer um resultado satisfatório. Tipo de avaliações, tipo de atividade, que você quer obter um resultado de uma turma que percebemos que já não tem um bom resultado, descarta elas, claro que isso depende da turma do local

onde se trabalha.
Resposta Professor G: Sim! Já foi tema até de grupo de estudo aqui, os professores discutiram essas questões, também organizado pela coordenação pedagógica
Resposta Professor H: Bom é feito as reuniões pedagógicas, tentamos discutir essas dificuldades nós tentamos então auxiliar, mas não é o suficiente, sabemos que não é o suficiente.
Resposta Professor J: Não! Até o momento que eu estou aqui, não participei em nenhum momento para discutir sobre isso.

Sobre avaliação
Pergunta 5: Ao longo do ano letivo é desenvolvido algum trabalho com alunos/professor, professor/aluno com o propósito de discutir ensino e aprendizagem no espaço escolar?
Resposta Professor B: Pelo tempo que estou aqui mais dentro das reuniões pedagógicas. Entre aluno professor não como a prova é elaborada mais na correção das questões da prova, é feito uma discussão com as questões da prova, sobre o que acharam mais difícil, acharam mais fácil, porque eraram ou acertaram a questão. É esse o trabalho que é feito após a avaliação ser aplicada, é a correção dos erros.
Resposta Professor D: Em termos de gestão agente tem encontros pedagógicos, e reuniões, que a essa discussão, e quando possível na sala de aula a momentos de conversar com alunos, bater um papo, trocar uma ideia, para melhorar ainda mais o ambiente de sala de aula.
Resposta Professor A: Sim! Da para ser trabalhado, trabalho com meus alunos com música uma forma de ter essa interação, essa interação é importante já que traz a valorização da cultura local.
Resposta Professor C: Sim! Em nossas reuniões de planejamento, por exemplo, vem para discutir todo processo, não só o avaliativo, mais todo processo de ensino.
Resposta Professor I: Não! Isso ainda é muito restrito os professores principalmente das áreas de exatas tem um pouco de restrições nesta parte de ensino.
Resposta Professor F: Acho que não!
Resposta Professor G: Sim! Geralmente eu procuro enfatizar aquilo que seria mais importante nele , do conhecimento que ele deve obter daquele tema, e reforça que aquilo ali, com certeza, é questão de avaliação, seja avaliação pratica ou escrita, alguns conhecimentos chaves da disciplina, porque na área técnica são muitos conhecimentos a agrega, então as vezes fica muito amplo, então a gente tem que ter alguns pontos chaves que mesmo sendo imensos eles tem que , o aluno tem que ter conhecimento né , são fundamentais pra atuação daquela atividade.
Resposta Professor H: Não! Pelo menos nas reuniões pedagógicas não né nunca teve

isso.

Resposta Professor J: Olha agora vai ter a nossa mostra pedagógica. Acho que isso é um momento de discussão do ensino-aprendizagem da relação dos alunos com a pesquisa, que é uma exigência dos institutos, porém até então eu não participei em nenhum momento de Encontro de formação reflexão sobre nossa ação pedagógica, sobre a nossa avaliação com os alunos.

Ensino e Didática na perspectiva avaliativa

Pergunta 6: Como costuma fazer a sua avaliação? Pode descrever?

Resposta Professor B: Bom minha avaliação é feita claro com os conteúdos que foram ministrados dentro de sala de aula sempre buscando mais uma temática que envolva mais o dia a dia deles algo que está presente em seu cotidiano, sempre costumo trazer algo dentro da vivência deles para facilitar esse processo de ensino-aprendizagem. Além disso pelo contexto e pelas exigências do ensino médio trabalho também com questões adaptadas de vestibular que são trabalhadas também dentro de sala de aula.

Resposta Professor D: Eu costumo fazer a partir de cada conteúdo aplicado, então eu faço exercícios avaliativos, termino o conteúdo eu já faço exercícios avaliativos que valem pontos, e faço aulas práticas com os alunos que é outra avaliação, é por fim, faço uma prova escrita individual com a turma.

Resposta Professor A: Bom, a minha avaliação é feita de forma construtiva, participação em sala de aula, desenvolvendo, a responsabilidade do aluno acho que é o que deveria contar mais em todos os tipos de avaliações, que é você saber se realmente o aluno é um aluno responsável, ela é dividida em trabalho e participação que são as atividades realizadas em sala de aula, os trabalhos são feitos em grupos ou individuais e por provas.

Resposta Professor C: A minha avaliação dependendo do objetivo que quero alcançar com aquele conteúdo vai depender da turma, vai depender do nível da turma que estou trabalhando, então a avaliação que faço escrita, porque tem vários tipos de avaliação, vai depender de diversos fatores, então um deles é o nível de dificuldade da turma que estou trabalhando o conteúdo e a turma, então só um exemplo: se, de repente estou trabalhando em uma turma que eles tem mais dificuldade, então não vou elaborar uma avaliação que vai exigir demais deles se sei que eles não vão conseguir se sair bem para demonstrar aquilo que eu gostaria que ele alcançasse como objetivo final que é a aprendizagem, então procuro adequar aquilo que eu quero alcançar dos meus objetivos para poder pensar nas questões. Exemplo: se, de

repente eu coloco uma prova muito subjetiva, geralmente as medias são muito baixas, os alunos têm dificuldades de se expressar, de escrever, enfim, se você coloca questões mais objetivas ele está vendo ali os enunciados, das questões os conceitos, tornasse um pouquinho mais fácil para ele achar o caminho para a resposta certa, então não é que ele não saiba as questões subjetivas, mas quando ele tem as questões objetivas se torna mais fácil para o aluno, até porque nos processos que se tem aí de concurso de vestibular o aluno não vai fazer questões subjetivas, ele vai fazer objetiva é nesse sentido.

Resposta Professor I: Através de resoluções de problemas, perguntas e com discursões em sala de aula.

Resposta Professor F: Foi dito na pergunta anterior.

Resposta Professor G: Então geralmente, gosto de observa vários pontos, gosto de fazer uma observação geral do aluno, tipo fatores como, participação dentro de sala, frequências, assiduidade, respeito aos colegas, a questão de conhecimento em si, geralmente uma avaliação escrita, e dependendo da disciplina, também é importante, às vezes é fundamental, tem que fazer as aulas práticas ou visitas técnicas ao estabelecimento, então basicamente seria dividido nesse modelo, por hora às vezes eu faço também seminários, mas isso também é muito relativos, mais geralmente a avaliação constante do aluno e uma avaliação escrita.

Resposta Professor H: As minhas avaliações considero bastante o contexto do aluno, tento inserir dentro do meu processo de avaliação, que meu processo de avaliação é contínuo, não é sistêmico de avaliações escritas então, tento é analisar as dificuldades do aluno, inserir ele dentro do contexto local por exemplo, na disciplina de biologia, gosto de inserir coisas que está no dia a dia do aluno, não adianta falar sobre por exemplo célula, se o aluno não entender que o corpo dele é constituído de célula. Então, acho que temos de trabalhar mais dessa forma Global, mas de maneira local inserir o aluno dentro da própria realidade, que às vezes está numa realidade e se ver fora dela, então acho que as minhas avaliações tende a envolver os alunos, a gente tem uma linguagem bem acessível aos alunos, falar escutar os alunos, acho que no processo de avaliação a gente tem que aprender escutar não só falar.

Resposta Professor J: Primeiro faço uma sondagem, o nível dos alunos, que a gente também não pode nivelar, por um ou dois e aí determinar dos alunos que já tem um conhecimento bom naquela área, veja quanto que ele conseguiu avançar e a senha faz com todos que não é só naquele momento, tipo por exemplo: faço uma prova ou um trabalho avaliativo não é como ele foi naquele trabalho ou naquela prova, mas sim,

o quanto conseguiu progredir no período e nas avaliações que eu fiz, então não é só um momento e além disso, também a participação do aluno é o desempenho dele que aprova, é na verdade só pra saber quem ficou 10 com 9 ou com 8 essa prova também é para a gente saber como que a gente está também, mas com trabalhos provas participações sala de aula o desempenho dele nas questões se eles sabem fazer pesquisa se eles sabem interpretar se ele sabe resolver problemas todo que a minha área.

Ensino e Didática na perspectiva avaliativa

Pergunta 7: Em algum momento de sua aula se faz discussão do processo avaliativo que envolva aluno/professor - Professor/aluno?

Resposta Professor B: Vem mais do professor não existe essa discussão entre professor aluno o que os alunos perguntam é professor vai ter mais de escrever ou mais de responder.

Resposta Professor D: Dentro da sala de aula antes de você começar a disciplina você acaba discutindo como vai ser a avaliação para o aluno ficar bem ciente, então há todo um repasse para se iniciar o conteúdo da disciplina.

Resposta Professor A: Geralmente esse processo de avaliação que eu coloco informação, eu coloco em cada turma que entro logo no primeiro dia informar e negociar com os alunos como a gente pode trabalhar essa questão da avaliação então já deixo claro e tento aceitar as ideias deles de como eu posso trabalhar essa avaliação. Então, no primeiro dia de aula é um período que a gente negocia, negociação entre aspas, essa forma de como será a avaliação, então não parte só de mim, mas sim também dos alunos a melhor maneira com que eles podem mostrar o rendimento deles.

Resposta Professor C: Muitas, muitas vezes eu falo sobre isso! Antes durante e depois, depois principalmente que é para percebemos as dificuldades que eles tiveram, e trabalhar em cima do erro que eles comentem.

Resposta Professor I: Sim! Depois das avaliações começamos a discutir como estava a avaliação, resolvemos toda a avaliação e entramos na discussão se estava complicada, o que faltou, quem pecou mais o professor ou o aluno, então entra-se em discussão, para ver o que faltou, o que falta ainda ser aprendido é sempre bom está discutindo sobre isso.

Resposta Professor F: Sim, sempre explico, vamos trabalhar isso ou aquilo passo as orientações.

Resposta Professor G: Com certeza, pelo nessa instituição tem vários eventos ao

longo do ano, ocorre essas discussões, amostra pedagógica, fórum de pesquisas, semana do meio ambiente, então isso sempre acaba integrando.

Resposta Professor H: Avaliação é um processo constante e durante esse processo a gente discute com os alunos sinalizam as dificuldades do processo avaliativo, e isso é um feedback para o professor, não entende o que realmente o aluno não aprendeu ou realmente não compreendeu a dinâmica da proposta que o professor durante o ano fez, para poder os alunos compreender realmente a os conteúdos. Não só o conteúdo acho que é o conhecimento do dia a dia.

Resposta Professor J: No primeiro momento, no primeiro encontro, já quando eu pergunto como eles são que eles esperam, na primeira sondagem, diante disso a gente não toca mais nesse assunto.

Ensino e Didática na perspectiva avaliativa

Pergunta 8: Em seu entendimento existe autonomia do fazer pedagógico do professor ao longo do processo avaliativo? Explique sua resposta.

Resposta Professor B: Aqui existe! o professor tem, o que é proposto é o mínimo de notas de quesitos de avaliações que você tem que cumprir mais aqui dentro o professor tem total liberdade de executar o seu tipo de avaliação, dentro de provas trabalhos pesquisas notas qualitativas que dizem respeito a produções individuais existe toda essa liberdade.

Resposta Professor D: Aqui em minha instituição sim! A gente tem uma independência, e toda independência tem toda uma responsabilidade, mas sim, a gente tem toda essa independência para trabalhar.

Resposta Professor A: Existe e não existe, em algum momento o professor pode ser autônomo a um certo ponto de transmitir o conteúdo que é de domínio dele, tem esse conteúdo que é de seu domínio, mas só que de alguma maneira vai ficar carente em algum processo pedagógico, vai ter que ter essa assessoria junto com a coordenação pedagógica em algum momento. Então nem sempre o professor vai ter essa autonomia porque nós não somos completos, em algum momento nós iremos pedir algum auxílio, eu me sinto assim.

Resposta Professor C: Autonomia do professor agora podem ter diversas explicações. Autonomia eu acredito que sim, o professor tem autonomia para avaliar o aluno, não 100% mais acredito que tem sim autonomia.

Resposta Professor I: Sim! Autonomia do professor.

Resposta Professor F: Autonomia. Eu acho que isso depende muito da instituição, nesta instituição sim, em uma outra que trabalhei não, até a coordenação e a orientação tinha um controle superior ainda dos donos da instituição que traziam esse

controle. O que eles faziam avaliação 100% em prova, não se podia fazer mais nada só prova e prova objetiva ponto final e se fazia a média aritmética era uma determinação superior dos donos da escola. Totalmente inaceitável segundo os grandes teóricos da pedagogia.

Resposta Professor G: Hum...existe, seria a possibilidade da metodologia que você falou, se tá funcionando, existe sim, aquilo que você define ali, pelo menos nessa instituição, não tem interferência externa nenhuma não, consegue trabalhar do jeito que ele quer.

Resposta Professor H: Não! Acho que a autonomia entre parte. Seguimos uma regulamentação, mas autonomia no sentido que maneira você vai avaliar o aluno eu acho que essa é a autonomia que se dá se vai ser realmente prova escrita ou vai ser ou vai analisar um longo processo aí entre partes e entre partes não então autonomia não tem.

Resposta Professor J: Sim! Porque eu que coloco objetivo como avaliar primeiro com participação por meio de atividade, por um livro, eu tenho essa liberdade de decidir, agora eu não tenho, por exemplo, se eu quiser fazer uma avaliação só, eu não posso, a nossa instituição deixa pelo menos duas, o ideal seria pelo menos três ou quatro, eu acho que três tá bom no meio de semestre, só uma também é pouca aí então, na exigência não é tão exigência porque vai de acordo com meu pensamento.

Ensino e Didática na perspectiva avaliativa

Pergunta 9: Existe algum acompanhamento por parte da coordenação pedagógica em relação ao processo de ensino, em especial ao processo avaliativo desenvolvido por cada docente?

Resposta Professor B: O que existe por parte da coordenação é a preocupação que tenha o maior número de instrumentos avaliativos, que não se atenha a apenas um método, que se procure várias formas para se avaliar o processo de aprendizagem dos alunos.

Resposta Professor D: Sim, logo no início do semestre tem uma entrega dos planos de ensino, onde consta como será a forma de avaliação, a coordenação pedagógica avalia e ocorre uma conversa com o docente, onde colocam umas ideias perguntam se é possível mudar, sempre há um bate papo em cada semestre sobre a parte de avaliação.

Resposta Professor A: Da minha parte aqui no instituto sim! Logo quando entrei no instituto, eles me informaram como deveria ser o mapeamento do planejamento o que deveria ser abordado, não exatamente falando os conteúdos que não é do domínio

deles, mas os caminhos pedagógicos que deveriam ser. E em relação à avaliação, foi informado basicamente que não se deve que é o correto, só se ter uma avaliação, mas trabalhar a questão da construção, do aluno.

Resposta Professor C: Acho que o processo de ensino sim, mas acho que essa questão de discutir mais sobre o processo avaliativo na instituição ainda tem que melhorar, pois elaboramos as avaliações e, no momento, a coordenação não consegue acompanhar o desenvolvimento tanto a elaboração, aplicação, como a avaliação de resultados do processo avaliativo. Então entregamos os nossos planos, a coordenação analisa as nossas propostas, de avaliação, mas, aí, acompanhar o processo é diferente, acho que isso ainda não acontece.

Resposta Professor I: Sim! Eles avaliam as nossas avaliações antes, para dar um parecer, onde acontecem modificações ou não, o que deve ser mudado a estrutura as perguntas entre outros.

Resposta Professor F: Depende da instituição; aqui não!

Resposta Professor G: Com certeza né. Desde o início do semestre até o final, a gente sempre recebe muita demanda da coordenação pedagógica.

Resposta Professor H: Bom eu acho que aqui na instituição gente tem um acompanhamento pedagógico sim, as meninas são até meio chatinhas conosco, quando a gente leva avaliação para elas analisarem ou alguma proposta de aula, acho que o setor pedagógico tenta trabalhar da melhor maneira possível para ajudar o docente. Nem sempre o docente consegue ver dessa forma, às vezes acha que são exagerado, que o setor pedagógico, eu realmente, tá exagerando de alguma forma, mas acho que eles tentam de alguma forma ajudar a gente nesse sentido.

Resposta Professor J: Sim! Percebo que existe toda preocupação logística, com os alunos essa parte da logística com os alunos acaba se sobressaindo na questão da avaliação, eu percebi isso, mas é característica daqui nos órgãos internos acredito que seja por isso mas eu acho que existe uma preocupação sim, da questão pedagógica, a nossa coordenação pedagógica, ela tenta orientar, uma vez eu acho que eu fui chamada ali para orientação, porém não teve uma continuidade, foi uma coisa continua, foi um caso que eu comecei depois a gente não tocou mais nesse assunto, mas eu acho que acredito que sim, que vai ter uma preocupação que não vai ser tão aparente e tão evidente.

Ensino e Didática na perspectiva avaliativa

Pergunta 10: O processo avaliativo desenvolvido pelo corpo docente atende a uma proposta pedagógica ou cada um tem autonomia para desenvolver a seu

modo? Se existe autonomia, que mecanismos usam para diminuir a subjetividade no processo da avaliação da aprendizagem?

Resposta Professor B: Claro que todas as formas de avaliação vêm dentro da LDB, o método tradicional é proposto pela EDB, a coordenação da base para você desenvolver a própria legislação, mas sim existe a autonomia por parte do professor para está desenvolvendo estes mecanismos. Agora claro que não fuja do que é proposto pela legislação da parte de educação.

Resposta Professor D: A gente tem um norte de como se deve fazer a avaliação, não tem tanto uma independência se tem um norte, daí você trabalha sua forma de avaliação que cada professor tem sua forma, mas é a partir de um norte. Assim, você avalia o que quer aplicar na sua turma em termo de avaliação, aí você aplica, existe um caminho a seguir, é através desse caminho você elabora sua forma de avaliar, de acordo com a carga horária, também não podem ser muitas avaliações com a carga horária pequena e nem poucas avaliações com a carga horária grande.

Resposta Professor A: Olha, nesse ponto quando você está em sala de aula e está vendo, aí é a hora que você tem que ter sua autonomia para ver o rendimento da turma, nem sempre a coordenação pedagógica sabe o que está acontecendo dentro de sala de aula, então no decorrer do ano, no decorrer do desenvolvimento de cada aluno de cada turma a gente não deve tratar cada turma como não se fosse uma, que a gente não vai usar um único plano de ensino, ou um único plano de aula para todas as turmas, cada turma tem alunos diferentes, e que vivem situações diferentes e isso deve ser a partir do rendimento de cada turma você deve mudar o rumo, então nesse momento você tem que ter realmente autonomia na avaliação sim.

Resposta Professor C: Eu acho que proposta tem porque temos a organização didática do campos, do instituto federal e dentro da organização didática, não sei se todos os professores sabem mais tem uma parte que é destinada ao processo avaliativo como deve ser, inclusive com alternativa de avaliação diferentes que a gente pode estar fazendo da aprendizagem dos nossos alunos, mas cada aluno, como eu falei anteriormente tem sua forma de avaliar, não é uma coisa rigorosa e acho que é bem tranquilo esse processo.

Resposta Professor I: Acredito que a autonomia é pouca por conta do professor, ainda falta mais a coordenação deixar mais autonomia para o professor, que percebo uma defasagem muito grande ainda com relação a isso.

Resposta Professor F: Cada um desenvolve ao seu modo. Depende muito da instituição aqui ficamos bem à vontade.

Resposta Professor G: Professor tem autonomia sem dúvida, pelo menos nessa

instituição aqui.

Resposta Professor H: Eu acho que é sim! Em partes, porque assim a gente tem que seguir uma normatização da instituição, não pode trabalhar de qualquer jeito seguimos normas institucionais para poder chegar no símbolo que a nota, acho que de uma forma o professor. Às vezes ele é podado em algumas práticas, justamente por conta desta normatização. Apesar que essas normativas de regulamentação de notas são discutidas pela comissão da instituição para ver o que é melhor para o aluno, mas isso tudo dentro de acordo com as normativas do Ministério de Educação. Então, acho que todas as instituições têm, segue alguns critérios, em parte sim, em parte não tem autonomia, mas ao mesmo tempo não tem.

Resposta Professor J: Sim, eu acho que o próprio PPC é uma proposta pedagógica, porque tá lá o que eu tenho que seguir, os conteúdos, aí, diante daqueles conteúdos cada professor tem a sua liberdade, de escolher melhor maneira de desenvolver. Então, acho que isso que é a parte de liberdade de escolher como diminuir a subjetividade. Bom, isso aí eu não sei como te responder, porque eu acho que é tudo tão subjetivo e cada um tem o seu critério.

Ensino e Didática na perspectiva avaliativa

Pergunta 11: Diante de tudo que conversamos, pode me dizer o que entende por ensino? E aprendizagem, pode me dizer?

Resposta Professor B: Eu entendo o processo de ensino como o conteúdo que é repassado para os alunos, aí se repassa as habilidades o aluno, claro tem que ter essa competência que eu vou entender como processo de aprendizagem, o ensino enquanto esse processo de habilidades a aprendizagem quanto à competência, ensinar é repassar o conteúdo e aprendizagem é se ele vai ou não saber aplicar àquele conteúdo

Resposta Professor D: É uma pergunta complexa, ensino é bem complexo, ensino é tudo que, desde quando você entra em sala de aula até sair você está ensinando, até mesmo quando não está ensinando um conteúdo da disciplina você está passando algum conhecimento para o aluno, então ensino é muito complexo, é um processo onde o aluno vai assimilar um conteúdo que pode ser tanto em sala de aula como em um debate, um assunto que está dentro da sociedade, então é algo muito complexo difícil de definir realmente. A aprendizagem já é um processo de resultado do que você está aplicando, é uma consequência após o ensino, nós temos a aprendizagem então estão ligados uma com a outra, não existe aprendizagem sem ensino, nem ensino

sem aprendizagem.

Resposta Professor A: Bom, Ensino ele está relacionado a vários meios, não só dentro de uma instituição escolar mais também, na comunidade em que o cidadão está inserido, então aprender viver e respeitar acho que cada cultura, então se o cidadão é criança ou adolescente, está vivendo numa comunidade, pode ser ela comunidade urbana ou comunidade rural, ele está aprendendo, já dentro das instituições de ensino, por exemplo aqui no instituto federal, o ensino ele serve para formar o cidadão, o objetivo é ele ser um cidadão crítico reflexivo, para dar suas opiniões, e também de certa forma o ensino serve para inserir esse cidadão no mercado de trabalho. E a aprendizagem em meu conceito ela está dentro do ensino, porém em meu conceito, eu penso que aprendizagem é mais específico para uma instituição escolar, é onde ele vai aprender o que se deve ou não, então o ensino ele pode ser mais amplo, ele pode estar voltado no meio social, e aprender quando se fala de aprendizagem é basicamente compreender o que se está se transmitido para ele.

Resposta Professor C: Ensino eu acho que ensino ele é um processo longo, vamos dizer assim gradativo no sentido de com o passar do tempo você vai conseguindo construir o ensino junto com os alunos, diante de todas as dificuldades, então assim, resumindo, seria um processo entre o professor, o aluno, a escola, entre toda a comunidade escolar não somente na sala de aula, então eu acredito que o ensino envolve todo um contexto e diversos aspectos e diversas pessoas para se construir esse processo e, aí, o aluno sai com o resultado disso, que é a aprendizagem, que seria a concretização do ensino.

Resposta Professor I: Ensino é transmissão de conhecimento, algo que vou ensinar para o aluno e a aprendizagem é a retenção daquele conhecimento.

Resposta Professor F: Ensino é a forma que o professor utiliza para chegar a um ponto de aprendizagem.

Resposta Professor G: Ensino é a maneira que o professor, ou a família usa para que o aluno aprenda e aprendizagem é esse resultado.

Resposta Professor H: O ensino é a maneira que escolhemos para transmitir o conhecimento, a aprendizagem é o resultado desse processo.

Resposta Professor J: São métodos o que o professor desenvolve para poder alcançar um objetivo, e que os alunos aprendem, então ensina todo esse processo para mim chegar lá. O aprendizado é um processo construído entre o professor e os alunos, porque ambos aprendem, apesar do objetivo do professor que é ensinar, dependendo do método dele, ele aprende muito mais, posso até te dar um exemplo: Estou agora fazendo com os alunos um projeto de modelagem, a gente vai fazer uma função que

relaciona o crescimento dos Tabaquis.

A importância da nota

Pergunta 12: Sabe-se que a nota é um instrumento bastante cobrado na atualidade pelo estado, pela escola e pela família. Ao longo do processo de ensino, qual a importância da nota para você? Justifique.

Resposta Professor B: Olha eu vejo tanto essa parte qualitativa, claro você tem que avaliar o aluno no contexto qualitativo, você pode mensurar isso em forma de nota, claro que a nota, de certa forma, ela não considera tudo dentro do processo de aprendizagem, pode chegar até a ser cruel, porque existem alunos no momento de prova eles tem muitas dificuldades a questão psicológicas que pode atrapalhar em determinado momento mesmo ele sabendo o conteúdo, mas você pode utilizar esse instrumento de nota, esse instrumento qualitativo de outras formas, claro que além das provas objetivas, dentro destas provas dissertativas, mas de fato é importante, mas não pode ser levado como instrumento principal existem outros métodos.

Resposta Professor D: A nota mesmo é só pra questão de avaliar e pro aluno saber onde ele ficou dentro daquele semestre. Então a nota é importante pro aluno, porque acaba valorizando o desenvolvimento dele durante o toda disciplina e para os pais também, porque, a partir da nota, eles percebem se eles tiveram mesmo uma assimilação do conteúdo se foram muito bem na disciplina, é importante ter a nota mesmo.

Resposta Professor A: Bom, a importância da nota, ela é, basicamente, no meu conceito, ela está ali para preencher papéis que a família quer ver, até o próprio aluno quer ver para saber se foi melhor que o outro, se ele tirou oitenta e o outro setenta, ele vai achar sua importância nisso, então é uma coisa que o ser humano precisa, acho que todo mundo precisa disso, é igual ao salário, igual dinheiro, nota para aluno é quase igual dinheiro, então ele precisa daquilo, ver, eu não posso dar simplesmente, já penso, se todos os alunos no final do ano sem tiver nem uma nota, é falar: "olha você foi aprovado", aí o outro: "você não foi aprovado", sem nem um número, com certeza isso daria uma grande confusão, e eles queriam explicação, então os números nos tornam conscientes do que estamos fazendo simplesmente no papel, porque no conceito de ensino essa nota não está sendo válida.

Resposta Professor C: Pra mim a importância da nota, assim acho que a nota temos que registrar, mas a nota em si não garante que o aluno realmente aprendeu tudo ou como deveria, a nota é apenas um conceito que temos que atribuir, mas acho que essa

questão de nota se fosse abolida poderia obter melhoras no processo mudar essa forma de atribuir nota que se tem hoje.

Resposta Professor I: A nota não quer dizer nada, mas como é um instrumento que o governo usa, tem que ser feito, tenho excelentes alunos que na hora da prova tem dificuldades por falta de atenção, não quer dizer que na hora da avaliação pioraram, foi falta de atenção descuido, então avaliação não é um critério muito rigoroso.

Resposta Professor F: Importância de nota, tem um critério de aprovação e reprovação, nenhuma pra mim, às vezes existem situações para se ter ideia que um aluno ele tirou uma nota oito em uma prova, valendo dez por exemplo, mas os dois pontos que ele perdeu foi falta de atenção, que, dependendo de uma análise que você tem do aluno, o histórico que se tem o acompanhamento, a gente percebe que ele sabia e, por uma bobeadada, ele errou. Outra coisa também, as tradicionais avaliações de provas, é até inadequado fazer provas objetivas, porém se utilizam para economizar tempo do professor, ganhar tempo na correção, prova objetiva é inadequada para se avaliar um aluno de escola, principalmente quando são questões tiradas de vestibular, essas questões não têm a finalidade específica de avaliar conhecimento, e sim separar os bons, os que dominam mesmo o conteúdo, dos ruins, geralmente essas questões objetivas de A a E tem alternativas que têm a probabilidade de, pôr um descuido, um detalhe, o aluno marca ela, porque essas questões são preparadas para isso. Então questões objetivas não são adequadas para se fazer avaliações tem que ser questões mais abertas que possam trazer discursões reflexões por partes dos alunos, enfim, da trabalho para o professor corrigir, mas é a melhor forma.

Resposta Professor G: A nota? Ela vai poder refletir como é que tá sendo o feedback daquilo que foi trabalhado, se a turma está acompanhando o que a gente está passando, ou a partir daí poder direcionar pra ou aumentar o nível ou diminuir um pouco, depende da demanda da turma, seria mais um referencial ou um termômetro da turma basicamente.

Resposta Professor H: A nota ela é meramente, eu falo, assim, vamos se dizer a nota, a nota é um símbolo, né, é um símbolo que, muitas vezes, dependendo da forma que o professor vai avaliar ou significa tudo ou significa nada, e esse símbolo muitas vezes ele traumatiza os alunos nem sempre quem tira dez é um aluno que realmente participou do processo, o aluno que realmente entendeu toda a dinâmica da sala de aula, de aprender, né, o ato de aprender.

Resposta Professor J: Para termos uma ideia, vamos ver que o aluno tirou sete e oito, não é que tirou sete e oito ele tá no período assim, sou a favor do conceito ABC, B ele

tá em processo, não alcançou ainda, então ele tem sete e oito não tá bom, ainda não entendeu, vamos dizer ele não é totalmente satisfatório, então acho que a nota te ajuda se o aluno tá em processo, se é um aluno regular, se ele é um aluno bom ou se ele é um aluno excelente, que apresenta um desempenho totalmente satisfatório, ela me ajuda a saber o que eu tô fazendo de errado, que ele não está conseguindo, então é importante acaba ajudando, acaba dando todo suporte e no momento que ele está, isolado, então eles tem que se testar também.

A importância da nota

Pergunta 13: No seu entendimento, o que seria o aluno ideal? E o não ideal, que faz por ele?

Resposta Professor B: O aluno ideal é o aluno que busca conhecimento, que tem interesse em conhecimento, aquele aluno que não se atém apenas ao que se é ministrado nas aulas, que busca quando não está dentro da escola, ele busca em casa, nas mídias, busca nos livros, sempre indagando os professores nos conteúdos que foram repassados, esse para mim é o aluno ideal, o aluno que está na busca constante por conhecimento.

Tento tornar o conteúdo mais atrativo, mais interessante principalmente motivar ele aos estudos principalmente, a partir do momento que o conhecimento se torna válido, ele vai começar entender que esse conhecimento é aplicável, então, portanto, fica um conhecimento interessante

Resposta Professor D: É aquele que não falta, é aquele que questiona, mas um questionamento de tentar aprender, é aquele que traz perguntas, dúvidas sobre o conteúdo, é aquele que tem o bom comportamento, que respeita o professor, que respeita os colegas dentro de sala de aula, é aquele vem com vontade de sair com maior conhecimento do que entro.

O objetivo é a gente trabalhar para que ele se torne ideal, é através de conselhos, é parar um pouquinho, é conversar, é tentar despertar ele tirar ele de um caminho ruim para um caminho bom.

Resposta Professor A: Eu simplesmente falo que eu gosto de ter em sala de aula um aluno responsável, eu acho que responsabilidade acima de tudo, acima do conhecimento que a gente transmite pra ele, porque nem sempre a nossa disciplina o nosso conhecimento vai ser válido para esse aluno, mas, se dentro de uma escola, o aluno aprender ser responsável, ele, com certeza, terá um futuro brilhante, então responsabilidade é o que precisamos em nossa escola que os nossos alunos têm. O não

ideal, se trabalhar, exatamente mostrar pra ele como ser um cidadão responsável, porque dentro da escola não é que a gente está querendo que ele atinja notas e metas, simplesmente queremos mostrar para ele a importância de que uma instituição escolar pode tornar ele responsável, ser pontual, apresentar os trabalhos em dia, respeitar seus colegas, isso é ser responsável, coisa que ele vai precisar na sociedade lá fora.

Resposta Professor C: Olha sinceramente sonhar não faz mal, mas também não vou dizer que existe aluno ideal, mas porque ninguém é perfeito, mas acredito que principalmente aquele aluno que busca, que corre atrás, que tem vontade de aprender que participa, mas também se formos pensar o ideal, se todos os alunos fossem assim, mas, aí, lembramos que nem todo aluno é igual, têm ritmos diferentes de aprendizagem, então aquele aluno que não busca às vezes não tem incentivo da família, do professor na sala de aula, então acredito que todo aluno tem possibilidade de ser um aluno ideal, só que, para chegar a isso, tem que se ter todo um trabalho, da família, da escola, a família principalmente, que é uma base muito importante pra se fazer com que o aluno seja uma pessoa curiosa, uma pessoa que busque, interaja na sociedade, em sala de aula, em todos os aspectos mais como estou dizendo não existe o aluno ideal.

Resposta Professor I: Um aluno que participa, debata e questione. Falo muito para meus alunos que eles não aceitem questionem coisas plausíveis não questionar besteiras, mais sempre estando fazendo críticas em determinados conteúdos, não aceitem porque está acontecendo isso ou aquilo. Acho que isso seria o aluno ideal, aquele que levasse crítica, espoe seus conhecimentos e debatendo sempre em sala. O aluno não ideal, converso primeiramente, buscando saber o porquê das atitudes dele, para tentar combater de uma forma mais adequada, porque se o aluno não quer estudar e você entrar logo em discursão com ele só vai piorando a situação, a melhor alternativa que encontro é sentar e conversar, quando descubro seu problema começo a tentar integra-lo com os outros fazendo perguntas e interagindo.

Resposta Professor F: O aluno ideal é o aluno que tem autonomia em estudar, o aluno que, se ele tiver tempo, porque depende muito da realidade os alunos daqui, não tem tempo pra estudar, o aluno que quando se vai trabalhar um capítulo na próxima aula, é ele antecipadamente faz uma leitura daquele conteúdo e, na hora da aula, quando ele teve dúvida, vai tirando durante a aula, pois não é o primeiro contato de informações fazendo com que tenha uma compreensão melhor. Outra também, ele usar ferramentas de aprendizagem, técnicas de aprendizagem, o aluno pode fazer isso, o que não está na realidade dos nosso alunos. Matérias de ciências exatas tem que fazer é conta, conta, conta, pode ter pedagogos que contrariem isso, mas tem que se repetir, ninguém

aprende dirigir em duas ou três aulas da autoescola não, o cara fica olhado para os pedais e câmbio de marcha, depois faz sem olhar, porque de tanto fazer repetição, é a repetição é o que faz solucionar o problema de reprovação das disciplinas de ciências exatas conta, conta, e conta. O aluno olha para a questão, sabe para onde vai e como termina ela.

Resposta Professor G: O bom aluno seria aquele , o ideal seria aquele que tivesse sempre o prazer de assistir sua aula, tivesse empolgação de assistir ela do começo ao fim, e se interessasse pelo que o professor tá passando, tendo essa motivação, com certeza a aula seria perfeita .

Resposta Professor H: O aluno ideal é aquele aluno que tirar dez na sala de aula, mas nem sempre aluno ideal é o aluno que tirar dez. Eu acho que a gente tem que entender que todos os alunos são de alguma forma alunos bons, cada um tem uma vivência, cada um tem uma experiência, acho que temos que aprender a valorizar cada aluno como sendo bom.

Resposta Professor J: Que compreenda um mundo que ele compreenda a ciência, que entenda seu papel na sociedade, o deve na escola num e o aluno ser dez em geografia ou em história. E o aluno não ideal a gente tem que moldar, tenta mostrar pra ele, que não vai sair daqui sabendo tudo e isso é um fato a pesquisa já responde isso, mas a gente espera que, pelo menos, mostre os caminhos, que saiba quer chegar ou aonde ele quer chegar.

A importância da nota

Pergunta 14: O que significa aprovação e reprovação para você?

Resposta Professor B: Bom, aprovação e reprovação estão dentro do mecanismo de avaliação, o contexto de avaliação e reprovação ele é muito subjetivo porque vai muito do perfil do aluno, por exemplo, o aluno pode ser bom numa matéria, mas também não pode ser bom em outra, pode ser reprovado em uma e aprovado em outra, depende muito das questões de motivação de habilidades que ele desenvolver por disciplinas, mas, assim, eu entendo por aprovação quando, o aluno, houve um processo de apreensão desses conhecimentos e tenha capacidade de aplicar ele em seu cotidiano, o que acontece com o aluno reprovado é que ele não vai ter essa capacidade.

Resposta Professor D: Aprovação quer dizer que o aluno assimilou o conteúdo que foi ensinado, ele aprendeu, e reprovação é aquele aluno que passou pela disciplina, mas não assimilou nada, não aprendeu nada. A diferença é que um aprendeu e o outro não teve assimilação do conteúdo, não aprendeu.

Resposta Professor A: Aprovação e reprovação, é como falei antes, em algum momento,

para o aluno, ele precisa ver os números, ele vai ter que ver aqueles números que ele tirou, e aprovar num conceito escolar é o aluno que conseguiu atingir as metas dele, conseguiu atingir a pontuação, já o aluno que reprovou é o aluno que não conseguiu atingir essas metas, porém, no meu conceito, que acho complicado até de falar, atingir as metas pra quê? E porquê? Então cada aluno ele tem seu objetivo, então o aluno que almeja ser um jogador de futebol, por exemplo, e não tem interesse nem um em aprender matemática, português, talvez pra ele seja uma perda de tempo pois poderia está treinando, então fazer com que o aluno atente para isso, que saber que na vida tem perdas, que ele precisa completar um ciclo da vida dele, para poder seguir em frente, a reprovação em algum momento serve para fazer com que o aluno tenha essa questão da responsabilidade.

Resposta Professor C: No contexto atual que estamos, que é complicado reprovarmos, acredito que seja apenas um atraso para o aluno, porque a gente aprova e alguns se reprovam, não é a gente que reprova eles se reprovam. Então se formos pensar em nossa realidade o que acontece é isso, então vejo que acaba que a gente tem que seguir o sistema, a gente tenta fazer com que eles consigam alcançar as metas, conseguindo todos são aprovados e como eu disse reprovar não é o objetivo de nem um professor, acredito eu, então não é nos que queremos reprovar eles se reprovam, mais é um atraso para o aluno e para a instituição também.

Resposta Professor I: Aprovação significa que seu trabalho foi bem executado, que a transmissão de conhecimento foi bem-sucedida. E reprovação ou foi falha do professor ou do aluno ou de ambos são essas opções que temos.

Resposta Professor F: Ai é o mínimo. O aluno não atinge o mínimo reprova! Atinge aprova!

Resposta Professor G: Então, aprovação seria o aluno atingir um grau de conhecimento que o habilite a desempenha uma atividade naquela área , no caso da minha era técnica o aluno que foi aprovado em bovinocultura ele tem que sabe o básico pra poder maneja bovinos, seria os conhecimentos chaves que e ele tem que ter.

Resposta Professor H: Uma faca de dois gumes, muitas vezes reprovar significa punir o aluno, que teve entre aspas o mau comportamento em sala de aula, mas porque teve um mau comportamento durante esse processo avaliativo, tornalizou o quê o avaliou, a questão social do aluno, não avaliou mal acompanhamento por ter toda aquele comportamento. Então acho que a gente tem que pensar um pouquinho sobre isso.

Resposta Professor J: Se formos olhar no nosso contexto, a aprovação é o aluno que atingiu seu objetivo, que tirou a nota a média pelo menos no mínimo e seguiu por um ano

seguinte, então ele foi aprovado. Reprovação é o aluno que não atingiu o mínimo esperado, porém esse conceito de reprovação é praticamente inexistente pois eles tem tantas oportunidades, reprovação é o aluno que ainda está em processo que ele ainda não atingiu o satisfatório.

A importância da nota

Pergunta 15: Qual a importância da avaliação na formação do aluno? Explique.

Resposta Professor B: Avaliação vem como instrumento fundamental, porque, a partir do momento que você consegue avaliar esse aluno e ver que ele conseguiu ser aprovado, você sabe que, a partir do momento que ele sair aprovado com um instrumento de avaliação eficaz, ele vai ser um aluno que tem a capacidade de aplicar os conhecimentos obtidos dentro de sala de aula e por tanto se tornar um aluno cidadão.

Resposta Professor D: Como eu falei, a avaliação ela é importante para o aluno para verificar se ele aprendeu o conteúdo, se ele tem mesmo o conhecimento sobre aquele conteúdo, então é a forma de avaliar se ele teve uma boa participação na disciplina, no conteúdo.

Resposta Professor A: A avaliação faz com que o aluno acabe aprendendo a questão da responsabilidade, se a gente não avaliar o aluno ele não vai achar tão importante a escola, imagine uma escola onde o aluno não é avaliado, simplesmente ele tem que ir para escola frequentar as aulas sem nem um tipo de avaliação, será que terminaríamos o ano letivo com quantos alunos em sala de aula, sem ele ser avaliado? Será que ele teria a responsabilidade de ir? Infelizmente, todas as escolas, principalmente as escolas públicas, a avaliação é um meio de deixar o aluno atento dentro de sala de aula, infelizmente é assim, infelizmente.

Resposta Professor C: Olha, eu acho que tanto para o professor, que quer verificar se ele chega aos objetivos deles naquele conteúdo ou naquela aula, ou naquele bimestre, ou semestre, através da nota ou das avaliações, acredito que, para o aluno, também serve para verificar se ele tá indo bem, no que ele tá se propondo a fazer na sala de aula todos os dias.

Resposta Professor I: Para o aluno, uma aprovação quer dizer que durante todo período do ano que ele curso foi capaz de adquirir conhecimentos e, por isso, obteve aprovação.

Resposta Professor F: Primeiro gera responsabilidade, porque se não existisse avaliação, só fosse passar conteúdo, era difícil, porque aluno não está preocupado em adquirir conhecimento, o que faz ele ter uma pequena responsabilidade, é ele saber que vai existir uma avaliação, é através desta avaliação ele pode ser reprovado. Por isso que a avaliação reflete no aluno no quesito de ele ter responsabilidade diante daquilo que ele

esta imposto.
Resposta Professor G: Seria obtenção de conhecimento, que ele vai usar na vida profissional dele.
Resposta Professor H: Acho que avaliação é importante, porque ajuda na dimensão do trabalho docente na sala de aula, se realmente surgiu efeito positivo ou não, se o aluno realmente compreendeu, se ele tem uma perspectiva, se aquele conhecimento é importante do dia a dia dele na prática no seu cotidiano.
Resposta Professor J: Porque ele tem que ter conhecimento, de como ele está, não pode pensar que está super bem e chegar numa prova e ir mau, tem que ter noção daquele ali, tem que saber, que eu acho que a importância está ali, porque o aluno quando pega uma prova que vê que “errei aqui, errei ali”, esse instrumento de avaliação serve pra ele crescer, pra ele ver que não está bem, e também quando vai apresentar um trabalho, então na hora que tem dificuldade, aquele instrumento esta mostrando aquilo pra ele, então o instrumento, ou a avaliação em si tem esse papel de mostrar, pra esse aluno que ele tem que se dedicar mais.

A importância da nota

Pergunta 16: Ao longo do processo de avaliação, como enxerga o erro nas respostas dos alunos? Pode comentar?

Resposta Professor B: Olha, o erro que eu enxergo por parte dos alunos são erros que acontecem por falta de atenção nos momentos das aulas ou ao longo do processo de ensino, explicações, correção de atividade, que eles acabam levando para as provas; claro que você vai encontrar erros básicos que vêm lá da base, como de português, de matemática, que acabam atrapalhando o processo de interpretação de texto, que acabam dificultando muito as outras disciplinas, agora, eu enxergo o erro também como um momento positivo, porque a partir do erro você pode construir o acerto em cima disso.

Resposta Professor D: No caso da minha disciplina, que é química, tem cálculos, outros somente dissertativo, então eu enxergo o erro tanto na escrita, quando escreve coisa com coisa ,e de cálculo, quando erra parte de sinais somar multiplicar e dividir.

Resposta Professor A: Bom,oO erro nas respostas dos alunos é exatamente a falta de atenção, em algum momento o aluno não está atento, em algum momento não foi responsável com ele mesmo, de poder se preparar para uma avaliação, pode ser também algum motivo social que o aluno está enfrentando, então são vários os motivos de fracasso que o aluno pode ter um bom rendimento ou mal rendimento em uma avaliação.

Resposta Professor C: Posso! Muitas vezes, os erros dos alunos também são por conta da forma que a gente pergunta, acontece muito isso, temos que ter muito cuidado, a gente erra muito também, temos que reconhecer, a gente pergunta, eh, para eles não está claro, eh acaba eles respondendo aquilo que eles compreendem, às vezes ficam chateado, mas, se refletimos um pouco, temos que ter esse cuidado, só que vejo também muito dos erros dos alunos, que eles misturam muitas informações, eles não conseguem adquirir os conceitos concretos, e aí ficam muito na abstração, misturam as coisas e, de vez em quando, saem umas respostas sem noção, eh, aí cabe ao professor tentar tirar dali o que realmente é importante, se ele perceber que o aluno compreendeu, tranquilo, mesmo da forma que ele responder, tem que ter todo um cuidado.

Resposta Professor I: Através de erros ortográficos acho que é o maior.

Resposta Professor F: O correto é o professor fazer uma avaliação, se ele vez uma avaliação dez questões por exemplo, ele discutir essa avaliação ao entregar para os alunos, o ideal é aluno por aluno, chamar em particular, é explicar onde ele errou, o que ele errou, o que deveria ser o correto, pois se o aluno faz uma avaliação, é aqueles erros que ele teve, não for orientado porque obteve aqueles erros, como ele vai suprir essa deficiência? Isso não acontece porque diversos fatores, tempo carga horária não é disponível, quantitativo de alunos grande, tornando inviável fazer isso. Mas, no mínimo, o professor tem que fazer o que? Aplicar uma avaliação, ler com a turma e fazer uma correção geral questão por questão, explicando a forma correta.

Resposta Professor G: Eh, existe várias formas de erro. né, tem aquele erro que vê que o aluno não tinha nenhum conhecimento e aquele que ele errou por pouco, mas aquele erro não vai dizer que ele não conhece o assunto.

Resposta Professor H: Depende do erro! Acho que, às vezes, a gente, como educador, comete erro na avaliação, assim a tendência é o aluno a cometer o erro. Lembro que tem uma pergunta que eu coloquei assim, que eu considero que foi um erro. Exemplo de um animal com sangue frio? Os meninos colocaram assim: "a cobra", "o crocodilo, que ele mata!", "eles têm sangue frio porque matam".

Resposta Professor J: No desenvolvimento da uma questão, na má interpretação dela.

Outros

Pergunta 17: Sabe-se que ao longo do processo de ensino a escola usou com muita frequência um modelo de ensinar e de avaliação conhecido como tradicional. Pode me dizer se tivemos mudanças nesse modelo de ensino e de avaliação da aprendizagem nos últimos tempos? Sim ou não? Explique a sua resposta.

Resposta Professor B: Sim, eu vejo o modelo tradicional como um modelo que ainda é

utilizado, como foi falado anteriormente, eu utilizo esse modelo, mas foram criados outras formas de avaliação: o modelo construtivista, que avalia o processo ao longo da vida escolar dele, de fato houve a mudança, a própria sociedade, as inovações tecnológicas que são utilizadas dentro do processo de ensino, um aluno que está mais antenado, um aluno com muito mais acesso à informação, de fato, a avaliação tem que se modelar diante dessa sociedade. Antigamente, o modelo tradicional era baseado somente em conteúdo, prova, onde era levado em consideração apenas o contexto quantitativo, era aquela nota, o contexto de aprovado ou não. O modelo tradicional que eu utilizo, a prova em si, não é o que vai determinar se o aluno aprendeu ou não, o mais importante dentro da prova em si é corrigir os erros do aluno e não utilizar apenas como instrumento de reprovação, mas utilizar aquela nota como instrumento de correção dos erros dele, fazendo a correção das provas, e para fazer o acompanhamento deles ao longo do bimestre. Agora, o que eu levo do tradicional é esse contexto das avaliações que são aplicadas, essa nota se falando de provas, de prova objetiva, ela é utilizada como um processo de construção do aluno, não como um processo de reprovação. Eu utilizo instrumentos de pesquisa onde o aluno aprofunda o conhecimento, trabalhos, correções, participação de atividades participação dentro de sala de aula, o próprio andamento do aluno ao longo do semestre, então tudo isso também é levado em consideração.

Resposta Professor D: Eu creio que sim, houve uma mudança, hoje temos um olhar mais humano para o aluno, durante o próprio semestre a gente acaba avaliando se aluno que está indo mal na disciplina com a questão de falta de interesse ou questões particulares detectadas antes, dá para se trabalhar para que o aluno possa ter um bom aproveitamento na disciplina. O que mudou agora foi o olhar humano, olhar para o aluno, é ver que ele é um ser humano, é uma pessoa que também sofre com questões familiares, com questões da sociedade, mudou a questão do olhar.

Resposta Professor A: Com certeza sim! Posso dizer que sim, em minha parte como professor e aluno, pois fui aluno no tempo em que se fazia tabuada com palmatória na mão, cada coleguinha tinha direito de ficar com a palmatória na mão e perguntar para o outro e bater, e era apenas uma prova, não tinha trabalho, então eu vivenciei, trabalhei em conservatório, tínhamos apenas uma prova, era apenas uma prova, se o aluno passou e sem recuperação sem nada, se passou, passou, se não passou, não passou, então já na escola de educação básica existem várias maneiras de fazer com que o aluno consiga reforçar suas notas, suas metas. Então existe sim uma grande diferença nesse tipo de avaliação.

Resposta Professor C: Acho que melhorou, pelo menos em nossa instituição temos a

possibilidade de se trabalhar diversas formas de avaliar nossos alunos, até porque possuímos alguns recursos didáticos que ajudam a gente incrementar nossas aulas, possibilitando um leque de oportunidades, enfim, para avaliar os alunos, acredito que no instituto, não sei nas demais escolas, eu acredito que ainda existe a questão da prova do modelo tradicional sim, mas acho que a gente já avançou bastante quanto a isso.

Resposta Professor I: Acho que ainda não, o modelo tradicional ainda é muito utilizado por grande parte dos professores de exatas, existe uma barreira a ser quebradas, mas de pouco em pouco possa ser que haja uma mudança, mas o modelo tradicional ainda é muito forte.

Resposta Professor F: Teve não! É assim, por que que se usa a prova? porque é uma avaliação que você vai ter o quantitativo de nota, em cada questão, se o aluno acertou tem a nota, se o aluno não acertou não tem a nota, assim você terá uma nota em que você não usará um critério subjetivo, e sim um critério bem objetivo. É diferente de uma questão oral, é diferente de questões abertas e diferente de uma discussão. Existem tantos meios de avaliações que você pode tirar um parâmetro mais flexível, como portfólio, peças teatrais. A prova é utilizado por ter um valor fechado, mais fixo.

Resposta Professor G: Eu acho que sim, mas ela não tá difundida a todo sistema educacional, acho que a gente consegue ter algumas escolas inovadoras, mas são minorias.

Resposta Professor H: Mudanças entre partes, acho que estamos caminhando, tá engatinhando ainda nesse processo, começando pelas universidades, tá começando, mas tem muito trabalho para se fazer na formação docente. Acho que o calcanhar de Aquiles tá na formação docente, acho que replicamos uma prática da universidade em nosso dia a dia.

Resposta Professor J: Sim, tivemos, porém nem todos foram satisfatórios, nem toda mudança é pra melhor, então não estou dizendo que só o ensino progressista e só o ensino tradicional é bom, existe métodos, numa classe de 30 alunos um vai aprender melhor no método tradicional e outro no método progressistas, ou vai entender melhor quando mandar pra uma biblioteca, um vai ter essa característica, então mais variados forem os teus instrumentos melhor vai ser o desempenho dos alunos. Então, não é só eu fazer uma proposta de modelagem, não vou atingir todos os conteúdos com essa proposta, não posso passar um ano inteiro, mas eu posso fazer em um momento do ano.

Outros

Pergunta 18: Em relação as novas tecnologias, você utiliza algum recurso como: celular, tablete, vídeos, material da internet etc., para reforçar sua prática

pedagógica? Explique.

Resposta Professor B: Não, é nem uma opção você utilizar, é uma necessidade esse aluno hoje tecnológico, ele precisa dessas mídias para atrair, então você tem vídeos, a própria internet, que são instrumentos importantíssimos para produção na área como cartografia, e essas tecnologias podem ser utilizadas.

Resposta Professor D: Uso sim: computador, celular, tablet, pen driver, data show, vídeos, slides, uso bastante.

Resposta Professor A: Sim! Minhas aulas são basicamente ministradas com vídeos e data show, som, uso programas que posso facilitar o conteúdo que posso para o aluno, se eu passo um conteúdo que está complicado com a turma, com essa ferramenta eu posso facilitar a aprendizagem, tornando mais interessante para eles, então a tecnologia ele sempre está ajudando.

Resposta Professor C: Uso, uso bastante, acredito que isso é muito importante, apesar de alguns professores ainda resistirem às novas tecnologias, outros sentem muitas dificuldades, para usá-las, acho que é importante devido o momento que vivemos hoje, em um mundo globalizado, um mundo totalmente informatizado e o nosso aluno de hoje não é o aluno de ontem, então se a gente não acompanha fica difícil o processo de ensino e, assim como falei, quanto mais recurso conseguimos usar, mais podemos obter resultados positivos.

Resposta Professor I: Sim! Internet hoje é um meio de se obter informação muito rápido, pode ser muito bem utilizado de forma adequada, computadores, pesquisa, softwares, então utilizo muito em minhas aulas.

Resposta Professor F: Sim! Vídeos, teleaulas, simulações virtuais, etc..

Resposta Professor G: Sim, geralmente vídeos do youtube, vídeos que estão disponíveis, imagens também.

Resposta Professor H: Não tem como a gente fugir dessa, pois se fugirmos dessa, você fica para trás, meu filho, acompanhando o processo tecnológico, o professor que não se atualiza, fica para trás, pois o aluno também vai ter seu atrativo na sala de aula, infelizmente.

Resposta Professor J: Então, desde o dia que entrei no campus não utilizei, nem todas salas de aulas tem data show e utilizo, o tablet eu não tenho, então eu não acho que seja um meio bom pra se utilizar, porque sou totalmente a favor de levar para um laboratório e trabalhar com software específico na minha área, pra desenvolver um conteúdo específico, com objetivo pré-definido, só que isso desacomoda e dá muito trabalho e sempre é uma proposta que acho válida , porque se não tem noção de atingir, talvez você não consiga um histórico eficaz.